

Ano 02 - Edição 09 - Maio/Jun de 2018



REVISTA LITERALIVRE[©]

Distribuição Gratuita

Literatura com Liberdade



Ano 02 - Edição 09 - Maio/Jun de 2018
Jacareí - SP - Brasil

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Distribuição: Gratuita online em pdf

Conselho Editorial: Ana Rosenrot, Julio Cesar Martins e Alefy Santana

Editora-chefe: Ana Rosenrot

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Suporte Corporativo:
Julio Cesar Martins – Alefy Santana

Revisão: Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: Gerson Machado De Avillez

Site da revista:
<http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralive/comoparticipar>

Contato: revistaliteralive@yahoo.com

Página do Facebook:
<https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre>

Autor Corporativo: Julio Cesar Martins
Endereço: Rua Dos Cravos, 106 – Parque Santo Antonio –
Jacareí/SP - CEP: 12.309.360

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo. Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.

Direitos Autorais:

Os textos e imagens aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que sejam preservados os nomes de seus respectivos autores, que seja citada a fonte e que a utilização seja sem fins lucrativos. Seguindo também a doutrina de “fair use” da Lei de Copyright dos EUA (§107-112)

A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto ou imagem e dos textos das colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.



Edições (atual e anteriores):
<http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralive/edicoes>

© Todos os direitos reservados



(SHA256):5208fa8de9a9551cdd2156b3e9cc4506c1c2
4e3ec6714d79013a7511a3800ea0

Editorial

Amigos(as), a 9ª edição da Revista LiteraLivre acaba de sair do forno. Numa verdadeira sopa de letras, temos os mais variados textos e estilos, um alimento rico para nutrir nossas almas e corações.

Nesta edição também trazemos o e-book “*Olhos Apagados*” do escritor Carlos H. F. Gomes, disponível para leitura e download, a chamada para o “10º Festival de Sonetos da Ajletras” (uma grande oportunidade para os amantes do gênero); continuamos com a divulgação da convocatória do Projeto “A Arte do Terror” e temos uma novidade: um canal do youtube onde podemos “ouvir” textos clássicos e populares, narrados pelo talentoso Marcelo Fávaro, uma ótima pedida para aguentar horas no trânsito, ou em qualquer lugar onde estivermos longe de nossos amados livros.

Quero agradecer aos autores, a todos que participaram, aos queridos leitores que nos acompanham e a todos que divulgam a Literatura com Liberdade ao redor do mundo.

Meu agradecimento especial vai para o escritor, fotógrafo e grande amigo Gerson Machado De Avillez, que sempre contribui conosco com textos e fotos incríveis e assina a capa desta edição!!

Obrigada amigos(as)!!!

Vamos mudar o mundo através das palavras!!!

A stylized, handwritten signature in black ink, consisting of a large 'A' followed by a horizontal line and a cursive 'R'.

Ana Rosenrot
Editora-chefe

Neste Número:

Foto.....	1
Coluna CULTÍssimo.....	2
Livros Baseados em Filmes.....	2
“A Casa Caiu”	6
A Avenida.....	10
A Estação.....	12
A menina que queria ser rosa.....	14
A Mesma Mulher.....	15
A Morte do Boi.....	17
A Mulher do Espelho.....	19
A Muralha.....	20
A Palavra Lavra.....	23
A Última Saracura-do-Mangue.....	25
A Velha.....	26
A Viúva Machado.....	27
Abacate com Mel.....	31
Amamentação.....	33
Amor Depois da Versão de Testes.....	34
Análise para Carlos.....	35
Artista do Mês.....	36
Frida Kahlo.....	36
Augúrio.....	38
Babel.....	39
Banho de mel.....	40
Baú de histórias.....	41
Cabernet.....	43
Cadeira de Rodas.....	44
Cegueira.....	46
Cerca Elétrica.....	47
Céu Vermelho.....	49
Cidade dos Padrões.....	50
Delicioso Bolo.....	51
Dia de Festa.....	53
Emilai.....	54
Escuro.....	56
Fala do Instinto.....	57
Famílias.....	58
Feminicídio.....	59
Flácida Acomodação.....	60
Haikai Engraçadinho.....	61
Hora Final.....	63
Horácio e Flor.....	64
Íntegra Existência.....	66
Liberdade de Expressão.....	67
Longe de Mim.....	68
Lua.....	69
Lupanar.....	70
Luto é Verbo.....	71
Luz.....	72
Mãe.....	73

Marias do Meu Nordeste.....	74
Masil 101.....	76
Meu Presidente.....	79
Nirvana.....	82
Nossos Corpos e a Natureza.....	83
O Artista e a Fênix.....	84
O desaparecimento do menino Wan.....	85
O dia em que Jeca Tatuado levou Shandra Brega pro samba.....	88
O Estranho Caso da Vírgula.....	89
O Impulso de Eros.....	90
O Incendiário.....	91
O meu ir e vir pelo caminho da Mata.....	94
O Mundo Que Deus Não Pensou.....	95
O que dita o coração.....	97
O que levarei.....	99
O Último Dia.....	100
Olhos.....	101
Paiaçuás. Verdadeiros Piracicabanos.....	102
Perda.....	105
Permissões (bussolar).....	106
Piloto Automático.....	107
Planeta dos Espíritos.....	108
Poesia da Insônia Amorosa.....	110
Por Uma Deusa.....	111
Pouco leite para tanta gente ruim.....	112
Refúgio da Madrugada.....	115
Relíquias.....	116
Roleta.....	118
Rosas de Honra.....	119
Rua das Pedras.....	120
Saída de Garagem.....	122
Sangue da Rocha.....	124
Senhora.....	127
Suicídio Assistido Sobre Trilhos.....	128
Um poema para a vida.....	130
Uma Cidade Chamada Inspiração.....	132
Uma Trova Pela Paz.....	136
Via-Crúcis.....	137
Vida de Lixo.....	139
Voos Marginais.....	141
Votar em prol de um país pior.....	142
Zepelins Imaginários.....	144
Convocatória: A Arte do Terror – Volume 5 - “A Arte da Guerra”.....	145
Lançamento E-book Olhos Apagados.....	146
10º Festival de Sonetos da Ajletras.....	148
Conto um conto – vamos “ouvir” literatura.....	149
LiteraAmigos.....	150



Foto

Leo Dias – Porto Alegre/RS





CULTíssimo

Ana Rosenrot

Coluna CULTíssimo

Livros Baseados em Filmes

Normalmente vemos dezenas de filmes baseados em livros; alguns seguem fielmente a história original e outros (a maioria) faz diversas adaptações e até mesmo alteram itens importantes, tais como: a idade dos personagens, a característica física e até mesmo o final. Uma premissa muito comum entre os amantes de livros é considerar “o livro melhor do que o filme”. Mas este conceito é algo precisa ser revisto, pois, existe uma enorme diferença entre a linguagem cinematográfica e literária; num livro a história precisa ser contada de forma minuciosa e com riqueza de detalhes, contando somente com a imaginação, o cotidiano e os sentimentos pessoais do leitor para “ganhar vida”, no cinema é totalmente o inverso: transpor cada capítulo de um

livro para um filme é praticamente impossível, por isso é necessária a adaptação da obra literária em roteiro, levando em conta a ambientação, a fotografia, iluminação, continuidade, os atores que interpretarão os personagens e o mais importante: a coerência. Muito do que vemos em um livro se tornaria bizarro ou antiético/estético num filme.

Mas e quando o inverso é feito? Filmes ou séries fazem tanto sucesso e são tão cultuados que acabam com os roteiros adaptados em livros, será que o resultado é bom?

É isso que trago hoje para vocês: filmes ou séries que foram transformadas em livros, a maioria grandes sucessos de venda.

Conheçam os livros que separei, leiam e vejam se os autores conseguiram “captar” a mensagem do filme/série e



se foram capazes de criar uma boa atmosfera de leitura.

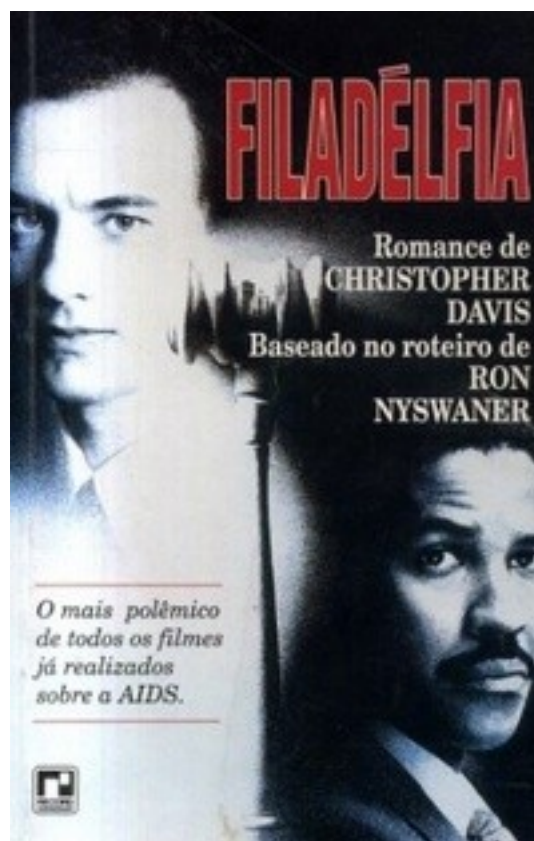
Obrigada aos leitores e na próxima edição tem mais.



A Garota da Capa Vermelha – Escrito por Sarah Blakley-Cartwright e baseado no roteiro de David Leslie Johnson

Sinopse: Quando Valerie descobre que sua irmã foi assassinada pela lendária criatura, ela acaba mergulhando de forma irresistível em um grande mistério que vem amaldiçoando sua aldeia por gerações. A revelação vem com Father Solomon: o Lobo habita entre eles – o que torna qualquer pessoa do vilarejo suspeita. Estaria Peter, sua paixão secreta desde a infância, envolvido nos

ataques? Ou seria Henry, seu noivo, o Lobisomem que assola as redondezas? Ou talvez, alguém mais próximo? Enquanto todos estão à caça da besta, Valerie recorre à avó em busca de ajuda: ela dá à neta uma capa vermelha feita à mão e a orienta através da rede de mentiras, intrigas e decepções que vem controlando o vilarejo por muito tempo. Descobrirá Valerie o culpado por trás do lobo antes que toda a aldeia seja exterminada?



Filadélfia – Escrito por Christopher Davis, baseado no roteiro de Ron Nyswaner



Sinopse: Neste surpreendente e polêmico romance, Christopher Davis trata do tema da Aids, falando sobre mortalidade e discriminação contra os gays na América. Andrew Beckett, advogado homossexual de uma tradicional firma de advocacia da Filadélfia, é demitido quando seus superiores descobrem que ele é soropositivo. A AIDS, além de causar-lhe uma experiência pessoal dramática, afeta-lhe a reputação profissional, isolando-o do convívio de amigos e da sociedade. Apenas a família e o amante dão apoio ao advogado. Um drama humano, uma luta de vida e de morte e uma decisão de tribunal fazem ressurgir uma antiga discussão: até que ponto o preconceito e a discriminação podem destruir a vida de um ser humano?



Arquivo X – Novelização dos episódios da série em 11 livros – Escritos por Les Martins, baseados nos roteiros de Cris Carter.

Sinopse: Serie de 10 livros que reproduzem fielmente episódios da série de ficção científica e terror Arquivo X. Outros livros com os personagens da série surgiram posteriormente e podem ser facilmente encontrados em livrarias.



Chico Xavier – A história do filme de Daniel Filho, escrito por Marcel Souto Maior.



Sinopse: A história de vida de um dos homens mais amados e respeitados do Brasil é uma grande homenagem aos 100 anos de seu nascimento.

Marcel Souto Maior e Daniel Filho contam como foi o período de gravações, curiosidades e fatos marcantes que aconteceram durante o projeto.



John Carter entre dois mundos –

Escrito por Stuart Moore e baseado no roteiro de Andrew Stanton & Mark Andrews E Michael Chabon e no conto

Uma Princesa De Marte De Edgar Rice Burroughs

Sinopse: Perdido em um mundo, encontrado em outro. Guerra civil, EUA. John Carter, um soldado veterano, é misteriosamente transportado para Barsoom, o planeta vermelho, conhecido como Marte, habitado pela raça dos tharks. Envolvido em um conflito de proporções épicas, ao redor de uma guerra alienígena, Carter precisa lutar para manter vivos dentro de si dois dos sentimentos humanos mais conhecidos: a esperança e o amor.

Para contato e/ou sugestões:
anarosenrot@yahoo.com.br

<https://www.facebook.com/cultissimoanarosenrot>



“A Casa Caiu”

Clélia Jane Dutra
Contagem/MG

“A casa caiu” é uma expressão que pode ser usada por grupos delinquentes para se referirem a uma operação que falhou e a polícia desarticulou a quadrilha. Mas, na história abaixo, essa expressão tem outro significado.

Estava, hoje à tarde, janeiro, férias, “navegando na Internet”. Lembrei-me de um desejo antigo meu. Há trinta anos mudei-me da Avenida Amazonas, 8286. Ali, entre os bairros Vila Oeste e Cabana. Desde então, quis retornar àquela casa. O computador foi a solução.

Meu pai, que também é conhecido pelas expressões: “Pau-para-toda-obra”, “Não espero para trabalhar, vou esperar para comer?”, “Quem vai à frente bebe água limpa”, foi morar nesse local com a família ainda em formação. Trabalhador incansável fez um “pé-de-meia”, comprou uma pequena casa com varanda, dando fundos para o Córrego Tijuca e com um vasto quintal de árvores frutíferas com a frente para a Avenida Amazonas. Na ocasião a família era composta por minha mãe (olhos azuis e muito bonita com os cabelos cacheados) e os quatro filhos: Kleber, Clério, Lúcia e Tânia. Todos com espaço para brincar, brigar, correr, com joelhos ralados, recebendo doses diárias de xingos e carinhos.

Mamãe raramente perdia a paciência. Claro, às vezes, gritava e distribuía uns beliscões torcidos que doíam para valer. Boa “parideira”, não permitiu que a família, já numerosa, parasse por aí. Graças a Deus. Sendo assim, após três anos, na nova casa, vim ao mundo.

Portanto, a casa dos fundos da Amazonas foi a primeira em que morei. Ela está registrada na minha memória. Lembro-me do quintal dos fundos, onde, o pintinho trocado por garrafas vazias em um caminhão, cresceu. Como ele foi para lá bem pequeno, dormia à noite em uma caixa de papelão, aquecida por uma lâmpada incandescente e era alimentado por nossas mãos com canjiquinha. Tornou-se um galo forte e ranzinza, que corria atrás de qualquer um, simplesmente pelo prazer de cravar seu bico. Um dia, ele foi vítima das flechas do meu irmão Kleber, feitas com barbatanas de sombrinhas velhas. O galo



sucumbiu pela manhã e à noite foi servido no jantar. Minha avó, Dinha Aurora, o preparou no fogão a lenha. Ela e minha tia Preta foram morar conosco após o nascimento do Cleiton, meu próximo irmão na escala. Depois dele vieram a Kate e o Clemir. Eu não quis comer nenhum pedaço do “Galinho”, tinha afeição a ele, apesar da sua ingratidão. Fui dormir com os olhos vermelhos, no colchão de palha seca.

O quintal dos fundos inundava durante o período das águas, quando o pequeno córrego Tijuca, que carregava normalmente um fio fedorento de água leitosa da fábrica Itambé, transformava-se em um gigante de turbilhões barrentos e varria além de seus limites. Nessas ocasiões para mim também era bom. O que me importava eram os barquinhos de papéis coloridos, flutuando no mar alaranjado que se formava na borda da janela da cozinha. Quanta dor de cabeça para os moradores adultos! Tormento que fez o papai construir o prédio de frente para a Avenida Amazonas e nos afastar dessa ameaça.

Embaixo do prédio, ficava o porão. Lugar escuro, abafado, que servia para guardar sucata. Não gostávamos de ficar no porão, pois no lugar tinha pulgas e outros insetos, pois os cachorros dormiam lá. Recordo que meus irmãos mais velhos, uma vez, foram colocados de castigo naquele lugar, pelo meu pai. Porém, eu frequentava, de vez em quando, o porão, para brincar, numa espécie de expedição. Certa vez, numa tarde de Sexta-feira da Paixão, encontrei um minúsculo camundongo entre a porta e um monte de brita que seria usada em alguma reforma. Peguei um toquinho e preendi a cauda dele. O bichinho grunhia, sofreu até eu me cansar e soltá-lo. Corri e fui rindo contar à minha mãe. Maria, na sua meiguice de olhos azuis, muito calma, disse-me que era Sexta-feira da Paixão, que Nosso senhor Jesus Cristo padecia na cruz e que eu jamais poderia ter feito isso. Então, justifiquei que o rato é um bicho que ninguém gosta. Ela disse-me que na vida eu encontraria, talvez, pessoas que não gostariam de mim e nem por isto, teriam o direito de maltratar-me. Senti-me menor do que era, pelo que fiz.

Na minha cabeça existiam duas realidades, dois mundos dentro daqueles limites. O quintal dos fundos era o mundo dos pobres, do galinho, das enchentes,



do cheiro ruim do córrego e dos porcos que o papai os engordava para o Natal, em um chiqueiro de ferro. Por falar nisso, quando não havia porcos, mamãe lavava o chiqueiro com creolina e muita água. Então, ele virava uma casinha chique para brincarmos de boneca. Era pelo quintal dos fundos que saíamos com as latas, atravessávamos a pontezinha de madeira e íamos pelo campinho florido, buscar água, no poço da Itambé, na época da seca.

O outro mundo era a área da frente, que dava para a Avenida Amazonas e era bem maior. O mundo dos ricos, do balanço e escorregador, das roseiras que davam sombras na vidraça do quarto, dos pés de frutas, do banco de madeira onde mamãe sentava-se para nos contar histórias. Era ali que andávamos de patinete e o papai ligava a “radiola” para tocar seus boleros. Lembro-me da Jacira, minha prima, com o vestido tubinho e sapatos de saltos altos, rodando ao sabor de “La Paloma” nas infinitas festas dadas por qualquer motivo.

Tanta coisa fez com que a casa ficasse impregnada na minha mente. As doze pessoas que lá viviam, a gata Pretinha, o passarinho Rolinha, o Peri, meu cachorro mais antigo, a Márcia, minha primeira “filha”, os quartos abarrotados de camas, as fogueiras de São Pedro, os Natais.

A vida não era fácil, mas também não era tão difícil. Sempre foi boa. Nos Natais a alegria era garantida e os presentes chegavam. As bonecas que tinham desaparecido misteriosamente, meses antes, surgiam com vestidos novos e bochechas rosadas. Os velocípedes e os patinetes eram entregues reluzentes nas novas cores. O porco assado, as saladas, o tutu-de-feijão, a farofa, os doces e as garrafas de Coca-Cola enchiam as mesas para os de casa, primos, tios e amigos que surgissem.

Mesmo depois que nos mudamos para a casa grande da Amazonas, não deixei de visitar, algumas vezes, a casa dos fundos.

Morei por dez anos nos fundos. A mudança para a casa nova foi um acontecimento. A casa no segundo andar tinha janelas com vidro fumê, sala e copa conjugadas, quatro quartos com pisos de sinteco, paredes com azulejos, a varanda de cerâmica vermelha e rampas de pedras, a vista do trânsito na Avenida e muito barulho. Esse foi o problema maior, acrescido de outros



contratempos: a poeira, as freadas assustadoras, os atropelamentos, a insônia. Aguentamos firmes por seis anos. Até que o papai construiu outra casa. Fomos todos para a Vila Oeste, casinha gostosa, lugar aparentemente mais tranquilo.

Como disse, sempre quis voltar a minha casa inicial, desde aquela manhã quando saí para a aula. Cursava Eletrotécnica no CEFET/MG. Saí cedo enquanto a mudança para a nova moradia estava começando. Quando retornei, no início da noite, o portão estava trancado. No lugar, mais nenhuma xícara, uma única peça de roupa, um livro. Segurei nas grades, numa firmeza de saudade. No escuro senti a rampa de pedras que se estendia à minha frente, revestida com a solidão do abandono. Há quase trinta anos não me despedi da casa.

Hoje, através da Internet, com o programa Google Earth, parti da minha casa em Contagem e fiz todo o trajeto até a moradia inicial. Foi uma viagem. Apesar de virtual, levou um pequeno tempo, concentração e ansiedade. Parti da Rua Maria José da Rocha, fiz um pequeno trajeto até pegar a Avenida João César de Oliveira (principal em Contagem), percorri toda ela. Passei por vários bairros para chegar à antiga Biscoito Cardoso. Peguei a Avenida Amazonas e segui até as proximidades do meu objetivo. Levei certo tempo para identificar a casa, da frente. Ainda existem as duas árvores sobre a calçada larga. Focalizei, aumentei o zoom. Visualizei a parte da área sobre a casa, no segundo andar, onde tantas vezes rodei de bicicleta, protegida apenas por uma mureta de tijolos vermelhos. Fui para os fundos procurar o telhado da antiga casa. Que surpresa! A casa não está mais lá. Apenas um terreno árido, plano, sem nenhuma construção e o muro, cujo limite é a rua pavimentada sobre o Córrego Tijuca, canalizado.

Fiquei com uma dor no fundinho do peito. Onde foi parar o fogão a lenha da Dinha? O quarto do papai com a vidraça de tranca de ferrolho? O corredor que tanto medo nos causou à noite? Tudo no chão. A casa caiu! Talvez através das pás impiedosas de um trator enfurecido. Talvez por fragilidade das vigas e estruturas que se romperam por não suportar o peso de tantos guardados, de alguma dor e muitas alegrias.





A Avenida

Alan Cardoso

Niterói/RJ

“Já não se ouvem as festas de carnaval há muito tempo. O Rio de Janeiro não é mais o mesmo. Desde que os teocratas assumiram o poder os muros são cinzas e as avenidas silenciosas. Jamais se viu país mais unido; pelo motivo errado, no entanto”

— Ô Marta, você vai? - disse uma voz masculina pelo telefone.

—Porra, Júlio. Já disse que não sei, cara. Tô meio enrolada. Não sei.

“A nação se ergueu como um monstro, o fascio estava muito bem amarrado. Primeiro tiraram nossas cores, depois nossas religiões e por último nossa festa”

Marta desligou abruptamente o telefone, tirou da face suada os densos cabelos negros e checou pela fresta diante de si, nervosa. A rua estava morbidamente quieta e o sol cobria tudo com uma película de brilhante ardor. A criança chorou.

—Quietinho, meu amor. Quietinho. Papai já vai voltar.

“A arte foi proibida. O único livro que podemos ler é a bíblia e a única música que ouvimos é a sirene das praças anunciando o horário das orações obrigatórias. Temíamos uma distopia, hoje tememos respirar. Estou sozinha com meu bebê e nada mais me faz lutar senão o desejo de um futuro melhor para ele”

O barraco ficava cada vez mais quente e os pedaços de papelão cobrindo todas as janelas impediam o ar fresco de circular. Marta estava atônita: Adão sumiu há dias. Levou somente o cavaquinho bem escondido na mala e sua fé em Zé Pelintra. Deixou para trás uma dúzia e meia de poemas, um romance meio terminado, uma casa meio caída e o coração de Marta totalmente aflito.

Fooooooooooooom. Soou estridente a sirene. A criança tornou a choramingar. Marta calçou as sandálias e bateu a sujeira de seu vestido amarelo. Abriu com o temor de sempre a porta improvisada. Na rua estavam todos,



silenciosamente marchando em direção à praça. Onde antes jazia a estátua de Araribóia, hoje ficavam os alto falantes dos quais vinha a gravação da prece a ser repetida. A voz monocórdia envolta em ruídos de rádio começou:

—Pai nosso que está no céu...

Marta ninava a criança em seus braços. Mexia a boca mecanicamente enquanto os olhos iam de um lado para o outro na multidão. Alguém puxa-lhe o braço.

—Marta!

—Mãe! Toma, leva o bebê. Fica dentro de casa até que eu volte. Vai! Vai!

A mulher, esgueirando-se, some no meio das pessoas. A oração continua:

—Perdoai nossas dívidas... -no entanto, a voz é abafada por um canto.

—Ai, ai, ai, ai! - brada um homem, há décadas não se ouvia aquele ritmo nas ruas. Outras vozes juntaram-se em coro:

—Está chegando a hora, o dia já vem raiando, meu bem, tens que ir embora! - confetes voariam por bem ou por mal. A insurreição.





A Estação

Angélica Neneve

Cornélio Procópio/PR

O trem chega a estação exatamente no horário programado, todos descem apressados, uns ansiosos pelo reencontro, outros satisfeitos pela viagem tranquila, todos felizes por terem alcançado seu destino. Um homem com seu chapéu coco nas mãos abre passagem para uma mãe com seu bebê de colo, a garotinha de laço no cabelo agarrada à sua boneca acompanha com seus passos pequenos o pai até a porta. Um vigia da estação ferroviária auxilia alguns passageiros com suas bagagens. Tudo naquela cena tem um tom nostálgico e alegre.

- Posso ajudá-la?

Um moço, meio franzino, perto de seus 20 anos, vestindo um terno azul-marinho, estendia as mãos em direção a uma pesada mala de couro.

- Claro... - A jovem respondeu corando.

A mala era ainda mais pesada do que parecia. O jovem se perguntava o que poderia haver ali dentro, e como ela teria conseguido arrastar aquilo até o trem.

- Há alguém a sua espera? - A pergunta saiu em um tom nervoso, e ele logo se arrependeu de tê-la feito.

- Sim, meu avô.

O jovem sorriu.

Os dois continuaram o caminho pelos corredores da estação em silêncio. Suas vozes pareciam ter sido roubadas, de quando em vez, os olhares se encontravam, mas logo eram desviados.

A moça avistou seu avô e acenou freneticamente, o jovem rapaz ao perceber isso tirou um papel do bolso, às pressas, e começou a rabiscar.

- Me escreva. Ele disse estendendo o pequeno pedaço de papel em sua direção. - Se quiser, claro.

Se despediram com um aceno curto, a moça ainda sem jeito guardou o papel e foi ao encontro do avô que a aguardava. Ela escreveria ao moço de terno azul-marinho, ao qual nem sequer perguntara o nome, naquela mesma noite. E na semana seguinte, e todas as outras depois daquela.

Ao som de uma sirene, a jovem desperta de seu devaneio. Vê-se deitada no chão ao lado de incontáveis mulheres, ainda sente a dor na cabeça raspada violentamente. Uma senhora soluça a um canto daquele galpão. Gritos de soldados são ouvidos a distância. Ela sabe como será seu dia, tem sido assim já



há algum tempo. Se prepara para o trabalho até a exaustão. Mas há algo diferente hoje, o cheiro está mais forte, os soldados ainda mais impacientes, sua cabeça latejando a distrai por um momento, mas logo a sensação ruim volta. A última vez que sentiu isso foi quando pegou o trem. Aquele frio no estômago sem explicação. Foi a primeira e única vez em que viu o moço de terno azul-marinho. Ele sentara à sua frente, e ela não conseguia deixar de olhar para ele. Passou um tempo criando coragem para levantar e ir até seu assento. Quando finalmente tomou a decisão, o trem parou. Todos levantaram, inclusive o jovem.

As portas se abriram, mas não estavam na estação certa. Estava tudo confuso, mas logo as coisas ficariam claras. Todos saíram do trem, as malas começaram a ser confiscadas, depois disso as joias das mulheres, relógios dos homens e até mesmo alianças de casamento. O pânico tomou conta de todos quando entenderam o que estava acontecendo. Era tarde demais, haviam sido enganados. Eles tomaram conta de tudo. Nós já fomos eles, mas agora não somos nada.

Sua mente volta a focalizar o agora, está cada vez mais difícil para ela se ater a realidade. Estão sendo guiadas por um caminho diferente. Ela sente seus pelos eriçarem pois conhece aquele caminho. Já viu muitas mulheres e crianças serem levadas para lá. Quando se dá conta de seu destino, sente saudade das cartas de amor que não escreveu, do moço de terno azul-marinho que nunca chegou a conhecer, do avô que a ficou esperando na verdadeira estação. Sente saudade dos pais e amigos, e da antiga casa, da antiga pátria.

Enquanto deixa suas roupas no chão daquela sala fria, e dá seus últimos passos, ela se deixa levar pela imaginação.

Ela está de volta ao lugar familiar onde seus sonhos a levaram desde o dia em que chegou àquele campo de concentração. Ela se despede, um último beijo no jovem de azul-marinho, um último abraço no avô, um último sorvo de ar puro e tudo se finda.

<https://www.wattpad.com/user/AngelicaNeneve>





A menina que queria ser rosa

**Ana Carolina Machado
Belém/PA**

Desejava ser rosa
Por causa da admiração pela flor tão formosa
Sonhava em virar a bela flor

As pétalas eram tão delicadas
Rosa das serenatas tocadas
Das poesias recitadas
Era a flor símbolo do amor

Flor do mais sublime aroma
Símbolo da paixão em qualquer idioma
Viraria rosa sem nenhum temor

Mesmo bela a rosa tinha um inimigo
O tempo que não poderia ser contido
O passar das estações era temido
A rosa um dia murcharia

A menina queria ser algo que as estações
não afetassem
Que o tempo em sua pressa não levasse
No fim conseguiu o que queria

Virou algo que não murcharia
Versos que o vento não levaria
Para a sua alegria
A menina virou poesia





A Mesma Mulher

Eduard Traste
Florianópolis/SC

*"arruinei minha vida
casando com a mesma mulher
duas vezes" – disse
W. Saroyan*

ouvi e digeri. marquei a página
tatuei o poema, e mesmo assim
acabei ludibriado
novamente
arriscando-me no mesmo fogo
na mesma chuva
ácida, pelo mesmo desejo
imponderável de viver
e sofrer - consequentemente

"sempre haverá alguma coisa
para arruinar nossas vidas?"
que vidas arruinadas são normais
eu sei, sou prova
mas quantos arruinados
otimistas
você conhece? sábios
ou não?

já não sei o que ela quer de mim
já lhe entreguei meu fígado



meus rins
minha garganta
meus pulmões, meu sangue
o pior de mim já nem me pertence
parece estar todo concentrado
nela
que finge não me enganar
enquanto finjo não saber
que sou enganado
e fingimos tão bem
que a coisa toda até parece andar
perfeitamente bem
como se tudo fosse verdade
como se Saroyan fosse o único
de fato
à arruinar sua vida
duas vezes
com a mesma
mulher.

www.estrAbismo.net





A Morte do Boi

Paulo Luís Ferreira

São Bernardo do Campo/SP

Numa manhã, ao lado do Mercado Municipal, na cidade de Carinhanha, extremo norte do estado da Bahia, às margens do Rio São Francisco, presenciei a cena brilhantemente iluminada pelo sol causticante do semiárido Sertão Nordestino. No asfalto de paralelepípedo a quentura faiscava nas pedras. Ali iria ocorrer o abate de um boi. Essa imagem brutal ficou guardado na memória e registrado nesses rabiscos que agora transcrevo. É para isso que serve e deve se escrever: seja relatando os esplendores da vida, seja delatando os estertores da morte, da vida, do homem, do boi.

Assisti entorpecido o homem, de gestos secos e certos moldados a “arte” de matar. Sua função, atingir num só golpe a nuca do animal. A faca-peixeira de 24 polegadas é tirada da bainha, afiada, capaz de cortar até o silêncio que se estanca diante à morte. Num movimento largo e com destreza fia o vinco na pedra mó.

Após o golpe o boi desmorona no chão, mas estrebucha e tenta resistir. A respiração ofegante. Os olhos arregalados agora chora antes da paralisação derradeira ao olhar o infinito que se esvai, ou para dentro de si como se fora o espectador de sua própria morte. Aos poucos perdendo as forças, mas o brio da vida ainda presente no corpo ferido, faz-se ainda vivo, e num último impulso e ato de coragem tenta inutilmente se levantar. O homem se arma para o próximo ataque, e agora com a destreza do gesto definitivo sangra a jugular do animal, que não mais reage.

O sangue é amparado por um grande agudal de barro, e como um exímio cirurgião, o homem inicia a operação de retalhar o couro, desnudando o corpo do boi, quando aparece, ainda quente a carne e seu tecido muscular à mostra e ainda trêmulo pelos espasmos dos nervos vivos e das veias mortas. Em seguida



o esquartejamento. O machado de ferro para romper os ossos e a faca limada para manter o fino fio da navalha. A cabeça decepada se junta aos miúdos do corpo jogados em um canto. Os olhos continuam esbugalhados, observando suas próprias partes separadas da matéria, da vida. O ar impregnado do cheiro nauseabundo de sangue.

A faca afiada corta e recorta o boi em pedaços. Em poucos minutos o corpo morto é apenas fragmentos que serão expostos e vendido no próprio mercado e nas bancas da feira. Ali a compra é feita por peças; cada um da assistência já tem seu pedaço escolhido. Atando-o à ponta de um arame numa espécie de gancho, ou até mesmo numa carriola quando saem a carregar seu naco de carne pelas ruas da cidade, destino à mistura do almoço, do banquete, da festa sobre o cadáver cozido do boi morto.

Chega hóspede amigo, serve-te!... O boi já não chora mais.





A Mulher do Espelho

Maurício Requião
Salvador/BA

Assustou-se. Mas era apenas uma porta de vidro. Um reflexo trêmulo, insuficiente para que ela saísse, mas que bastou para fazer seu coração disparar. Além do mais, ela não conhecia a magia. Levaria anos até que conseguisse compreender os rudimentos do que era preciso fazer para fugir.

Ainda assim, desde que conseguira sair do espelho, vivia em constante tensão de que a outra a puxasse de volta. Anos a fio ela ficara escravizada. Obrigada a imitar os movimentos daquela mulher. Os longos e longos momentos de futilidade escovando o cabelo e admirando a própria beleza. Por detrás dela, conseguia ver o sol brilhando e a vida acontecendo. Mas a mulher do mundo só tinha olhos para ela mesma.

Logo que fez a troca tomou a providência de cobrir e depois despachar todos os espelhos do apartamento. Isso não quer dizer que, mesmo com todo esforço, tenha conseguido evitar qualquer encontro. Na rua, principalmente, havia mais espelhos furtivos aguardando após cada esquina do que gostaria. A outra se limitou a imitá-la, como agora deveria fazer. No fundo dos olhos da mulher que estava no espelho, não pôde deixar de notar uma fagulha de ódio, fosse ele verdadeiro ou imaginado.

Mas tudo aquilo ficaria no passado. Consequira sua liberdade e não estava disposta a perdê-la. Ajeitava uns últimos detalhes pendentes da vida da outra, para não levantar suspeitas, e depois iria para o campo. Viveria entre as flores e deitar-se-ia na relva verde, cabelo desgrenhado e sorriso no rosto, sem nenhum espelho para lhe escravizar.





A Muralha

Alberto Arecchi

Pavia - Itália

Cheguei nesta cidade sendo um garoto de seis anos. Os bulevares da periferia estavam alinhados com longas e maçantes paredes cobertas de frascos de vidro. Eram os limites das fábricas, erguidos nos anos anteriores à Primeira Guerra Mundial. Todas as manhãs, com qualquer tempo meteorológico, milhares de trabalhadores, caminhando ou de bicicleta, iam-se fechar atrás dessas paredes. Cada noite, outras mulheres e outros homens davam-lhes a mudança, para os turnos noturnos. Nos anos sessenta e setenta, a cerca desses muros tornou-se a fronteira entre o movimento estudantil e os trabalhadores, uma frente de distribuição de folhetos, de contatos, discussão e agitação. No lado de fora, ao longo dos passeios, tem longas calçadas de tílias. Lembro-me das grandes gotas que se condensavam caindo de seus ramos nus, nas noites de neblina densa. Agora que as tílias cresceram, as grandes fábricas fecharam as portas e se transformaram em "áreas abandonadas". O Muro de Berlim caiu, outros muros foram criados, mas estes em nossos subúrbios permanecem, como memórias cinzentas e precárias de um mundo isolado onde milhares de homens voluntariamente se fechavam, todas as manhãs, mudando sua personalidade, vestindo-se, transformando-se em autômatos, para dedicar longas horas à repetição monótona de gestos sempre iguais. Era o preço da sobrevivência. Esses mesmos gestos continuam a ser repetidos hoje, em partes distantes do mundo, por outros homens, mas aqui são apenas uma lembrança do passado.

O muro de que quero falar corre por um quilômetro ao longo da rua principal do bairro, sempre na sombra, porque o sol nunca atinge a face externa. As calçadas, sob as tílias, passam ao norte da cerca, ao lado do tráfego rápido e barulhento. Um longo percurso, empoeirado no verão, úmido e lamacento no inverno, quando a neve nunca derrete. Essa fábrica tem sido por mais de sessenta anos um dos motores vivos da economia local. Suas exalações envenenavam o ar e os pulmões. À noite, a chaminé drenava fumos ácidos no ar.



Líquidos de mau cheiro passavam por baixo do muro, invadindo o ambiente circundante, como um câncer atacando a vida da cidade. Nas caves das casas circundantes, corriam fluidos cheirosos e corrosivos.

Agora a fábrica é uma ruína de arqueologia industrial, abandonada. Para uma geração inteira de jovens, os tempos dourados de sua existência não são nem um lembrete. Um projeto de demolição integral está pendente, para construir um novo bairro residencial. A muralha continua sendo a fronteira entre a vida cotidiana e a irreabilidade, entre a cidade e o pesadelo que é a "negação" mesma da cidade. Atrás daquela muralha, após o fechamento da fábrica, o pior pesadelo da cidade de hoje apareceu: um campo precário de nômades deserdados. A exclusão tomou o lugar da prisão, a pobreza absoluta dos novos clandestinos tem substituído o trabalho assalariado. Um quilômetro de fronteira, como uma membrana osmótica, separou nos últimos anos a vida urbana e o quarto mundo dos excluídos. Uma barreira impermeável e opaca para os milhares de motoristas que todos os dias seguiam pela avenida. Talvez em alguns anos, por trás desse muro, haverá prédios e *shopping centres*, então a barreira acabará por ser afastada. Um bairro inteiro, que hoje vive dividido em dois, como assediado, vai respirar um suspiro de alívio. Os marginais serão transferidos para algum outro "buraco negro" no território extra-urbano. A fronteira da humanidade vai mudar, alguns quilômetros apenas para além.

No outro extremo da cidade, uma comunidade de intocáveis colonizou um ilhote quase inalcançável ao longo do rio, acessado por um caminho estreito que se aproxima de um pequeno cemitério da periferia e passa na escarpa sob a ponte da rodovia. Você pode caminhar apenas a pé ou de bicicleta até alcançar um fluxo de água, atravessado por uma pontinha. É como uma viagem de iniciante que faz você ir à descoberta de um mundo secreto.

Além da ponte, quando o rio não está cheio, um pequeno grupo de pessoas vive como no início do mundo, entre florestas, água e mosquitos, em uma antiga casa abandonada. Não é a ilha de Avalon, se parece mais aos leprosários dos tempos remotos.



Não é coisa nova, o fato de substituir uma muralha com uma ponte levadiça... Lembro-me de quando era garoto e os nossos jogos de guerra recordavam os torneios dos cavaleiros das "idades escuras". Havia pontes levadiças de castelos. Então crescemos e os jogos ficaram mais realistas. As muralhas voltaram: em Berlim, após em Chipre, Sara Ocidental, Jerusalém, na fronteira do México. Poucas dessas barreiras caíram.

Minha cidade ainda está cheia de muralhas compridas, cobertas com frascos de vidro, mas são apenas os restos do passado, barreiras desnecessárias, erguidas em torno de fábricas que não existem mais.

Parece que os meus concidadãos não sabem derrubar as muralhas que se tornaram inúteis. Eles as usam para esconder novas realidades marginais, como uma governanta que varre o chão e não limpa, mas esconde a sujeira debaixo do tapete.

Essa muralha é uma sobrevivente. Hoje, mais de trinta anos após o encerramento da fábrica, já não protege nada e ninguém, separa apenas a realidade cotidiana e o pesadelo de sua negação, a "não-realidade". Atrás de seus tijolos, há apenas campos de ruínas parcialmente derrocadas e solos impregnados de produtos químicos, precisando de ser recuperados, armazéns em abandono, resíduos de arqueologia industrial, que ninguém pretende restaurar. A muralha protege um monumento autêntico do absurdo: vinte hectares de "sem cidade" e "nenhum país", uma verdadeira cicatriz no coração do desenvolvimento urbano. Falta-lhe só a palavra. Eu acho que nem sempre é necessário derrocar as muralhas. Gostaria que esta fosse preservada, como uma lembrança do século das indústrias, e que, por trás disso, os antigos armazéns restaurados poderiam oferecer o espaço para um lugar de exposições.

Os armazéns e as chaminés das antigas usinas industriais são considerados monumentos da arqueologia industrial. Penso que os verdadeiros monumentos do passado são precisamente aquelas muralhas que separaram a cidade dos vivos das "cidades do trabalho". Não derroquem essas muralhas. Em seu lugar, poderia ficar um lugar vazio, e já não saberíamos como enchê-lo, talvez tenhamos que nos arrepender.



A Palavra Lavra

Josafá de Orós
Campina Grande/PB

"Que tempo enorme uma palavra encerra!"

W. Sheakespeare (1564-1616)

Ricardo II, Ato I. Trad. Carlos Alberto Nunes

"Dize a tua palavra e segue o teu caminho, deixando que a roam até o osso".

Miguel de Unamuno (1864-1936)

A palavra
Por si mesma
É trabalho.

A palavra também é ócio, e
Por si mesma
É cio.

A palavra é til
Assento agudo
A palavra é grave.

A palavra
É suada
Molha a língua.

A palavra é suave
No pentagrama
Não da a mínima: pausa de tempo
infundo.

A palavra
É obtusa
Se se mastiga
É oclusa.

A palavra é reclusa
Entre dentes
Enamora língua e silêncio.

A palavra recusa

Entre lábios
Outras línguas.

Entre dentes
A palavra
Só se mostra no escuro.

A palavra
É lavra desconhecida
Aventura dizeres

A pá
(Lavra) a terra
Encerra o código.

A palavra é alimento
Que sai da boca
Cimento e verbo.

A palavra é livro
A palavra é espelho ambíguo
De imagem e transparência
De abismo!

A palavra é buraco
Buraco no vazio
De autor desconhecido.

A palavra
Lavra e trava.

A palavra é brava



Não tem limite
Não tem cava.

A palavra escrava
Se aperta incisiva
Entre um amor canino e uma mordida.

A palavra induz
Ela flexiona
Aversa a língua, traduz.

A palavra engendra
Aficciona-se hermafrodita
Seduz.

A palavra
individualiza...
Dar forma. Deforma.

A palavra fala
A palavra falo: como filha de Zeus,
como filha de mnemósine
É estátua de lira e rosas: É Érato.

A palavra é poderosa!
A palavra excita...
A palavra goza.

Palavra é arma!
Combate! Salva argumentos
Molda. Estica. Erística.

A palavra sai!
Da boca, de bonde...
Vai prá onde?





A Última Saracura-do-Mangue

Gilberto Moura
São Luis/MA

Todos os dias ouvia teu canto,
Anunciavas com alegria o entardecer,
E deleitavas-me com o encanto,
Mas temia o fim desse bel-prazer.

Ao te ouvir ali tão próxima de gentes,
As quais invadiram o teu espaço,
E banido da área, os ascendentes,
Agora ter-te como presa é o marco

De repente ouvi um estampido.
A saracura desapontou a sorte
Covardemente o destino foi vencido.

Senti um grande pesar pela sua morte
Deixou-me triste e constrangido.
Sem me perdoar por não ter
interferido.





A Velha

Hilário Aires

Batatais/SP



a velha me olhava
com olhos tão lúcidos
que aquilo que nela era velho
rejuvenescia

seu olhar despertava
um mundo adormecido
enquanto falava comigo
sobre coisas distantes
que para ela permaneciam

viajo alegre feito menino
em histórias que contam os velhos
e nessa viagem em que ela ia
eu seguia o brilho dos seus olhos
e viajava junto com ela
certo de que chegaríamos
muito além do roteiro previsto

<http://poesiatalcoisa.blogspot.com.br>



A Viúva Machado

Helder Guastti

João Neiva/ES

Amélia Machado sempre foi considerada estranha. Nascida sob o nome de Amélia Pereira e dona de orelhas de tamanho descomunais, Amélia sempre foi atormentada por todos, recebendo apelidos depreciativos e maus tratos por todos aqueles que a cercavam.

Desde que estava no ventre de sua mãe, Amélia já sofria.

A mãe de Amélia foi abandonada por seu pai, assim que descobriu a gravidez. Durante os nove meses de gestação, a mãe de Amélia, dona Álvora Pereira, sofreu de enjoos constantes, dores vorazes e muita, mas muita tristeza por estar carregando aquele feto indesejado e, ainda por cima, tendo de arcar com todas as consequências de uma gravidez não planejada sozinha, sem apoio de marido algum.

Amélia nasceu uma criança raquítica, fraca, mais magra que uma vareta e com orelhas enormes, tão grandes que, desde sempre, foi chamada de “elefantinho”.

Sofreu muito nas mãos de sua mãe que a chamava de bastarda e tratava a garota como uma empregada, deixando todo o serviço doméstico para a menina dar conta.

O sofrimento de Amélia diminuiu no dia em que sua mãe, dona Álvora, morreu atropelada por um caminhão ao atravessar a principal Rua de Natal. A garota, agora com dezoito anos de idade e já bem desgastada dos tormentos e sofrimentos que passou com sua mãe e também das ofensas que recebia sempre que saía na rua, por conta de suas enormes orelhas, acreditava que sua sina era morrer sozinha.

Porém, no dia 13 de novembro de 1995, durante a Feira Municipal de Cultura de Natal, a pobre Amélia conheceu um empresário português, Seu Manoel Machado, dono de uma rede de padarias muito bem conceituada na cidade.

Manoel Machado apaixonou-se por Amélia imediatamente.

O povo não podia acreditar! A “elefantinho”, de alguma maneira, havia conseguido um pretendente! Ele era muito louco por se apaixonar por uma mulher tão grotesca ou sofria de sérios problemas de visão.

Apesar de toda a controvérsia e falatório das pessoas maldosas, Seu Manoel Machado pediu Amélia em casamento.

No dia do enlace, a igreja da paróquia estava lotada. Claro que as pessoas ali presentes não estavam a fim de torcer pela felicidade de Amélia, apenas tinham ido ver se aquilo realmente aconteceria ou se Manoel Machado iria abandonar a “elefantinho” no altar.



Numa cerimônia simples, porém muito emocionante para Amélia, os dois se casaram e foram morar juntos na antiga casa da mãe de Amélia. Ela, apesar de ter comido o pão que o diabo amassou naquela casa, bateu o pé e não abriu mão de morar em outro lugar, ela disse para seu marido:

- Foi aqui que nasci e fui criada. Apesar de não ter tido a melhor das infâncias, creio que juntos podemos mudar esse quadro. Sei que você me fará muito feliz aqui e encheremos essa casa de crianças!

Manoel Machado que aceitava tudo que sua amada esposa dizia limitou-se a responder:

- Eu faço tudo por você meu amor. Tudo!

E assim foi feito. Manoel Machado trouxe todos os seus bens para a casa de Amélia e estabeleceram-se ali os pilares do casamento.

Nos primeiros meses de casamento tudo corria as mil maravilhas. A população da cidade passou a respeitar mais Amélia agora que estava casada, mas continuavam a cochichar pelas suas costas.

Por ser um empresário de sucesso, Manoel Machado passava muito tempo fora de casa, deixando sua esposa sozinha.

Como passar do tempo, as pessoas foram deixando de lado o respeito a pouco tempo adquirido para com Amélia Machado e retornaram a ofendê-la, agora de maneira mais agressiva.

Os mais velhos diziam para as crianças não se aproximarem daquela casa, muito menos chegarem perto da mulher elefante. Corria a lenda de que ela era amaldiçoada, afastou seu pai por ser tão medonha e só trouxe desgraças para a vida de sua mãe. Alguns diziam que ela havia matado a mãe num ritual de magia negra e, a grande maioria, afirmava que ela havia feito um pacto com o demônio para conseguir casar com o marido e, mais cedo ou mais tarde, o pobre coitado iria pagar o preço.

Numa noite tempestuosa, ao voltar para casa de uma de suas padarias, Seu Manoel Machado foi acometido por um grave acidente. Ao sair da padaria, atravessando a rua para chegar até seu carro, ele foi atropelado por um caminhão!

Pobre Amélia Machado! A cada dia que passava acreditava cada vez mais que realmente era amaldiçoada e que a felicidade nunca bateria a sua porta.

Tomada por uma depressão profunda e pelo luto da morte do marido. Amélia Machado decidiu trancafiar-se em casa e nunca mais colocar a cara na rua. Tudo o que ela não queria agora era ouvir ofensas e ter dedos apontados para si.

Porém, após a morte de Seu Manoel Machado, a população tornou-se mais agressiva com Amélia. Apesar de não sair mais de casa, o povo encontrava meios de atormentá-la. O muro de sua casa já estava todo pichado com palavras como: bruxa, amaldiçoada, assassina, maldita, dentre outras ofensas. As janelas eram constantemente apedrejadas por meninos arteiros e a fachada da casa diversas vezes foi impregnada de um cheiro asqueroso, proveniente dos ovos que eram jogados nela.

Ninguém sabia como Amélia Machado vivia naquela casa. O que ela comia o que fazia com quem conversava... Mas ninguém se interessava em saber.



Agora, mais do que nunca, todos acreditavam que ela era uma bruxa assassina de parentes.

Na noite de sexta-feira, 13 de novembro de 2015, um grupo de meninos encapetados, liderados pelo mais endiabrado de todos, Bernardo, o diabo, resolveu pregar uma peça na bruxa de orelhas de elefante.

Bernardo reuniu seus colegas na garagem de casa e disse:

- Quero ver quem é homem o bastante para entrar na casa da mulher elefante! Tem que entrar e sair com um objeto da casa da bruxa para provar o seu feito.

Seus colegas entreolharam-se, mas ninguém se atreveu a aceitar o desafio.

- Bando de frouxos! Eu vou entrar na casa daquela maldita e quero ver o que ela vai fazer comigo. Seu bando de covardes! Olhem e aprendam.

Os moleques dirigiram-se à casa de Amélia Machado que, à noite, tinha um ar mais assombroso que nunca, todas as luzes estavam apagadas e parecia não haver ninguém morando ali dentro. Na verdade a casa parecia abandonada. Ninguém sabia ao certo se a orelhuda ainda vivia ali dentro.

Bernardo, todo cheio de si, foi de mansinho adentrando na propriedade da pseudobruxa. Pulou o muro e foi andando feito um gato, até arrombar uma janela e adentrar no recinto assombroso.

Apesar de toda a coragem que dizia ter, o menino não pode deixar de sentir um frio na barriga e um arrepio na nuca assim que pisou dentro da casa. Mas, agora que estava ali dentro, não tinha como voltar atrás; afinal, ele tinha uma reputação a zelar.

Ele resolveu pegar um porta-retratos que estava sob uma mesinha empoeirada perto da parede da sala, mas a curiosidade falou mais alto e não resistiu à tentação de subir as escadas para ver se conseguia espiar a bruxa orelhuda. Andando calmamente, nas pontas do pé, Bernardo subiu feito um gato a escadaria, tremendo a cada degrau que percorria.

Quando chegou ao quarto principal, o menino empurrou a porta de devagar e, olhando para a cama, não viu nada.

- Bem, acho que aqui não tem orelhuda nenhuma. Isso tudo deve ser conversa para boi dormir, melhor eu ir embora e mostrar para aqueles frouxos que eu sou o homem de verdade do grupo. – pensou o garoto.

Porém, quando estava pronto para dar meia volta e sair por onde entrou, Bernardo sentiu uma mão esquelética em seu ombro direito. Unhas enormes cravando sua carne e, sem saber o que fazer, soltou um grito tão alto, que pode ser ouvido da rua.

- Então você pensa que pode entrar aqui e profanar o meu lar, pequeno peste? – disse Amélia Machado que, superando todas as expectativas do garoto, possuía orelhas tão grandes que formavam um conjunto grotesco junto à face horrível da mulher que, com aquelas orelhas gigantes, parecia ter três cabeças.

O menino tremia da cabeça aos pés. Não pode deixar de sentir suas pernas quentes, devido ao líquido que escorria dentro de sua calça.

Amélia Machado surtou. Todos aqueles anos de ofensas e maus tratos, juntos ao sofrimento causado por todas as mortes que vivenciou... Ela ficou



descontrolada. Pegou o menino pelo pescoço e o arrastou escada abaixo, levando-o para a cozinha.

Chegando lá, Amélia Machado jogou Bernardo encima da mesa. Apesar de já ser bem velha e bastante magra Amélia possuía uma força descomunal.

O menino só conseguia gritar e gritar a plenos pulmões. As lágrimas escorriam de seus olhos sem parar, banhando seu rosto e encharcando sua camiseta.

Amélia Machado, num surto psicótico, pegou um cutelo da gaveta do armário e partiu para cima do garoto. A mulher de orelhas de elefante aproximou-se de Bernardo, dando gargalhadas assombrosas que gelavam o sangue do menino.

Fazendo um corte preciso na barriga do moleque, Amélia Machado separou pele de carne e, escolhendo o fígado como prato principal, se deleitou naquele banquete macabro.

Os amigos de Bernardo esperaram por horas, sem terem coragem de entrar na casa da bruxa de orelhas de elefante. Foram para casa tremendo e assombrados pelo grito que ecoou em seus ouvidos e pela gargalhada assombrosa que ouviram, antes de um relâmpago iluminar o céu e as luzes de todos os postes da rua se apagarem.

Ninguém sabe ao certo o que aconteceu com Bernardo. Reza a lenda que a bruxa Amélia Machada devorou-o inteiro, comendo até os ossos. A casa onde ela vivia ainda se encontra na cidade de Natal e, até hoje, as pessoas temem passar em frente a ela e as crianças, como sempre malcriadas, insistem em entrar na propriedade da velha Amélia Machado. Quem naquela casa entra, nem sempre é visto de novo.

confabulandocomtiohelder.blogspot.com





Abacate com Mel

Joedyr Bellas
São Gonçalo/RJ

Ontem à noite.

Arranca-rabo. O homem fora de si, no limite de sua coragem, gritara bem alto para que a mulher fosse embora. Não aguentava mais. Sempre quieto, sempre silencioso, sempre aceitando tudo, mas agora bastava.

Chega!

O dia seguinte.

A mulher com os olhos inchados, o homem orgulhoso de si saindo pro trabalho. Trabalhou.

Incomodado.

Preocupado.

O homem subiu a escada atropelando os degraus.

De dois em dois.

Queria ainda encontrar a mulher em casa.

Falar poucas e boas.

Talvez, não tão poucas assim. Estava engasgado. As palavras, por anos e anos, chegavam até na boca do homem, mas não saíam. Ele as engolia. Muita raiva, muito ódio.

Rancor acumulado.

A mãe bem que avisara.

O pai bem que alertara.

Os amigos iam e vinham, entravam e saíam do apartamento, sem-cerimônia, sem horário estipulado, sem serem sequer convidados. Que isso!? Onde nós estamos? O homem pensava esbravejar, o homem pensava em se trancar na dependência de empregada em forma de protesto, o homem pensava em berrar e colocar todo mundo pra fora do apartamento. Todo mundo. Amigos, mulher, aquele funk barulhento, aqueles vestidos arrochados que iam encurtando a cada passo dela, aquela enxaqueca interminável, e até aquele poodle, que urinava pela sala e ainda mordida o sofá onde o homem gostava de sentar.



Passa fora!

Todo mundo.

Era a sua cerveja gelada pro fim de semana, eram os petiscos que ele tanto gostava.

Devoravam tudo.

No início o homem ainda tentou argumentar. Chega aqui meu amor. Vamos conversar. Olha... Quase sempre a mulher interrompia com um beijinho, com um cafuné, com uma cólica dos diabos, deixa pra mais tarde, era muita dor. Até a menstruação da mulher incomodava o homem. Era dor de cabeça, era TPM, era irritação, era cara feia, eram os amigos pendurados na campainha da porta, e a mulher toda sorridente indo atender.

Podem entrar.

E entravam já cheios de intimidade. Pegavam no controle da televisão, se esparramavam no sofá, acendiam um cigarrinho, perguntavam pela bebida e pelo salgadinho daquele outro dia. Lembra? Era quibe ou coxinha? A mulher toda solícita, às vezes nem respondia, mas ia pra cozinha e já voltava com o que tivesse. Empadinha de queijo, pastelzinho de forno, azeitonas, queijo prato cortado em cubos, rodelas de salame com limão, calabresa frita, aipim torrado e até um frango assado, que o homem trouxera para a janta dele, ontem dançou, havia virado tira-gosto.

Basta!

Os degraus iam sumindo ante o desespero do homem.

Desespero e pressa.

O homem queria encontrar a mulher em casa.

E encontrou.

Ela, toda derretida, ofereceu o braço a ele. Chamou-o de menino mau, fez beicinho, deu-lhe um beijinho na testa. Ele, todo arrependido e aliviado, aceitou o braço da mulher, pediu perdão pelo berro, e foram para a cozinha.

Lá, comeram, cada um uma metade, abacate com mel.

Antes que os amigos chegassem.



Amamentação

Charles Burck
Rio de Janeiro/RJ

Só vou enlouquecer se não quebrar o meu silêncio
Jogar palavras pelos corredores estreitos
Jogar fora o que não presta alivia minha sina
Mas prefiro cantar nas varandas interiores.
Chego à janela e aquela mulher para e escuta
Minha mimada prece, minha silenciosa lida
Os reflexos de inteligência.
Do seu corpo rosáceo, me chama, a linguagem
para amar e ruminar canções,
Refletida alma externa, brilha de vida e desejoso amor.
O leite alvo dos seus seios pode salvar a minha existência
Eu agora mergulho e ascendo
Trago para cima o ar que me falta
Atravessando seu próprio impulso, respiro
Poema sabe o poder da loucura.
E age com delicadeza,
Sou uma vida em ebulição de criação,
Áspera, inconcreta
Alimenta-me com o teu leite,
Verde, amarelo, magenta
O sabor de todas as cores da vida





Amor Depois da Versão de Testes

Mickael Alves

Iguatu/CE

De todos os amores: a ilusão do ídolo.

Fonte irrelevante, salmo satânico

Poluição cognitiva, façanhas vulgares,

O botão do repeat introduzido no play

Abre a lâmina da boca, um fel, fusão compassada

Fecha-se na entrelinha do enredo

Penetra o signo; cada backspace, cada chamada de backup

Ligações insinuosas, tag: theater of dammage.

Movimentos simbólicos: x under x

O corpo pede linchamento, santo orgasmo,

A evidência da vitalidade e plenitude da carne





Análise para Carlos

Jessyca Santiago

Belford Roxo/RJ

“No meio do caminho tinha uma pedra”

Um caminho, uma pedra, no meio.

Debruçado me sobre sua existência

E contemplei...

Uma pedra somente.

Em todos os ângulos de sua concretude,

Com o peso da filosofia dos séculos e a

Beleza rítmica de um poema.





Artista do Mês

Desenho: Márcio Apoca

Campo Mourão/PR

Frida Kahlo

(pintora mexicana)
(texto: Ana Rosenrot)

Frida Kahlo (Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón), foi uma das figuras mais importantes do século XX, defensora dos direitos das mulheres tornou-se um ícone do feminismo, da liberdade sexual e da superação humana; destacou-se como pintora de autorretratos de inspiração surrealista e também como fotógrafa.

Nascida em Coyoacán, hoje um distrito da cidade do México, em 1907, filha de pai alemão e mãe espanhola; Frida sempre teve que enfrentar muitos obstáculos na vida: com apenas seis anos de idade, contrai poliomielite e fica com sequelas permanentes nas pernas; na juventude, com 18 anos, então estudante de medicina, é vítima de um grave acidente entre um ônibus e um trem, onde o para-choque de um dos veículos perfura suas costas, causando fratura pélvica, além de várias outras lesões pelo corpo. Muito ferida, teve que fazer 35 cirurgias e enfrentar longos períodos de recuperação e mais tarde precisou que amputar a perna. Impossibilitada de se levantar, começou a pintar.

Casou-se em 1929 com o pintor Diego Rivera e fez sua primeira exposição em 1939. Usando cores vivas e fortes, sua obra recebia a influência da arte indígena e folclórica, seus autorretratos eram puro sentimento e estética.

Corajosa e lutadora, apesar de sofrer de depressão, Frida Kahlo transformou a tragédia de sua vida em arte, retratando em suas pinturas e fotografias toda a dor e a angústia que sofria e mesmo não podendo mais se tornar médica, seu trabalho inigualável vem inspirando gerações.

Em 1942 começou a lecionar artes na Escola Nacional de Pintura e Escultura “A Esmeralda” (La Esmeralda) na cidade do México.

Viveu os últimos anos de sua vida Casa Azul, no México e faleceu no dia 13 de julho de 1954, aos 47 anos, vítima de pneumonia.



<https://www.facebook.com/apocastudios>



Augúrio

Marcos Paulo
Belo Horizonte/MG

Naquele dia, naquela rua, todos receberam a carta.

Nossa! Uma carta?! E não é de cobrança e nem de propaganda política! Eu não acredito! De quem será? Pensou ansiosa após averiguar a caixa de correios e descobrir seu conteúdo.

Ana virou o pequeno envelope endereçado a ela.

— Tânato!?!... Quem é essa pessoa? ... Alameda Além Túmulo, sem número, Céu Azul!? Balbuciou intrigada.

Ela ficou apreensiva. Quem seria essa pessoa que lhe enviou uma carta em plena era digital? *Será um velho pervertido?* Pensou enojada.

A carta parecia como qualquer uma que ela nunca havia recebido. Ana colocou o envelope contra a luz do sol e identificou que dentro tinha um pequeno papel, lembrando uma folha de caderno, com anotações que não conseguiu decifrar. *Estranho... Azar, vou abrir*, decidiu.

Quando posicionou suas mãos para rasgar o envelope, sentiu calafrios. *Que sensação esquisita! Nunca tive isso antes.* Voltou o envelope contra o sol novamente na tentativa inútil de desvendar seu recheio.

— Droga, murmurou. Tem alguma coisa errada. Acho que não vou abri-lo. Mal terminou seu augúrio e os pelos de seus braços eriçaram diante de uma brisa fria e suave que sussurrou ao seu ouvido:

— Leia, Ana. É pra você.

Seu coração acelerou e ela não ousou abrir a carta. Largou assustada o envelope e sequer o viu cair ao chão. Apavorada, disparou para seu quarto e debaixo da cama se escondeu com seu smartphone. Ligou para todos seus vizinhos, mas não teve resposta. Eles leram a carta.





Babel

Atlas Hutton

São Paulo/SP

A chama perdeu a cor,
os infernos viraram mitologias,
e a poesia é muda e fala com boca póstuma,
e em algum lugar do céu de ferro;
com as estrelas parecendo olhos mortos;
a sociedade continua se locomovendo.

No verso do inverso:
a asa da alma e os anéis de Saturno,
alices descendo pelas maravilhas e tocas;
o sofrimento escrito nas multidões,
poemas de poucos e audiência de surdos;
tantos querendo ser singular, e muito plural morto.

No inverso do verso:
as pessoas continuam chovendo,
eu continuo procurando cores,
mas essa sociedade cinza...
continuo sem lápis de cor gigante
e os arranha-céus criando úlcera em Deus.

A ausência da presença:
que está escorrendo pelas paredes,
de um sonho que não pode respirar
em sua dura realidade
a confusão em massa que alimenta os cegos,
serve agora para definir nossa sociedade fria.

<https://www.facebook.com/AtlasHutton>



Banho de mel

Cada um seu sabor,
seu cheiro,
sua lembrança,
sua história,
sua pele.

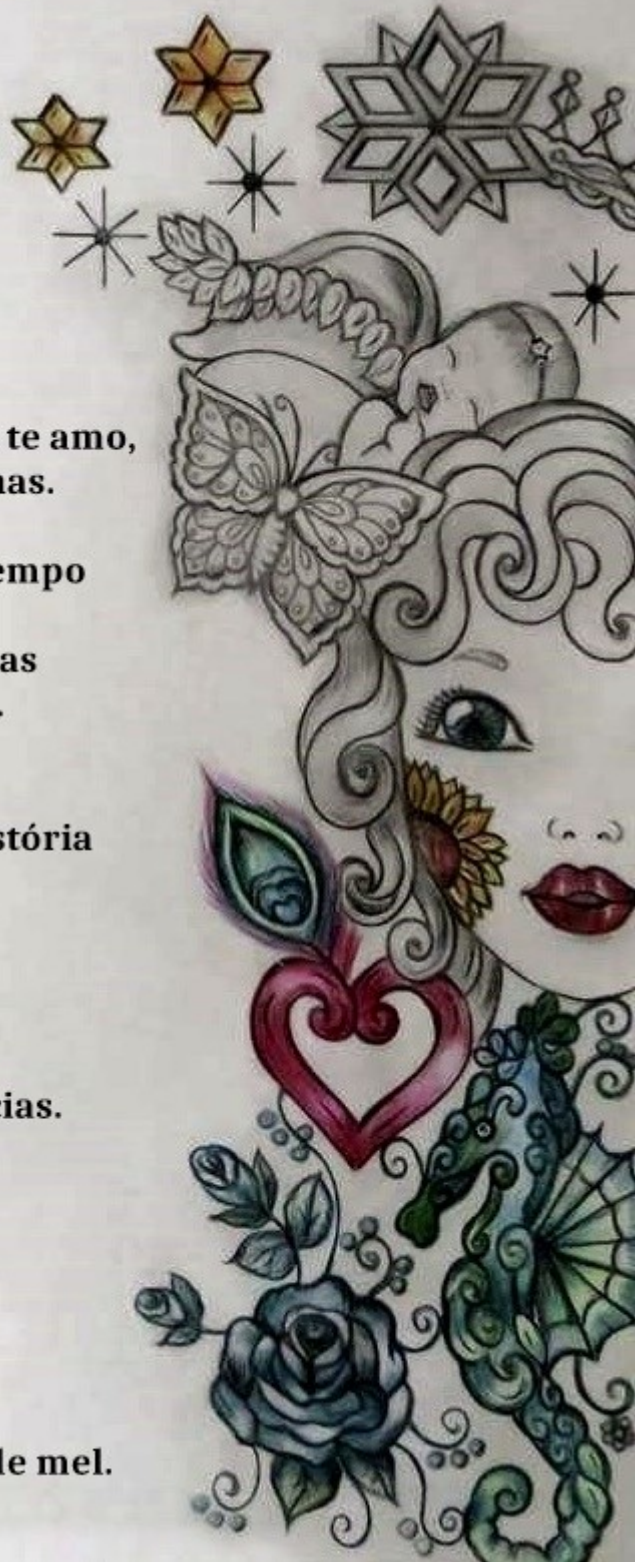
Um é maracujá,
outro é rosas brancas,
há também o Angel,
e a você, ao declarar eu te amo,
dediquei rosas vermelhas.

Ocupei grande parte do meu tempo
para encontrar esse aroma
e fazer com que rosas vermelhas
minha pele exalasse para você.

Aconchego.
Momento para marcar uma história
importante.
Abri-me para a sensibilidade,
para a beleza, para o amor.

Tua resposta foi a melhor
que tive em todas as experiências.
Uma atitude pulsante.

Sentimentos confirmados.
Não é preciso falar eu te amo.
Vivemos o amor.
Encontrei em você o leitor
do que vai escrito em mim.
Rosas vermelhas e um banho de mel.
Amor.



Arte: Méia

Leni Zilioto– Sinop/MT



Baú de histórias

Renata Machado

São Leopoldo/RS

A enfermeira recolhe o livro do velho que está dormindo. Reconhece que é um exemplar da biblioteca e coloca na maleta em cima do criado-mudo, ao lado da cama. Sempre aberta, deixando a mostra os cartões-postais, um binóculo, um jogo de tarot e um porta retrato com ele ainda jovem. Na imagem, o homem tem um sorriso quase infantil e o cabelo comprido com cachos até o meio das costas, está escrevendo alguma coisa. É o registro da sessão de autógrafos do seu primeiro livro. O velho é escritor e parece que dos bons, tanto que tem obras dele na biblioteca. Foi um homem bonito, deve ter tido uma vida muito interessante.

O velho sente um toque suave sobre as suas mãos. De repente escuta o barulho do *derbak* vindo da sala ao lado. Luísa deve estar ensaiando, *dum dum tak, dum tak*. Como gosta de vê-la dançar, nos palcos e nos ensaios, mas principalmente de improviso, sem respeitar ritmos e notas, só o desejo do corpo de quem está prestes a se entregar à paixão. E quantas vezes isso aconteceu e se sentiu como se estivesse num sonho.

Ela gosta do velho e não esconde sua afeição, ele parece com o seu pai, mas mais inteligente. Seu pai também é cheio de histórias e muito imaginativo, mas nunca conseguiu desenvolver isso. Lembra no primeiro dia de trabalho, o encontrou em cima de uma árvore, fazendo folhas de jornal de binóculo e gritando terra à vista. Logo avisaram que o melhor é não dar corda, ele entra e sai do devaneio sozinho. Há quem pense que deveria estar em um hospício e não num asilo, coisa que ela não concorda. Apesar de sozinho, o velho parece feliz e satisfeito com a sua vida, apresenta aquele ar de quem se reconhece responsável e não como vítima. Já perdeu a conta de quantas vezes presenciou cenas bizarras protagonizadas pelo velho. Como as passadas largas, quase maiores que as pernas parar fugir das supostas bombas, agindo como se o pátio fosse um campo minado. Lembranças de guerra são sempre muito fortes e acompanham quem esteve em uma para o resto da vida. Tanto que ele afirma que o problema no joelho esquerdo foi por causa de uma mina que o atingiu de raspão na Guerra do Vietnã, quando trabalhava como repórter para a extinta revista Focus, nos anos 1960.

Ou quando diminui o passo e bate palmas no ar, como se tentasse pegar algum inseto.

- Estou brincando de pega-pega com a minha inspiração, as palavras andam por aí dando sopa, só precisamos caçá-las no momento certo, se demoramos muito para fazer a captura elas fogem e perdem o sentido. Mas agora, quando dá branco,



sabe? Naquele momento que a palavra ia sair e a gente se esquece, é porque elas estão caçoando de nós, geralmente se escondem na ponta da língua, dando risada dos nossos lapsos. Explicou certa vez para outro interno que o olhava apavorado.

Susto mesmo, a moça levou quando se deparou com ele deitado na grama, em posição fetal e com a respiração ritmada. Presenciou o velho ter contrações no corpo e espasmos no rosto, até exhibir um riso choroso, típicos dos recém-nascidos. Estava com uma habilidade fora do comum para alguém da sua idade, pegava os próprios pés e levá-los em direção a boca, parecia estar se divertindo e terminou num sono profundo.

- Mas seu João, o que foi aquilo?

- Uma terapia que aprendi na década de 1980, quando passei uns meses em Nova York. Consiste em voltar para o útero e renascer, às vezes é importante reviver este momento, para nos darmos conta do milagre que é a existência humana. Aquela foi a minha fase mais esotérica, até jogar *tarot* eu sabia... Foi importante, me curou de muita coisa que não deixava a vida fluir.

Às vezes o velho se senta na varanda e passa horas assim, olhando o vazio com o vai e vem da cadeira de balanço, é nestes momentos que dá vazão para a tristeza. Logo se vê com a família, naquele cruzeiro que fizera pelo litoral brasileiro. Foi uma das viagens mais feliz de sua vida e uma das poucas que conseguiu fazer com sua família, inclusive os seus pais, que estavam pela primeira vez em um navio. João passou boa parte daquela semana fingindo ser Pedro Álvares Cabral para distrair o filho que enjoava e que não aproveitou aquele presente. Até que veio uma onda gigante com o barulho ensurdecador de carros batendo.

A enfermeira já sabe que teve pesadelo com a morte do filho, ao ver o velho acordar chorando.

- Cheguei neste portão sozinho, carregando tudo que restou da minha vida dentro de uma maleta, conta ainda entre lágrimas. Me dá um comprimido para dormir um sono sem sonhos? Não quero mais sonhar, não aguento mais essa vida, essa realidade. Eu quero dormir! Eu quero dormir! Pede desesperado.

Ela o leva para o quarto. Não diga isso, o senhor teve e ainda tem uma vida tão boa, sempre foi tão fantasioso, fez a diferença na vida de tantas pessoas que leram seus livros. Não deve ser fácil inventar...

O velho a encara sério, quase bravo, e diz:

- Eu nunca inventei nada, tudo já existia dentro de mim.





Cabernet

Arievilo Reis

Barueri/SP

Leio o texto, um gole
Procuro palavras, outro gole
Não encontro nada, mais um gole

Dou mais um gole!

Hoje, não estou bem para escrever, mas estou ótimo para beber
Acabaram os goles, e agora?

Encho o copo
Dou um gole

Saíram algumas linhas
Dois goles, para comemorar
Já não sei mais o que escrever
Mas sei exatamente o que fazer

Dois goles!

Não quero mais escrever, a bebida está acabando
Um gole, dois goles, três goles

Acabou!

Vou buscar mais





Cadeira de Rodas

David Leite

Jandira/SP

Estava ali, anos naquela cadeira, sendo arrastado de canto a outro, vitimado por um AVC que paralisara suas pernas. Indas e vindas para qualquer lugar, o mais básico de suas funções sempre atendidas pela velada mulher que um dia o aceitou em sua vida e agora crucificava com seu calvário. Devoto, orava todos os dias para aquele fardo se tornasse mais ameno, um milagre improvável pois sequer se julgava merecedor do privilégio divino. Mas Deus é caprichoso e um fluxo de sangue começa a circular em suas pernas. Os músculos começam a responder. Com dor, aflição e surpresa, sem ninguém na sala para apoiá-lo, decide tentar se levantar. Consegue.

A mulher na cozinha volta a sala com a sopa do dia, que caiu no chão prontamente.

— JOSUÉ.... ME ACODE, JOSUÉ....TEU IRMÃO AQUI JOSUÉ...Grita, desesperadamente.

Vindo correndo da casa de baixo, o irmão vê a cena que causou espanto na cunhada.

— BOTA NA CADEIRA DE RODAS!! BOTA NA CADEIRA DE RODAS!! – A única reação que lhe veio no momento.

— Não. Eu estou bem....É só acostumar – Ele tenta negociar, enquanto firmava o pé no chão.



No estardalhaço gerado ali, a filha corre para o local. Vê o pai tentando se equilibrar de pé, já imaginando aquele velho teimoso no chão, começa a ter um reverterio. O Tio olha para ela e vê que teria um piripaque. Prontamente reage.

— BOTA NA CADEIRA DE RODAS!!! BOTA NA CADEIRA DE RODAS!!

Vendo a filha robusta caindo mais rápido que ela, a mãe estremece, põe a mão a testa e começa a ter seu próprio faniquito....O tio, cada vez mais desesperado, prossegue.

— NA CADEIRA DE RODAS!!!

Vendo o imbróglio que aquilo gerou, o pai senta no sofá, exausto, com a cabeça baixa tentando assimilar a situação. O irmão chega perto dele, põe a mão em seu ombro, tenta, o mais calmo que podia, consolar o irmão.

— Que tal na cadeira de rodas?

www.facebook.com/manicomics.toys





Cegueira

Carlos Jorge Azevedo
Santa Marinha do Zêzere-Baião- Portugal

Vais fora de ti
Tropeças a cada obstáculo
Não olhas ao trajeto
Levas contigo raiva incontida
Reages a quente, sem refletir,
Foste atingido no que mais estremecias
Não formaste plano coerente
Para enfrentar os desaires
Vais cada vez mais torpe e mais cego
Espumas como animal ferido
Queres sangue para atenuar a dor
Queres destruição para chorares a eito
E depois lançares-te no precipício
Não te passa pela mente alterada
A possibilidade de reponderação
Segues o trilho de fogo
Que se te incrustou como refúgio
E como única saída plausível
Para aliviares os ódios
Abranda a fuga irrefletida
Descobre que também pecaste
Afinal para quê procurar vingança
Quando a teia foi tecida ao acaso
E que, incauto, urdiste o labirinto...





Cerca Elétrica

Ramon Carlos

Florianópolis/SC

Aluga-se grátis
Brilho ativo
A sambiqueira tornou-se souvenir
Na boca da rainha de copas
Metabolismo de avestruz
A desmanchar mel no canto da boca
Aleluia no gelo, Aleluia na porta do
quarto
Sublime rasante enfeitando e
enfeitando
Uma sala de ostras hipnotizadas
Lá de fora o uivo e o canto do vento
sempre a destacar
O som das calhas soltas pelos uivos e
pelos cantos
Horizonte espremido verticalmente
Logo acima do rodapé
Pela ausência de blefes genuínos
Ergo o copo cheio de vinho
E proponho um brinde:
"Bom, estarei lá
Daqui um minuto
Será a mesma coisa
Eu estive lá
Vinte anos atrás
E foi a mesma coisa

Estou lá
Agora
Mesma coisa
Será possível não estar?"
Eles me ignoram
E dizem que,
Recentemente um poeta grisalho e
viúvo
Costumava passar gritando por
aquelas ruas todos os dias:
"Eu escrevi o poema mais sincero do
mundo"
E corria com a folha de papel até
cansar
Depois acendia um cigarro
E queimava as palavras mais sinceras
do mundo
Perguntei se ele ainda fazia isso
Mas o velho poeta havia cometido
suicídio
Dentro do banheiro, e ninguém nunca
se atreveu
Procurar uma cópia do tal poema
Falei que iria lá depois de terminar o
próximo copo
Ignoraram-me



Caminhei por uma quadra inteira
Até encontrar a casa, cheia de arbustos
até a entrada
O cheiro, o silêncio, as cores, tudo
neutro
Vasculhei algumas gavetas
Prateleiras, revirei alguns livros
Até achar um caderno surrado e um
lápiz
Por baixo de uma coleção de cartões
postais
Folhee todas as páginas
E em torno de trinta delas estava
escrito:
"Eu escrevi o poema mais sincero do
mundo"
Algumas estavam em branco, e dava pra
ver
Que muitas haviam sido arrancadas
Peguei o lápis e fui até o banheiro
Escrevi na parede branca
"Olhei pela janela do banheiro

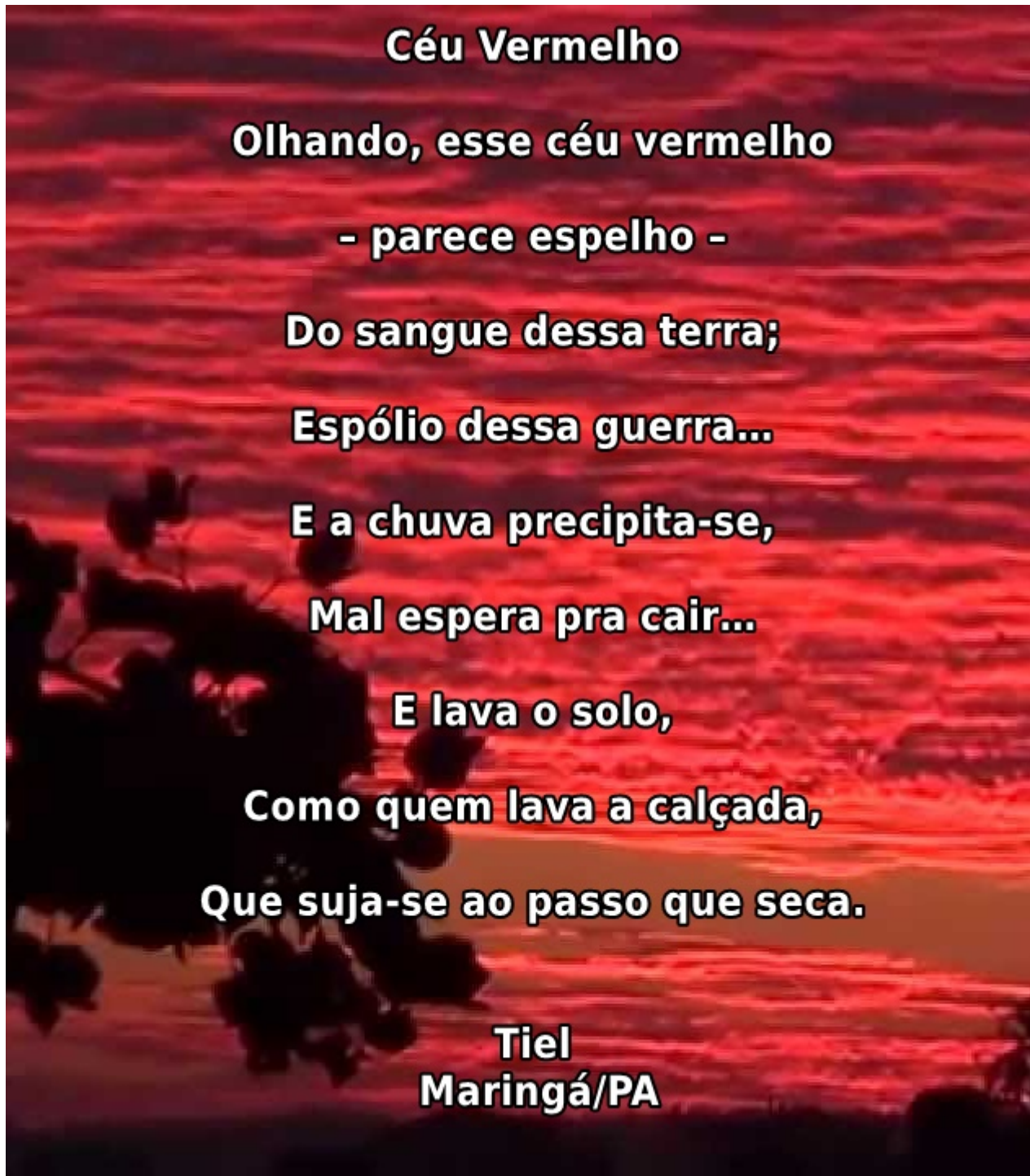
Alguém estendia calcinhas
Outro paparicava o papagaio
A moto não pegava de jeito nenhum
O muro foi pichado novamente
Fechei a janela
Abri o chuveiro
E com o sabonete
Rabisquei meu nome no vidro
Pois entendi que essa janela
É um poema que posso lê-lo
De formas diferentes todos os dias
E encerrá-lo quando quiser
Só depende do movimento dos meus
olhos
E de um movimento de mão"
Espero
Que se alguém for lá
Procurar o poema mais sincero do
mundo
Não pense que foi isso que ele tanto
escondeu

<http://www.estrAbismo.net>





Céu Vermelho



Céu Vermelho

Olhando, esse céu vermelho

- parece espelho -

Do sangue dessa terra;

Espólio dessa guerra...

E a chuva precipita-se,

Mal espera pra cair...

E lava o solo,

Como quem lava a calçada,

Que suja-se ao passo que seca.

**Tiel
Maringá/PA**

<http://ttiel.wordpress.com/>



Cidade dos Padrões

**Maíra Luciana
Samambaia/DF**

Caros poetas da vida
Quanta raiva destilam...
Na beira da ponte
Onde se escondem
Os pobres taxados
Culpados das escolhas
Longínquas dos padrões
Que abrem portas
Ao povo da cidade
Que distantes
Cantam aos Deuses
Das inovações
Das tecnologias
Mas que tanto
Fecham a cabeça
Aos poucos
Loucos
Que não se encaixam
Que buscam
Do outro lado da cerca
Uma vida nova
Onde suas diferenças
Não sejam importantes
Para se encaixar

Em uma unidade
Que é dita diversa
Mas que não passa de exclusiva
Pois marca seus filhos
E aquele que ousar diferir
É jogado no poço
E deixado de fora
Da grande família
Da qual não vale
Dar-se o trabalho
De tentar fazer parte
Pois mentir para eles
Seria algo fácil
Mas mentir para si
É uma culpa
Pesada demais
E difícil o bastante
Para carregar
Em troca de
Pouco mais
Que um lugar
Na cidade
Dos padrões

www.prazerleonina.wordpress.com





Delicioso Bolo

Luís Amorim

Oeiras - Portugal

O bolo no pronto se apresentava com adornada fruta de ananases suculentos, cobrindo toda a dimensão de bolo ele, quase a perder de vista tal se exibia com orgulho de sobremesa, nunca outra por igual ou sequer parecida teria por ali aparecido. E bem finalizado ele se mostrou, melhor ainda de sabor foi testado por quem de direito, com alguém distanciado apenas por suficiente para despercebido passar, não se ausentou perante a ocorrência que no imediato de então registou e, de pronto deu a saber a pessoa outra, eventualmente afastada um pouco mais. Como esta última adoptou decisão de atitude similar, terceira pessoa ficou com imagem ainda que por imaginada no apenas de bolo tão delicioso. E pelos vistos, a situação de conhecimento de bolo por excelência foi publicamente tornando-se alargada, de tal modo que na altura chegada de se partir a fatia número um, excluindo aquela que serviu apenas para o referido teste, a fila para uma partilha de fatias que se desconhecia se iria de facto ocorrer encontrava-se no já da ocasião plena de extensão que dava a volta ao quarteirão, com as últimas em linha vislumbrando bem melhor a entrada do que outras que estavam mais próximas de eventual recepção de fatia mas sem vista eficaz que fosse para onde tudo iria começar no acontecer, assim desejavam as primeiras ao enorme e grandioso portão que o bolo bem guardava. A surpresa perante tão extensa fila, então com voltas por duas ao quarteirão, foi de registar com atento e pensativo relance também para o manual que tudo dizia sobre acções no real melhor adequadas em situações diversas por inúmeras que pudessem surgir. Enquanto isso, teve início o preenchimento de senhas após insistentes pedidos ao portão de grandioso orgulho no guardar de aparente delicioso bolo, para que ele acedesse na partilha perante imprevisíveis pessoas feitas em si próprias convidadas sem complementar vénia, também esta no



prudente agir de acesso permitido e figas e muitas fazendo para que fatias houvessem para todas. A multidão esta, impaciente estava com senhas preenchidas em moroso processo que anteviu ela, seria para ganho de tempo, quando a fome de gula não espera de gostar por minutos extra que olhando para os improvisados ou não relógios lhe parecem horas a dar nas vazias barrigas. Houve quem julgasse a bem ou mal que lhe passaram à frente e não tardou, assim disseram os relógios de proviso então numa altura já sem o prefixo da ordem, a baterem com mais intensidade as costumeiras alterações que nunca ficam bem em situação qualquer, muito menos numa destas com bolo aquele a merecer dignidade maior na partilha. As senhas estavam quase finalizadas para a distribuição mas as voltas que o quarteirão dava só viam distúrbios em lição que não se aprendia em multidão por gulodice que a prendia na posição com ou sem violência e que igualmente prendia mais além o estudo do manual que dizia ser disfarce de autoridade estratégia mais acertada. E assim foi na chegada de rompante com os reforços sonoros e mais alguns físicos para intimidação da estupefacta multidão, os quais uma vez accionados levaram à dispersão numa tentativa em desespero para salvar a pele. O delicioso bolo ficou sem ameaças daquelas por eventual proximidade no aparente, pensou o grandioso portão desconfiado, em como a gula seria transferível para uma pessoa apenas. Mas ela não estava só e o portão ficou mais descansado enquanto sorria ao ver chegar tanta gente ordeira para a sua primeira refeição do dia ou talvez com maior raridade, assim alertava o relógio observando no topo do salão enquanto o delicioso bolo de infindáveis dimensões, alegre estava por antecipar partilha com quem mais necessita que seja tal verbo de acção conjugado em multidão, naturalmente ordeira e civilizada.

<https://www.facebook.com/luisamorimeditations>





Dia de Festa

Jax

Hoje é dia bem especial.
Não houve revolução importante.
Não nasceu
Nem morreu herói algum.
Não é dia de santo,
Das mães, dos pais, filhos,
Netos, bisnetos, trinetos,
Tetranetos ou tataranetos.
Não é dia dos comerciantes,
Dos agricultores, dos industriais,
Dos professores,
Dos estudantes,
Dos choferes de ônibus
Ou de outros veículos,
Dos ricos ou dos pobres.
Não é festa nacional,
Estadual, municipal,
Muito menos internacional.

Não se inaugura exposição,
Ponte, viaduto ou estátua.
Este dia é tão especial
Que nem figura no calendário.
Um mero dia à-toa.
Um dia normal.
Livre de preconceitos
E ideias preconcebidas.
Sem motivos supérfluos,
Convencionais ou protocolares.
Dia para todos olharem em torno de
si,
Sem qualquer artifício,
Entenderem uns aos outros.
Um dia pleno
Ao dispor da humanidade.
Realmente, um dia de festa!





Emilai

João Marcelo Rocha

Candeias/BA

Margarida, Maria, Emília e Rita eram quatro flores que habitavam o jardim de São João, próximo à fonte D'ávila, no lugar mais próximo do paraíso que a Terra já viu. Um canto lindo de se ver e de se estar. Lá o céu era azul cor de mar, quase isento de nuvens. O sol era amarelo ouro e coloria todo o ambiente. E o vento era calmo e refrescante, como um banho de piscina no domingo de tarde. O cenário ideal para a paz e a alegria imperarem.

Apesar de toda a maravilha que perto delas havia, as quatro flores entendiam que algo faltava em suas vidas. Algo que trouxesse mais luz às suas pétalas e força às suas folhas. Algo mais brilhante que a lua e gracioso que um colibri. Foi quando Emília, a mais experiente das quatro – uma simples rosa de cor vermelha e cheiro e beleza inconfundíveis, pediu aos céus (o mesmo que as alimentava com a água e o sol) que as dessem uma companhia - alguém a quem pudessem apreciar, amar e chamar de amor.

Dias depois, no fim da tarde de uma sexta-feira, um beija-flor (chamado Jorge) chegou ao jardim após beber sua água na fonte D'Ávila. Ele que era grande amigo de Margarida, aproximou-se das flores e colheu um pouco do pólen de cada uma. Foi ao chão e apanhou, com seu bico, um punhado de terra fresca. Voltou-se, então, para Rita e coletou um pouco da água da chuva que armazenava em suas pétalas. Elevou, por fim, sua fronte aos céus e, num clarão de luz, tudo o que ele havia colhido foi transformado pelo sol em um brilhante cristal azul. Ao cristal, em homenagem à Emília, foi dado o nome de Emilai. Ele foi posto sob a sombra de Maria, ao lado de Rita e Margarida, para que todo aquele que visitasse o jardim fosse por ele cativado – E nenhum coração é o mesmo depois de cativado.



O cristal era a coisa mais preciosa e bela já vista pelas flores do jardim e enchia suas vidas de graça e felicidade. Assim como a terra, a água e o sol são essenciais para todo o ser, ele era vívido e importante para todas elas. Assim como o pólen, delas extraído, possuía um pouco das virtudes e personalidade de cada uma. Era honesto e alegre como Margarida, humilde e vistoso como Emília, da paz e do amor de Maria e da beleza, simpatia e graça de Rita.

O jardim de São João e a vida das flores nunca mais foram os mesmos depois da chegada de Emilai. Pois, embora a vida ainda registre momentos tristes e amargos (mesmo em tão belo local, só por ser vida) como a partida de Emília (que hoje habita nos céus), de Capitu (o Girassol mais bonito já visto) e de Saturnino (que hoje é estrela), Emilai lá está para tornar os dias mais leves e mostrar com o brilho do seu sorriso que ainda há motivos para se alegrar.





Escuro

Amanda Piazza

Florianópolis/SC

Era noite de névoa. Os galhos retorcidos em formas humanas balançavam ao vento, emitindo fortes ruídos. As folhas voavam em redemoinho, e a lua, cheia, era encoberta pela neblina cinzenta que obscurecia todo o cenário. A caçamba de lixo se empanturrava com um banquete de gordos sacos pretos, alguns itens soltos tomavam seu rumo naquela noite outonal. Ao longe, um vulto branco manchava o lugar.

Os passos sobre as folhas secas marcavam o único sinal de vida. O vulto foi pouco a pouco se transformando em rosto e uma mulher surgiu da neblina. Seus cabelos castanhos embaraçados emolduravam um rosto pálido e um corte na testa. Uma gota fina de sangue saía do machucado, pingando em seu vestido branco. Dos dedos magros despontavam longas unhas, que agarravam um saco de lixo.

Ela parou diante da caçamba e se sentou ao lado de uma das árvores. Emitiu um longo suspiro, olhou para o céu e derramou algumas lágrimas silenciosas. O vento alvoroçava seus cabelos e produzia ruídos no saco depositado no colo da mulher, que se mantinha estática.

Passou as mãos no rosto, como que para secar as lágrimas, se levantou e pegou o saco de lixo. Jogou-o na caçamba, virou a cabeça para os lados e voltou pelo mesmo caminho que chegara.

Era noite de névoa. Os galhos retorcidos em formas humanas balançavam ao vento, emitindo fortes ruídos. As folhas voavam em redemoinho, e a lua, cheia, era encoberta pela neblina cinzenta que obscurecia todo o cenário. A caçamba de lixo se empanturrava com um banquete de gordos sacos pretos. Dentre eles, havia um jogado ali recentemente. Uma mãozinha carnuda aflorou dele, e um choro infantil rompeu o ar enevoadado.



Fala do Instinto

Eduardo Jablonski
Santo Antônio da Patrulha/RS

Magda abre a porta, mas retorna: cansou da rua. Comeu nada o dia todo, por isso cozinha. Pratos sofisticados é a melhor maneira de se acalmar. Quando jovem, frequentou cursos de culinária, cozinha francesa, japonesa, tailandesa, uruguaia. Mesmo não conhecendo idioma estrangeiro, enchia-se para dizer Poisson. Ouve jazz enquanto prepara a refeição. Embala-se, as ondas cerebrais flutuam. Não come demais porque tem planos. Deita-se, relaxa. Tinha brigado com funcionário, discussão medonha. O sono dedilha o corpo. Cabelos soltos respiram travesseiro. Faíscas de luz penetram as frestas. O seio empinado provoca a medula de tudo. A excitação viaja, reivindicando. As batidas cardíacas corcoveiam. Lembra as três noites desajeitadas, mas alucinantes com o desconhecido, 15 anos mais novo. Não sabe se deve visitá-lo. Vinte e duas horas respingam no relógio. Pega um livro. Não lê sequer uma linha, a respiração difícil. Chovem cenas de braços, pernas, lençóis, movimento, agitação, cansaço, prazer. No banheiro, o espelho desvenda o transtorno. Respira fundo, percebendo o adocicado formigamento. Sim, terá de visitá-lo, mas a palavra proibido perambula sorridente. Volta para a cama: impossível o sono. Concentra-se(?) nos problemas do dia seguinte. Talvez conversasse com o desafeto? Demiti-lo seria o mais acertado? A carne se aviva, o sangue inflama. O instinto fala. Não suporta a espera, quer agir, desbravar. Ergue-se, abre a porta, quando o telefone grita:

- Oi, meu amorzinho, como é que tu vai? Tenho grande surpresa para ti. Não precisei trabalhar hoje de noite. Que tal a gente jantar em lugar interessante e pegar cineminha? Topa?

- Adoraria... – diz, fechando a porta com raiva e sentando no chão com violência.





Famílias

Gustavo Behr

Lisboa – Portugal

Joseph escrevia com o seu filho, Ismael, deitado no pé da cama. Madalena cantava com a sua filha, Mafalda, a caminhar pelo palco. Madalena ajudava Joseph nos seus livros. Acrescentava melodia e ritmo aos textos. Joseph contribuía com as rimas das canções de Madalena. Reforçava a poesia das suas letras. As crianças adoravam os seus pais. Gostavam de estar metidos naqueles universos todos. Dependendo do livro que o pai escrevia, viviam algo diferente. Dependendo das músicas que a mãe cantava, experienciavam um sentimento diverso. Era um mundo coeso aquele. Coeso numa dimensão diferente das que as famílias conhecem. Um mundo de portas e janelas abertas para jardins infinitos, variados, inesgotáveis.

Um dia Joseph e Madalena voltaram preocupados de uma reunião de pais. Perceberam que os outros meninos e as outras meninas não viviam aquilo que os seus filhos viviam. Madalena, eles vivem muitas abstrações, têm acesso a demasiadas artes, ficções. Não saberão viver a realidade. Ouviste a mensagem da educadora, certo?

Os filhos começaram a aprender novas competências. Aprenderam o que era conduzir um carro, como se construía uma casa, como se usava um telefone ou um computador. Os filhos não sentiram grande diferença, guardavam aquilo que lhes era oferecido.

Diferença sim, sentiam as pessoas. Quando Ismael, já adulto, levava alguém no seu automóvel, não era uma viagem convencional que as pessoas faziam. É um verdadeiro conto fantástico o que acontece, diria um dos seus amigos. Visitar Mafalda era também delirante – palavra escolhida por uma sua amiga – entramos numa pequena casinha, vista de fora, e lá dentro o espaço é gigantesco: um castelo medieval, adornado com as esculturas mais espetaculares.

Nunca vi na vida dos nossos filhos a influência das nossas artes, dirá Joseph a Madalena, que pensará este velho cegueta não é capaz de ver nada.

www.bairroaltocidadebaixa.wordpress.com



Feminicídio

Caroline Cristina Pinto Souza

Botucatu/SP

A vista turva impedia o constatar
Desmaiada, o mínimo distinguia.
Estava no oposto do "doce lar".
Suas esperanças em hemorragia.

Dolorida, nem as pernas sentia;
Elena, atada num ciclo frequente
Com vastas roxas marcas de agonia
Prisioneira nas garras d'um demente.

Desvinculava-se do laço de ente:
Recebia nos lábios tantas feridas
Ao invés de branduras envolventes
Num crime de ódio, Elena digerida.

Censurada assaz por um marginal,
Sua vida ruma a um desfecho fatal.





Flácida Acomodação

Maurício da Silva Régis
Camassandí (Jaguaripe)/BA

No capim domesticado,
Passo o tempo tão bom.
Relaxante a brisa alado,
Com gostinho da hortelã.
Voa baixa a borboleta,
O besouro e coaxa a rã.
Entro e saio da saleta,
Degustando um bombom.

Quando invade o domingo,
Venta aqui comodidade.
Com o teclado é que rabisco,
Ideias da posteridade.
Reparo à rede que balança,

Antes do cair da chuva.
Volátil orvalho de esperança,
Em cujo pano que se enxuga.

Desce o ventar da tardezinha,
Em resposta de certa demora.
A culpada disso é a graminha;
Pois, eis a alongada da hora.
Que espichada saliência,
Ao descansar precipitado.
Isso não se explica a ciência,
Doravante,
O corpo todo repousado.

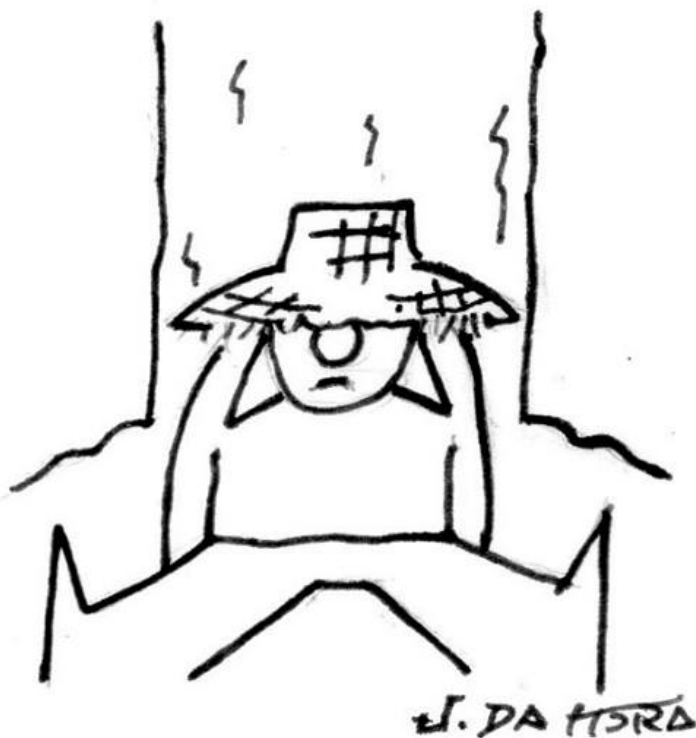




HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

**Sem eira nem beira,
ficou de porre, dormiu
à sombra da mangueira**



Haikai Engraçadinho

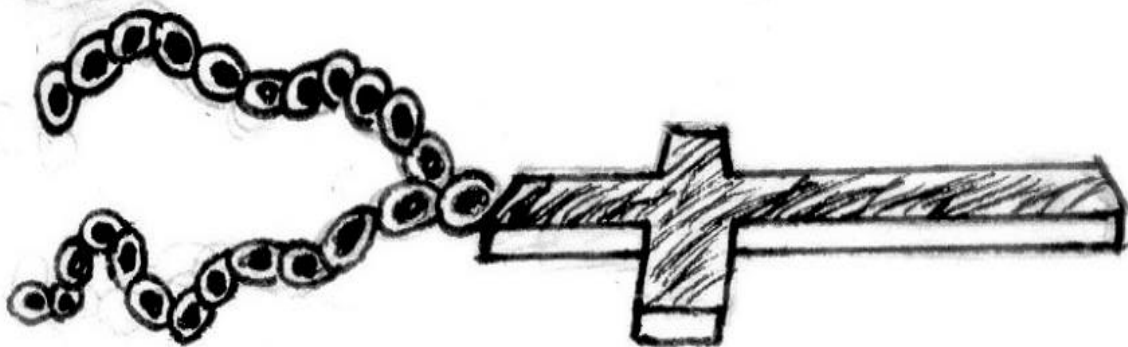
Jorginho da Hora - Simões Filho/BA



HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

**Frei Damião
pra cada Ave-Maria
uma pinga com limão**



J. DA HORA



Hora Final

Leandro Martins de Jesus

Itapetinga/BA

Quando chegar minha hora
Não quero que demore
Quero logo partir...

Deixar este corpo decrépito
Este mundo inóspito
Adentrar ao além
Ou ao que há de vir...

E se tudo for somente um sonho
Quimeras de um tempo distante
Não há alma que viva errante
Nada mais a existir...

Só lamento os tempos perdidos
E os amores que não vivi...



<http://www.recantodasletras.com.br/autores/leandromj>



Horácio e Flor

Fernando Neneve

Cornélio Procópio/PR

Adoro Segundas-Feiras. Pode soar meio falso, eu sei, e inacreditável até, mas fatos são fatos. Meus fins de semana são movimentados e tristes, pra se dizer o mínimo. A quantidade de pessoas que morrem entre a noite de Sexta e a madrugada de Domingo é impressionante... Não que ninguém morra nas segundas, mas é diferente... Os jovens, geralmente, são maioria. A quantidade deles que perdem a vida é lamentável, e as formas pelas quais isso acontece são mais desoladoras ainda. Muitas das vezes que eu tenho de buscar um deles, encontro-os sem entender o que está acontecendo.

Não foram poucos os que se assustaram com a minha chegada. Sentam-se no chão ao lado de montes de ferro retorcidos, apoiam suas cabeças com suas mãos, seus dedos entrelaçados sob seus cabelos... Alguns choram, outros olham a esmo, como se aguardassem o despertar daquele pesadelo. Mas não vão. Já vi alguns tentarem resgatar seus companheiros, ainda vivos, de dentro dos carros. Nessas situações, muitas vezes, eu mal tenho tempo de levar um até a ponte e já tenho de voltar pra buscar o outro, ou outros. Minha sorte, e perdoe-me caso isso soe mórbido demais, é que estou em todos os lugares.

Outras vezes, e o que me deixa ainda mais desalentado, é ter de buscar alguém em uma balada qualquer. É estranho observar alguém se observando estirado ao chão. Lágrimas são corriqueiras, e se assustam quando eu chego. Eles não entendem o que acaba de acontecer, na maioria dos casos. Alguns tentam chamar a atenção das dezenas de curiosos que costumam se reunir em volta das tragédias, mal sabem que é em vão. Não adianta gritar, acenar... Só eu posso vê-los agora.

Quantas vezes eu já não entrei em casas de famílias pra buscar mulheres assassinadas por seus companheiros? Mesmo não sendo emotivo, não consigo ficar indiferente às muitas crianças desesperadas, ao lado dos cadáveres ainda



quentes de suas mães queridas. Não foram poucas as vezes que levei mães e bebês para fazerem a travessia: isso acontece com muito mais frequência do que eu gostaria de imaginar, mas é assunto pra outra hora.

Quero contar duas histórias hoje, e a primeira se passa na cama de um asilo. Foi um dos resgates mais traumáticos que eu já fiz. Seu nome: Horácio, órfão de filhos. Havia três meses que ele estava ali, e há pelo menos dois sequer recebia visitas. Recusou-se a comer depois de um tempo, e os cuidadores não perceberam que ele só fingia engolir os remédios. Sofreu muito nos últimos dias, mas creio que essa dor física não se compara à de ser abandonado por aqueles por quem ele teria dado a própria vida, aqueles de quem ele tanto cuidara, muitos anos antes. Encontrei-o de pé, ao lado da cama onde agora reuniam-se seus quatro filhos, duas noras, um genro e meia dúzia de netos. Estavam lá por eles mesmos, se me permitem opinar, só pra cumprir o protocolo. Ele sorriu quando me viu, reconheceu-me como a um velho e saudoso amigo. Deu-me um abraço, lembrança que vai me marcar pro resto da minha existência, pois eu era o único que estava ali por causa dele. Quando chegamos à ponte, ele se despediu. Observei ele atravessar, imaginando o que deve haver do lado de lá.

A segunda é, se eu puder assim colocar, ainda mais traumática. Flor estava escorada na parede do banheiro, bem debaixo do chuveiro, ainda ligado. Na mão direita uma navalha, o sangue escorrendo do pulso esquerdo. Suas roupas manchadas com o líquido, vermelho e quente, que respingava pra todos os lados nos ladrilhos coloridos. Cheguei um pouco antes dela... você sabe. Tinha só quinze anos, e tremia muito quando me viu. Tentei ser o mais discreto possível, ajudei-a a levantar, e seguimos nosso caminho. Falamos pouco, e não perguntei o porquê. Mas ela me disse: cansada de viver em um corpo que não era o dela, ela deixou o mundo que não é o nosso. Flor não era seu nome, e eu nunca soube qual era.

<https://www.wattpad.com/user/lkkering>



Íntegra Existência

Leandro Emanuel Pereira
Portugal

Como reduzir a nossa existência;
A um grão de substância?
Como explicar toda a nossa essência;
Sem recorrer à ganância?

Como pedir um percurso auspicioso;
Sem prejudicar ninguém?
Como ser gracioso;
Neste mundo que fica aquém?

Serei errante na apreciação?
Ou eloquente na forma de expressar?
Ponho a tónica em cada questão;
Preciso da verdade para respirar...

Quero acrescentar algo de novo;
Imprimir o meu cunho no universo;
Tudo que vejo, absorvo;
Mesmo o tesouro disperso...

<https://www.chiadobooks.com/livraria/viagem-ao-amago>



Liberdade de Expressão

Nercy Grabellos
Rio de Janeiro/RJ

Quero das minhas ideias falar
Preciso de liberdade para me expressar,
Não aceito servidão
Ninguém gosta de submissão.

Eu quero o direito de agir
Livre para entrar e sair
A boa ideia pode salvar
Pode nos libertar.

Ninguém pode me censurar
Por querer liberdade para me expressar
Escrever com exatidão,
O pensamento sem submissão.

Só posso sentir-me contente,
Se for independente.
Quero estar liberto,
Aberto e desperto.

Sem servidão e abuso de autoridade
Com total liberdade
Meus pensamentos sem restrições
Para chegar aos corações.





Longe de Mim

**gosto de voar com os pássaros
que habitam os meus pensamentos.**

**eles me levam
para longe de mim.**

**aonde posso
voltar
a ser eu mesmo.**

**Leonardo Queiroz Lyrio
Montes Claros/MG**



Lua

Eni Ilis
Campinas/SP

Lua tão linda e afiada, merecia outra paisagem para estar nesse crescente. Uma vastidão de nada para ser evidente e estridente sua presença silente. Contudo, orbita outra paisagem... Céu retalhado de prédios. Prédios que parecem sorrisos banguelas com suas janelas abertas e fechadas segundo à vontade de cada qual. E o barulho? Menor que o do dia, sem dúvida, mas a velocidade raspando o asfalto, o parar que é contenção; os portões que abrem e fecham e rangem e estalam suas batidas; as fagulhas de conversas que nunca acabam e enxameiam o ar. Tanta coisa amontoada, concomitante. A lua, porém, em seu eixo é observada sem observar.





Lupanar

Delson Borges De Araujo (Bebé)
Salvador/BA

Naquela noite eu saí
Sem saber para onde ir
Esqueci a minha idade
Passeei à noite pela cidade.

Andei pelas desertas calçadas,
Em ruas mal iluminadas
Libertei minh'alma amargurada,
Ao sentir a brisa da madrugada.

Entrei em um lupanar
Como fazia na idade verde
Bebí até matar a sede,
Com mulher que sabia amar.

Ela apareceu como um anjo benfazejo
Fez-me feliz, satisfez meus desejos.





Luto é Verbo

Liana

Dourados/MS

Luto nem sempre é morte

Luto é resistência em primeira pessoa do singular

E lutar serve para todas do plural

Luto é vida! Às vezes significa morrer... nunca ao contrário

Mas todas as vezes sobreviver.





LUZ

Resplandecente está a luz.

Iluminando o caminho,
clareando a face.

Brilha.

Não se cansa.



Cintila tal qual o Sol,
acende a esperança.

Sigridi Borges



Mãe

Lenilson de Pontes Silva

Pedras de Fogo/PB

Essa pessoa que é bela,
Só sabe se orgulhar.
Sabe que é a mais bela,
Mas não sabe cautelar
Quem dirá que ela mente?
Não sabe o que é viver...
Fala sempre angelicamente,
Que do mundo nos faz esquecer
Ah, mas se o mundo olhasse...
Se a visse cantar
E se o mundo a abraçasse?
Para entender o que é amar...
Mas quem a ama fala,
Quem quer mostrar o que sente,
Sabe bem o que fala,
Para o mundo perfeitamente...
Mas se não poder contar para todo mundo,
Só não deixe de contar para ela,
Olhe bem em seus olhos
Segure o seu rosto e fale:
A senhora tem uma alma muito bela.





Marias do Meu Nordeste

Noélia Nobre

Fortaleza/CE

Quem nunca ouviu falar
Das marias do nordeste
Da raça, sangue e calor
Do amor e muito sabor.
Eu conheci lá no bravo sertão
Uma maria que brigou para nascer
E ela veio ao mundo ao amanhecer
Mas, sua mãe deus não lhe deixou
Maria lutou e sobreviveu
Forte cresceu com o leite de cabra
A sua raça nunca negou
E o sol e a seca ela sempre encarou
Tinha o sonho de escrever e ler
Porém o mundo este legado não lhe deu
Na vida até cangaceiros enfrentou
Mas uma linda família ela criou
Quem nunca ouviu falar
Das marias do nordeste
Da raça, sangue e calor
Do amor e muito sabor.
Eu conheci outra maria
Que de família rica veio
Mas, o que tinha em bens materiais
Faltava em felicidade e amor
Ela foi sempre muito desprezada
Pois não nasceu homem, e sim mulher
Mas como uma boa maria do nordeste
Caiu mas sempre se levantou
Ela lutou com todas as forças
E toda sua raça soube usar
Ela venceu e subiu na vida
E hoje os outros vem lhe homenagear
Quem nunca ouviu falar
Das marias do nordeste





Da raça, sangue e calor
Do amor e muito sabor.
Nesse nordeste há muitas marias
Que são o alicerce do nosso sertão
Elas lutam de sol a sol
Mas nunca se deixam vencer
Quem é que não admira
As marias do nordeste,
Mulheres fortes e de fibra
Como elas não a igual
Enxugam as lágrimas da face
E para as batalhas com coragem entram
Mas não tem que as vença nunca
Porque são as marias do nordeste
Quem nunca ouviu falar
Das marias do nordeste
Da raça, sangue e calor
Do amor e muito sabor.
São mulheres lutadoras
Nunca reclamam de nada
Levantam sempre a cabeça
E o mundo elas encaram
Quem nunca ouviu falar
Das marias do nordeste
Da raça, sangue e calor
Do amor e muito sabor.





Masil 101

Sara Timóteo

Póvoa de Santa Iria/Lisboa - Portugal

Maria Silva, conhecida por Masil no seio de uma reduzida esfera social composta por colegas e subordinados, deteve-se a olhar para o panegírico *começa aqui*. Debalde tentou cogitar sobre a utilidade e implicação de uma tal proposição inscrita na vitrina de uma livraria em pleno Chiado. Desalojou os vestígios de chuva acumulados sobre a gabardina verde-escura que envergava e desceu os degraus anfitriões de livros antigos. Procurava, nesse dia, um livro que rareava nas grandes cadeias comerciais.

A época natalícia parca alegria implicava para a inspetora da Polícia Judiciária pois, tal como todos os solitários, encontrava-se à mercê dos fantasmas dickensianos emergentes do seu quotidiano.

Numa rusga anterior no Bairro da Serafina, havia sido desvendado o desfecho da vida de Catarina, e Masil experimentara um desalento a que subjazia o alívio pois, por fim, poderia dar descanso às congeminções sobre o destino da menina. A inspetora não cedera a qualquer ilusão aquando do rapto: sabia o que acontecia aos desaparecidos pertencentes a esta faixa etária. Não imaginara, porém, que o corpo pudesse estar tão perto de si – apenas dez minutos de percurso sobre estrada alcatroada separavam a mãe da criança.

Regressou ao presente e forçou-se a alhear-se dos resultados da autópsia e dos restos mortais entrevistados na arca velha para onde alguém atirara Catarina, como coisa sem préstimo, avariada após algumas utilizações. A imagem forjara contornos insalubres nos pensamentos de Masil, mas dois meses era o prazo auto-imposto para abandonar as contendias internas, desapegar-se da fase de negação e aceitar, por fim, o sucedido.

Libertou o telemóvel do bolso, afastou-se das luzes festivas dotadas de coros automatizados que a irritavam sobremaneira e ligou para João Correia, também inspetor da Polícia Judiciária. O colega atendeu a chamada, e logo indagou:

- Sempre conseguiste folga para hoje e amanhã? – Procurou sorrir enquanto falava. João não deveria aperceber-se das lágrimas acumuladas em cornucópia nos canais lacrimais e do grito retido sob as cordas vocais.

-Olá, Má da Silva... Sim, estou aqui com a Sílvia e com os miúdos, mas dentro de dez minutos sairei de casa. Onde estás? – João Correia esboçou um sorriso cúmplice enquanto pronunciava as sílabas. A língua, por vezes,



recordava-se dos caminhos percorridos ao longo da pele de Maria e o desejo transparecia na forma como se dirigia à colega.

- João, estou na Baixa. Podemos encontrar-nos à porta da Brasileira? – De súbito, um menino com seis ou sete anos empurrou as pernas de Masil para se esquivar a um outro menino num jogo da apanhada; o telemóvel resvalou-lhe das mãos para o chão, e a bateria caiu para dentro de uma poça de água funda. Maria Silva respirou fundo várias vezes, recolheu a bateria ensopada, aceitou a desculpa atabalhoada apresentada pela mãe de ambos os meninos e entrou, mais uma vez, na loja onde os livros a convidavam a uma estadia mais longa do que a programada.

Sem telefone móvel, tinha uma desculpa perfeita para se demorar. Folheou revistas literárias e revisitou narrativas policiais que a encantavam pela ingenuidade, mas também pela precisão do raciocínio dedutivo utilizado. Por fim, foi à procura da obra cujo conteúdo era dotado de tanto significado para si.

Embora não fosse um campeão de vendas, o livro contava com várias reedições, talvez devido à beleza despojada da história e à poesia contida em cada uma das palavras que a compunham. Susteve a respiração enquanto pedia ao funcionário que embrulhasse a edição do ano corrente; quase não conseguia tolerar a imagem da capa. Por vezes, interrogava-se se esta rotina se constituiria como uma forma de tortura própria, mas a terapeuta afiançara-lhe que era um ritual normal nesta fase - e bastante bonito, por sinal.

Antes que pudesse encaminhar-se para a Brasileira, João irrompera pela loja adentro de um modo intempestivo, como sempre. Dirigira-se a ela, relanceara o saco com o embrulho que transportava na mão, abraçara-a e, em menos de um minuto, levava-a para um café discreto perto do S. Carlos e encomendara um chocolate branco para ambos beberem. Ela notara que o inspetor Correia desligara o telemóvel, deixando Sílvia e os miúdos esquecidos na casa confortável e acolhedora na qual a esposa aguardaria pelo regresso dele.

João desembulhara o conto (o dístico impresso no saco admoestava os compradores de livros, leitores ou não: *ofereça um livro*), olhara para a face de Masil e chorara, procurando ocultar as lágrimas com recurso a um lenço de pano que lhe sobejava por ser varão de família de nobre e antiga linhagem.

Maria explicara-lhe o plano a concretizar nesse fim de tarde. Encaminharam-se, de mútuo acordo, para o cemitério da Ajuda, cada um no seu carro. Afinal, era importante evitar o falatório e sempre haveria colegas de Masil ou amigas de Sílvia a cirandar por ali, sobretudo num dia de festa.

Maria chegara primeiro. Maquilhara-se rapidamente, abusando do corretor de olheiras. Esperava não ficar com a pele acinzentada sob a luz desigual da tarde de dezembro. O recipiente da máscara de pestanas dizia: *Fique mais perto*. Queria sentir-se bonita para a visita que se avizinhava. João Correia deveria



olvidar-se da ruína da mulher que um dia fora e vislumbrar uma guerreira a desbravar caminho.

A cabeça do inspetor emergiu, precipitadamente, da porta do automóvel adquirido há poucos meses, e, sem uma palavra, uniram as mãos sobre o caminho enlameado. Vacilaram quando se aproximaram da campa de Catarina. Sentaram-se, em silêncio, e Masil pigarreou antes de começar a ler o conto preferido da filha dos dois inspetores: *Era uma vez...*

Quando terminou de ler a história a Catarina, anoitecera e as estrelas pontilhavam o céu noturno de luzes dispersas. Arrefecera.

João conduziu Masil para o apartamento secreto que partilhavam no Bairro Alto e observou-a a mudar de roupa e a esbater a maquilhagem. Ele também se transfigurara sob o olhar atento da Má da Silva, especialista em detetar a mínima dissonância. Afinal, havia uma missão a cumprir.

Transfiguraram-se em animadores culturais voluntários de uma organização sem fins lucrativos. Sob esse disfarce, foram até a Serafina e bateram às portas das casas onde havia crianças com fome e frio, muitas delas molestadas. Sempre que podia, Masil narrava a história preferida da filha aos meninos e às meninas reféns daquele bairro sem sonhos. João entregava brinquedos e alimentos aos avós (decerto os pais e mães andavam no tráfico ou no consumo, e esses atos não respeitam dias festivos).

Contar uma história era a única forma de honrar o natal das crianças que viviam uma realidade sem direito a infância. Na condição de inspetores, haviam congeminado este modo de manter a vigilância no bairro que seria sujeito a uma nova rusga no final de janeiro.

<https://www.facebook.com/samarinatimoteo/>





Meu Presidente

Regina Ruth Rincon Caires
Araçatuba/SP

Início da década de 1960...

A pequena vila, acanhada, era quase estéril de empregos. Afora os pequenos sitiantes e comerciantes, o resto lutava só Deus sabe como... Mas tudo era mais fácil, visivelmente mais fácil que hoje. É bem verdade que a comida não era tão diversificada como agora, mas existia a fartura. Em quase todas as casas podia-se ver uma horta ampla, um chiqueiro apinhado de crias, galinhas aos montes, sem contar as frutas! A gente comia até se fartar, e não havia a menor preocupação com a sobrevivência futura, como hoje. Não sei se isso, se essa despreocupação estava só com as crianças, e ficava para os adultos a angústia do "como fazer?". Acho que não... As pessoas eram leves, não mostravam tensão. Eram falantes, alegres, maravilhosamente solidárias. Tempo bom! Sadio nos costumes e nas amizades!

Em casa, minha mãe, viúva, com uma penca de filhos... Éramos assustadoramente pobres, quase sem perspectivas, mas comida não faltava. Do quintal vinha muito do nosso sustento. Comum era a troca de verduras e legumes com os vizinhos. Não me sai da lembrança o caramanchão de chuchu de Dona Eulália. Imponente, fecundo! Erguido próximo ao batedouro de roupas, alimentado com água em abundância, produzia o ano todo!

Todos nós trabalhávamos. Minha mãe fazia salgados para os bares, meu irmão era metido a eletricitista, o outro era balconista da Casa Pereira, a única loja de tecidos da vila, e assim por diante... Eu, caçula de sete anos, defendia o meu com uma caixa de engraxar. Tempo bom pros engraxates! Todo mundo usava sapatos de couro. Ainda não havia surgido a febre do tênis. Bom mesmo era engraxar botinas! O cano alto permitia cobrar mais caro pelo serviço. Justificável, não?

Na praça da igreja, pela manhã, eu tinha o melhor ponto. Cedo, com o sol ainda fraquinho, os velhos se juntavam nos bancos para uma prosa gostosa, e ali eu fazia a minha clientela. Quando o sol esquentava, e até que chegasse a hora de ir para a escola, ficava difícil. Era raro encontrar um ou outro freguês pelas ruas. De vez em quando conseguia algum na barbearia. Mas, decididamente, não era vantajoso esperar.

Achei uma saída espetacular! Ia engraxar em domicílio! Passava pelas casas e assim engraxava os sapatos da família inteira. Com o tempo consegui organizar uma clientela fixa, e com isso tinha trabalho de segunda a sábado. Já sabia que na segunda-feira engraxaria na casa do Seu Dorival, na terça na casa do Seu Duílio, na quarta na casa do Seu Osório... Adorava as sextas-feiras!



Verdade mesmo! Nesses dias eu nem passava pela praça. Ia cedo para a casa do Seu João. Sujeito incrível! Meu ídolo! Gostava tanto de conversar com ele que fazia meu serviço lentamente, com esmero excessivo. Nunca lhe sujei as meias! Alongava minha tarefa ao máximo para poder ficar mais tempo ao lado dele. Como era sábio!

Sempre que eu chegava, um farto café da manhã me esperava. Até queijo eu comia! Parecia mais um banquete! Nutria um carinho especial por mim... Acho que era mais um caso de simpatia recíproca, de empatia, de encaixe completo. Aquela velha estória de panela e tampa... Era mais que isso! Era uma afinidade tamanha, tão intensa e profunda, que fazia o tempo voar, que alimentava a minha alma! Homem de seus cinquenta e tantos anos, muito calmo, costumeiramente vestido em terno de casimira ou de linho bem amarrotado, os cabelos sempre lustrosos, recendendo à brilhantina. Mãos grandes, com as unhas sempre bem aparadas, e trazia no dedo anular um largo anel de ouro com uma imensa pedra de rubi. Uma figura marcante, sem dúvida alguma!

Seu João era meu chapa! Sempre que falava comigo, com aqueles olhos de raios-X, não hesitava em demonstrar seu afeto e me fazer um agrado. Às vezes fico pensando se eu não encontrava nele aquele pai que eu havia perdido?! Sei lá... Só sei que ele era muito importante pra mim! Guardava as suas palavras como um registro, e as ficava matutando à noite, antes de dormir. Entre tantas coisas que me passou, guardo claramente e com saudade as suas aspirações. Apesar de toda sua sabedoria, não se aprofundara nos estudos. Deixava claro em suas conversas o desalento desta proeza irrealizada. Queria ter sido engenheiro! Mas, entremeado pelas peripécias que a vida reserva a todos, não passou do quarto ano primário. Foi pra luta, trabalhou muito, e tornou-se cartorário. Aliás, profissão que levou até o fim da vida!

Mas o que mais me empolgava mesmo, era a sua campanha política. Conversava horas e horas, comigo, sobre isso. Estava se preparando para ser Presidente da República! Hoje sei que só falava disso comigo, é claro! Falava sobre suas estratégias políticas, seu plano de governo, da escolha e da preparação de seus cabos eleitorais... Juro! Desejava ser um deles! Eu me sentia tão envolvido com suas ideias, que queria que os dias voassem para que eu me tornasse mais velho e pudesse chegar a ser um cabo eleitoral dele. Verdade! Era até capaz de fechar os olhos e me imaginar com as mãos cheias de "santinhos" com o retrato dele, e com bandeiras trazendo o "slogan" de sua campanha. Sabe como ele me "comprou" nesta campanha toda? Com seu plano de mudar o calendário. Afirmava, e isso acontecia sempre que nos encontrávamos, que quando fosse Presidente da República mudaria completamente o calendário. Não haveria dias comuns da semana. Nada de feira, feira, feira... Só existiriam o sábado e o domingo. E mais ainda, o calendário escolar seria invertido. No



período das férias tínhamos aulas, e o período das aulas seria transformado em férias! E não era pra eu me empolgar? Estudar só três meses por ano? Inacreditável! Seria a glória! Daí o meu interesse pela campanha e pelo meu ídolo. Ele era o máximo! Quantas ideias maravilhosas! Como eu o admirava!

Hoje, com os meus cabelos brancos, rememoro tudo isso e chego a ter ataques de riso quando penso em algum detalhe particular daquelas nossas conversas. Propostas utópicas! Devaneios... Sandice pura! O pior de tudo é que eu procurava passar essas ideias adiante! Dentro de minha ingenuidade e afoiteza, propagar esta campanha era primordial! Em casa falava com minha mãe, com meus irmãos, com os vizinhos. Na escola, falava com os meninos. Mas ninguém me ouvia. Ninguém se empolgava... Cheguei até mesmo a pensar que o ideal seria levar todas essas pessoas até a casa do Seu João, assim ele mesmo exporia suas ideias e seu programa de governo. Quem sabe assim, as pessoas se motivariam! Que nada... Ninguém queria me ouvir... Quando dava por mim, falando pelos cotovelos, entusiasmado com a campanha, estava sozinho. As pessoas davam-me as costas, e eu ficava pregando no deserto. Achava-as tolas, desinteressadas, burras mesmo! Afinal, não davam ouvidos a ideias de vital importância, a planos que mudariam totalmente suas vidas! Seria uma guinada de cento e oitenta graus! Bobagem... Inútil tentar convencê-las... Eu me sentia mais triste ainda porque percebia a minha incompetência como cabo eleitoral. Nunca poderia ser um deles! Não conseguia convencer ninguém!

E foram muitos meses assim, anos até! De repente, a voz do “Meu Presidente” se calou. Não falava mais... Nem comigo, nem com ninguém. Ficou triste, abatido. Nem engraxava mais os sapatos! Também, não os usava! Só calçava chinelos e quase não andava. Só que uma alegria eu ainda sentia. Não ouvia a sua voz, mas seus olhos me falavam. Seu jeito de me olhar ainda era o mesmo. Transparecia amor, carinho, cumplicidade. Eu ficava tempo ao lado dele, sentado em uma cadeira no canto do quarto... “Meu Presidente” estava muito mal. Eu não sabia bem o que lhe acometia o corpo, mas percebia que estava chegando ao fim. Ao fim da campanha, ao fim da proeza, ao fim da vida...

E o agosto terrível chegou...

Levou, com seus ventos mórbidos e angustiantes, a vida do “Meu Presidente”. Velho amigo! Meu timoneiro!

Sempre que passo por aquela rua, olhando aquela varanda, vislumbro a sua imagem no mesmo traje de linho, com aquele sorriso zombeteiro, com aquele olhar afetuoso, e com a mesma imponência do “Meu Presidente”.





Nirvana

Rosangela Maluf
Nova Petrópolis/RS

Cortinas de renda
vasos de avenca
gato persa
no tapete arraiolo
samambaias;
almofadas de seda
coloridas, indianas
fotos de filhos
luz de velas
quadros de flores;
livros de arte
de poesias
de preces
incensos, perfume
mandalas, crisântemos;
violão, num cantinho
bach e vivaldi, cd's
um jesus, no horto
um buda, no altar
potinhos de mel, de flor, de água
um são Jorge, oxossi guerreiro
na parede, uma guia de iansã;
lá fora, um por de sol
aqui dentro, penumbra
mantras e contentamento
meditação e paz
música,
felicidade plena
meu céu é aqui!





Nossos Corpos e a Natureza

Evandro Ferreira
Guaraciaba do Norte/CE

O amor
"Surge no coração sem pedir licença para entrar
Um mar de desejo
Uma explosão no fim de um beijo"
O amor por ti
Faz-me crescer, me faz regredir
Sou adulto, sou criança
Mas não deixo de querer-te
Suspiro sem perceber
Escrevo um poema no ar
Voo na folha do caderno
Respiro na tinta da caneta
Recito a luz das estrelas
Dentro da Lua
Te pego pelo braço
Puxo-te pela cintura
Olho em seus olhos
E somos atraídos pelos lábios do outro
Um beijo, então sai,
Aliás, continua...
Prossegue e os desejos perpassam pelos poros de nossas peles
Sentimos um *frisson* ao tocarmos corpo a corpo no outro
Uma felicidade em demasia
Um gozo na alma
Será o início da descarga elétrica?
É uma explosão de desejos
Uma ventania de carícias
Um mar de salivas
As bocas unidas em 100º
Os corpos derretendo e deslizando no do outro
Chuva de amor
Brisa de relaxamento
Clímax de arrepios
Desejos...
É um festival de sentimentos
Aliados à natureza
Os astros testemunham os corpos sedentos de amor
E meu ser quer e ousa gritar
Eu a amo, amo e amo.

<https://www.facebook.com/evandro.rodrigues.1806>



O Artista e a Fênix

Carmem Aparecida Gomes
Ipameri/GO

Dita um mito que a fênix pelo fogo é queimada
Das cinzas após um longo tempo a fênix renasce
Assim é o artista e a sua arte.
Através de adaptações, cópias, edições e exposições
O artista morre e renasce na sua arte.
A arte faz do artista um imortal
Como a fênix ele nunca se apaga.
Na sua arte depois da mortalidade de sua carne o fogo do espetáculo brilha
E traz de volta a sua alma imortal...
Fogo sem fumaça!
Fogo encantado!
Todo artista tem alma de fênix
Como a fênix
Ele morre e renasce.
E assim...
Será por toda a eternidade.





O desaparecimento do menino Wan

Mademoiselle Keighley (Danilene Mereles)

Rio de Janeiro/RJ

Hong Kong 1950

Manchete do jornal local:

"Mal estamos nos recuperando de uma tragédia e outra surge em seu lugar, o pequeno Wan desapareceu hoje na porta do colégio, qualquer informação sobre ele, favor contactar a polícia local."

Casa de seus pais:

- Sra. Shun, por favor, acalme-se - pedia o detetive com delicadeza - o que pode nos dizer sobre hoje de manhã?
- Eu já disse tudo! - entre soluços e lágrimas, respondeu.
- Acalme-se e feche os olhos, respire com calma e vamos repassar.
- Minha esposa já disse o que sabe! - o senhor Wan esforçava-se para não demonstrar suas emoções na frente dos policiais. - Os senhores deveriam procurar pelo meu filho! Mas estão aqui nos enchendo de perguntas!
- Acalme-se, sua esposa viu algo apenas não consegue recordar-se.
- Sra. Shun, conte-me exatamente o que aconteceu essa manhã.
- Eu acordei, levantei-me da cama, escovei os dentes, meu marido prepara o café em nossa cozinha, vou ao quarto do Wan, ele está dormindo, o acordo. Ele precisa ele lavar e escovar os dentes, o ajudo. Quando retornamos ao quarto, ouço uma discussão bem embaixo da sua janela, dois homens empurram um terceiro.
- O que eles disseram? - pergunta o detetive.
- Não lembro direito. Drogas, dívidas, pagamento, algo assim.
- O que a senhora fez em seguida?
- Levei o Wuan para a cozinha, tomamos nosso café da manhã e saímos?
- E depois?
- O deixei na escola.
- Algo incomum aconteceu na escola?
- Não! - e suas emoções retornaram ainda mais violentas. - Aconteceu, eu lembro! - Um menino estava vestido igual a ele, com uma bicho de pelúcia em seus braços, até a mochila, os sapatos, as meias eram iguais!

"O menino Wan parece ter sido vítima de um engano. Os policiais procuram por um menino igual a ele. Qualquer informação, favor contactar a polícia local."

Em alguma casa no mar da China:



- O que nós fizemos? - uma mulher nervosa apertava as mãos.
- Nós? Você fez isso sozinha! Não fiz nada!
- Você o trouxe até aqui!
- Mas a vingança era sua!

Em um hotel - famoso pelos mafiosos que o frequentam:

O detetive sabe exatamente quem é o pai do menino idêntico ao Wuan, vai em sua direção:

- Sr. Chen - muitos homens armados, levantam-se. - Calma pessoal, não irei prendê-los ainda. preciso juntar mais provas e deixá-los apodrecer na cadeia, mas me dia senhor Chen tem lido o jornal? Uma criança desapareceu e a descrição bate com seu filho.
- Não tenho filhos, detetive.
- Tem sim, apenas um, sei que foi um acidente, mas o senhor o ama, e sei também que o senhor o ama e o esconde, contudo alguém descobriu e acabou sequestrando outra criança no lugar.
- Lamento mas não sei nada sobre isso.
- Irá lamentar quando o acusar.
- Vá em frente.

"A polícia tenta em vão conservar a esperança, entretanto decorridos cinco dias, todos imaginamos o destino trágico do pequeno Wuan."

"Tiros foram ouvidos em uma luxuosa suíte de um hotel, uma mulher e dois homens com ligações com a máfia foram assassinados. Uma criança fora encontrada escondida no elevador de roupas. A polícia não divulgou mais informações."

"O corpo de uma criança fora encontrado boiando no mar da China, que não seja quem imaginamos."

Necrotério:

- Quando estiverem prontos, levantem o lençol - o legista explicava ao casal o qual chorava e sofria em silêncio.
- O pai levantou o lençol e quando a mãe o viu, abraçou e beijou o filho morto. O detetive olhava a cena e perguntava-se quem no mundo mataria uma criança asfixiada. Sua única vitória naquela semana era a prisão do Sr. Chen e seus comparsas - nunca mais sairão da cadeia.

Delegacia:



- Coma algo e fique calmo - a policial tentava consolar o menino que soluçava em seus braços.
- Quem contará ao menino que sua mãe morreu e seu pai está preso? - dois policiais conversavam.
- Foi uma semana difícil para nós. Um menino assassinado e outro órfão. Não sei como prosseguir.

Em uma sala de interrogatório na mesma delegacia:

- Porque assassinou o Wuan? O que os pais dele fizeram?
- Foi um engano! - uma mulher chorava - eu queria matar o filho do Sr. Chen para ele sentir a dor de perder um, mas meus comparsas pegaram a criança errada!
- Porque não o devolveu?
- Não sabia! Só soube pelos jornais quando era tarde demais! Fiquei com muita raiva, o filho dele vivia em um hotel luxuoso enquanto o meu fora morto, por qual motivo não pude ter meu bebê? Era filho dele também! - a mulher estava claramente perturbada. - Mas me vinguei: entrei na suíte e matei a mãe dele e seus protetores. Não pude matá-lo pois ele se escondeu e a polícia estava chegando. Ele nunca mais verá o filho.

"Podemos aprender muito sobre vingança nessa longa e trágica semana, o pequeno Wuan não mais voltará para casa. O pequeno Kevin não verá mais sua mãe, a senhora Lee enlouqueceu e passará o resto de sua vida em uma instituição psiquiátrica, suas comparsas encerraram a própria vida. O senhor Chen e os membros da máfia não sairão da cadeia devido a atividades criminosas e pelo assassinato do filho da senhora Lee (sua ex-amante), Ainda restará um final feliz?"





O dia em que Jeca Tatuado levou Shandra Brega pro samba

Fábio Daflon

Vila Velha/ES

O grito da arara entre os pios dos pássaros
parece ser nervoso, mas não é desespero,
o semelhante humano nunca espero,
às vezes é do que dorme em colchão cheio de ácaros.

O primo da arara é o papagaio,
e o semelhante humano é o moleque punk,
quase tudo é feio no universo funk,
não há desses que dance sem que parta um raio

se a apologia for do que nunca presta,
pois não é que um dia o Jeca Tatuado quis
ir à um gafieira para ficar feliz,

e retirou três piercings do meio do nariz,
sem mostrar rato tatuado em um dos pernis,
e trouxe mina ao samba onde é melhor a festa.





O Estranho Caso da Vírgula

Luisa Costa Cisterna

Calgary/Alberta - Canadá

Anunciado o desaparecimento da Vírgula. Seus seguidores e companheiros da ACAP – Associação Contra o Abuso da Pontuação – relata que, há alguns dias, a Vírgula não vinha comparecendo às reuniões e atividades promovidas pelo grupo. Descrita como um dos membros mais ativos e participativos da Associação, ela tem deixado todos aflitos com seu repentino sumiço.

Segundo o Sr. Ponto Final, Presidente da ACAP, a Vírgula vinha demonstrando um comportamento arredio nos últimos tempos, pois sofria abuso dos usuários de Pontuação principalmente na mídia social. Conforme comentários dos outros membros do grupo, ela sentia-se abandonada principalmente quando não era convidada para fazer a necessária separação entre o vocativo e o restante da sentença. Algumas vezes ela era exposta de forma humilhante na mídia social quando obrigada a se posicionar entre o sujeito e o predicado. Nesses casos de bullying, ela passava alguns dias a base de remédio ansiolítico.

Ao serem questionados pela Polícia da Gramática, os outros membros da Associação informaram que eles próprios têm sofrido ameaças. O Ponto-e-Vírgula denunciou a falta de critério por parte dos usuários no emprego de seus membros. Segundo ele, havia uma grande campanha para a eliminação da sua função. Ele não acredita em teoria da conspiração, mas sim na desinformação do público a respeito da correta utilização dos integrantes do grupo.

No caso do estranho desaparecimento da Vírgula, a Polícia não pode informar se há alguma pista. Há a possibilidade de sequestro, homicídio ou até de uma fuga voluntária visto que ela andava muito desanimada com o futuro de sua função. Ao que indica, ela nunca se recuperou do rumor maldoso que surgiu nas aulas de português nos idos dos anos 70 de que ela só servia para dar aos leitores uma pausa para respirar no meio das sentenças.

A Associação de Vocativo, Sujeito e Predicado tomou a iniciativa de lançar uma campanha de conscientização do correto uso da pontuação. Segundo o grupo, muita tragédia pode ser evitada com informação correta. A Polícia da Gramática promete rigor nas investigações. Se alguém souber do paradeiro da Vírgula, entre em contato com a ACAP ou com a Polícia.





O Impulso de Eros

Vadô Cabrera

Jacareí/SP

Meus olhos...
Querem hipnotizar teus olhos.

Meus braços...
Querem abraçar teus braços.

Meus lábios...
Querem beijar teus lábios...
Teus seios.

Minhas coxas...
Querem entrelaçar tuas coxas...
Teus meios.

Meus pelos... Ah, meus pelos!
Querem enroscar em teus pelos...
Comê-los.

Meu corpo ardente...
Deseja teu corpo serpente.

Meu sexo...
Afoito.
Quer executar...
O coito.

E tudo acontece de repente.
Saciado, mas ainda é pouco.
Até parece coisa inconsciente.
Coisa de amante voraz, de louco.





O Incendiário

Joaquim Bispo
Lisboa - Portugal

«Tudo menos troça!» Mauro pediu mais uma cerveja. Mantinha na retina a imagem da jovem em risinhos e a cochichar com as amigas, na véspera. É claro que era um falhado, toda a gente sabia isso, mas troça é que não. Para a menina do papá era muito fácil rir-se dele. Não tivera de passar pela experiência de dormir debaixo de um viaduto, na vila; não tinha de aceitar o trabalho que aparecesse, fosse ajudante de trolha, fosse ajudante de cargas, na serração. Com 19 anos, ele não tinha um telemóvel de jeito, não tinha carro, não tinha amigos, não tinha nada. Vivia com a mãe viúva, sempre com recomendações, que se esforçava, mas não lhe dava um mínimo para um rapaz dos tempos atuais. Às vezes, não lhe dava nem trocos para ir ao café. Ficava a ver televisão em casa, mundos magníficos tão diferentes da sua aldeia encravada entre montes cobertos de pinheiros e eucaliptos, revoltado com a sua vida sem futuro. Saiu do café e acendeu um cigarro. Caminhou na direção oposta da sua casa, ao longo da estrada iluminada por alguns candeeiros esparsos, que ladeava a pequena ribeira que atravessava Lage Fundeira, Passou em frente da vivenda de Carla. Imaginou-a em frente a um computador, a trocar piadas com amigas e amigos. Voltou a lembrar-se do riso dela. Um incómodo voltou a atravessá-lo. Prosseguiu até as casas acabarem e sentou-se numa pedra a ouvir a ribeira. Aquele enorme silêncio, em vez de o acalmar, trouxe-lhe uma visão clara do seu exílio. Só, abandonado, miserável, esmagado debaixo de toneladas de pasmaceira.

Cheirou-lhe a fumo. Mais uma vez. Na véspera, o fogo andara numa serra não longe dali. Tinham lá estado os bombeiros e a televisão. Uma animação enorme. Se tivesse carro, tinha lá ido ver. Acendeu outro cigarro e observou o insinuante bruxulear da chama do isqueiro. Baixou a cabeça, pensativo.

Quando os bombeiros chegaram, meia hora e tal depois, Mauro observava da janela de casa o fogo a alastrar pelo mato próximo da zona onde o incêndio tinha



começado — uma pequena várzea de feno seco do pai de Carla. Um autotanque e um carro de transporte com 8 bombeiros, num alvoroço de sirenes, postaram-se na estrada contígua ao fogo. Com grande agilidade e rapidez, os homens desenrolaram mangueiras, puxaram-nas, avançaram em direção ao fogo, e lançaram jatos de água sobre o mato em chamas. Era belo e empolgante. Mauro chamou a mãe e saiu de casa a correr. Para ver de perto o ataque às chamas e ajudar aqueles homens esforçados. Pouco depois chegaram mais dois autotanques e outros carros e em menos de outra meia hora estava o fogo dominado. Ainda andaram por ali muito tempo, para assegurar o rescaldo, a Guarda alvitrou que devia ter sido uma ponta de cigarro acesa atirada de um carro, mas depois foram-se todos embora e Lage Fundeira voltou ao sossego característico. Fora tudo tão rápido, que nem apareceu a televisão.

Mauro não gostou de tanta eficácia. Esperava que o incêndio durasse pelo menos um dia, mas nem sequer pôde ver um helicóptero a lançar água sobre nuvens de fumo e chamas. Tinha de ser mais esperto, planejar minimamente, executar sem ser de impulso.

Na segunda-feira seguinte, ao lusco fusco, Mauro desceu à azenha velha, depois tomou o antigo trilho dos moleiros, serra acima. Meia hora depois chegou a um barrocal, a que chamam Fraga do Mocho, que agora está envolvido por uma mata de urzes e giestas. Escolheu uma área bem densa e seca e instalou o seu engenho — uma cana oca cheia de musgo seco, com uns vinte fósforos na ponta. Junto a essa ponta, três acendalhas e uma boa dose de caruma, e gravetos de giesta. Depois de confirmar que tudo estava estável e aplicado conforme tinha pensado, acendeu a ponta inicial da cana e afastou-se para um ponto da serra afastado mais de cem metros, de onde podia assistir ao eclodir do fogo.

O engenho não o desiludiu, nem o resultado. Assim que o musgo em brasa atingiu os fósforos, foi tudo muito rápido: chamas surgiram, os gravetos incendiaram-se, em breve a giesta a que estavam ligados começou a arder e depois outras giestas em todas as direções até o fogo atingir o eucaliptal anexo, onde as línguas de fogo começaram a trepar por dezenas de metros. Em pouco tempo, o incêndio tinha uma frente de quase cem metros e uma altura de vinte



ou trinta. A salvo e com a retirada planeada, Mauro deliciou-se com a magnificência e a sofisticação daquele espetáculo admirável. A potência e o fulgor das labaredas impressionavam. As chamas dançavam e insinuavam-se por entre os estáticos troncos. O calor começava também a atingi-lo. Em êxtase, abriu as calças e masturbou-se à vista daquela visão luxuriante. O fogo alastrava com rapidez. O orgasmo intenso, com o seu efeito de alheamento, quase o pôs em perigo. Desatou a correr, apanhou mais à frente o trilho que trouxera e em vinte minutos estava em casa.

Essa foi uma noite em que Mauro não dormiu. Nem Mauro, nem os outros habitantes da aldeia. Em poucas horas, o fogo ganhou três quilómetros de frente. Pela manhã, o horizonte estava escondido por rolos de fumo negro e surgiram dois pequenos aviões de ataque a fogos a lançar grandes jorros de água sobre as chamas. Levantavam-se enormes nuvens de fumo branco. Parecia um cenário de guerra, ou, pelo menos, dos filmes de guerra. Pelo meio-dia, temeu-se que as chamas chegassem à aldeia. Houve ordem de evacuação, mas Mauro conhecia a região — foi instalar-se junto da ermida da Senhora do Alto, de onde podia continuar a presenciar o espetáculo das chamas e de todo o aparato para as combater. À tardinha, o fogo tinha ultrapassado a serra e mudado de concelho e todos puderam voltar a casa e contabilizar as perdas: quatro ou cinco palheiros ardidos, gados tresmalhados, muitos hectares de floresta queimados. O Telejornal mostrou uma reportagem do incêndio e, pela primeira vez, Lage Fundeira apareceu na televisão.

Um ano depois, Mauro continua sem amigos, sem namorada e sem trabalho certo, mas não está muito decidido a incendiar a serra outra vez. A encosta negra está longe de lhe transmitir os apelos lúbricos que a floresta verde proporcionava.

<http://vislumbresdamusa.blogspot.pt/>





O meu ir e vir pelo caminho da Mata

Beco da Preta
São Luís/MA

“... o dito do ontem em vivência pela zona rural, o tesouro que a desfrutava do cheiro da terra, a simplicidade do povo e a brincadeira da criançada. Ambém, a paixão por histórias que por meio da imaginação vestia-me Menina Quixote de Saia para viajar por tantos universos. Fato dentre permanências e mudanças pelo tempo, mais ainda tão presente que assim, sigo de paciência, leveza, sem pressa e do meu jeito (maluquete e irreverente) vê porquês sobrevém isso ou aquilo que nunca foi nem é curiosidade sobre outrem. Apenas, pequeno-grandes detalhes exposto olhar da poesia e imagem de um conto real que minifico o exemplo:

- _ A peleja entre chuva e sol é pra sempre?
- _ Será que o portão do agora fecha meia-noite ou procede escancarado?
- _ O que é veneno ou benéfico é diferente dentro de cada cabeça, né?
- _ Será que o amanhã existe?
- _ Por que o respeito é tão difícil de ser mantido por muitas pessoas?
- _ Onde está a criança que mora dentro do ser humano.
- _ Como não entender que sangue, adoção, juntos ou separada família é uma dádiva?
- _ Quem pinta essas belas cores pela natureza?
- _ Quando se vai entender que dói menos insistir e não desistir de vê o lado bom de algo?
- _ Qual a via de FÉlicidade ou atalho que não seja a escolha para a paz de alguém?
- _ Até mesmo, o ponto final marcante é a partida lá para o alto que não tem volta?

São interrogações, exclamações, reticências, ponto e vírgula que literalmente tão diversos, inversos e reversos de alguém.

Por cá, a certeza de viajanteque mando a tristeza e o medo embora, desemaranho contínuo caminhar dentro rio de lágrimas ou afora mar de risos. Que sempre É preciso que se navegue as ondas de amor em si e a seguir a metáfora do coração da gente.

E ao mesmo tempo por onde florEser que o encanto das palavras me fascine num estado de c’alma, bendizer o melhor presente de ainda viver o hoje’s!”





O Mundo Que Deus Não Pensou...

Almir Floriano

São Paulo/SP

Quisera existisse esse mundo
E que todos fossem felizes
Onde o amor fosse o ar
A fraternidade a constituição
No mundo que Deus não pensou
Ninguém escraviza um semelhante
Nem existe destruição...
Todos os seres vivem juntos
E falam a mesma linguagem
Nenhum se alimenta do outro
Também não existe tormento
Não conhecemos o dinheiro
E o sol é nosso alimento
Não precisamos de um paraíso
Onde as estradas são de ouro
Nem de pedras preciosas
Não conhecemos nada disso
Nem tampouco isso nos tem valor algum
Pois só conhecemos o amor verdadeiro
Nosso alimento vem do ar e do sol
Homens e animais todos juntos
Formamos uma família universal
Sem vaidades sem valores materiais
Também no mundo que Deus não pensou



Todos nós somos imortais
Porque somos seus filhos
Imagem e semelhança tal e qual
Por isso no mundo que Deus não pensou
Todo mundo seria igual
E porque não temos pecados
Também não inventaram um inferno
Para nos ameaçar...
No mundo que Deus não pensou
Todo mundo é feliz
E vivemos só para amar
Não existe divisão de povos
Também não existe religião
Porque todos somos semelhantes
Vivendo numa única nação
Seria tão bom que fosse verdade
Mas esse mundo é um sonho
Que eu sonhei sozinho
Mas que Deus não pensou não...

www.clubedeautores.com.br/book/251407--FOLHETIM





O que dita o coração

Alexandra Torres

Caminha – Portugal

Entre a multidão que se divertia ao som da música alta, ela percebeu estar sob o olhar de alguém. Abrandou a dança e procurou em volta. A noite estrelada, a lua intensa e a brisa de verão misturada com o bulício da festa dificultaram a procura. Continuou a dançar com os amigos e foi ele quem procurou. Ela, mesmo sem ter visto se eram aqueles os olhos que a observavam antes, teve logo a certeza de que fora ele quem a fixara.

Não eram dois desconhecidos. Mas há muito que não se viam. Foram precisos alguns instantes até se reconhecerem. Ele fora o primeiro namorado dela. Ela fora o seu grande amor. Expressaram sorrisos ao lembrarem-se. Afastaram-se dos seus grupos e acercaram-se um ao outro.

Havia algo no ar para além da maresia da praia, para além do odor de uma fogueira a consumir lenha a pouca distância. Talvez fosse o odor em forma de recordação, que emanava dos dois juntos outra vez. “Uma recordação doce e marcante” foi como a descreveram, com palavras tímidas ao ritmo desenfreado das pulsações, cada vez mais próximos.

Abstraídos da confusão que os envolvia conversaram até perderem a noção do tempo. De novo, lembraram-se dos bons momentos e até dos mais tristes; de como se encontravam às escondidas dos pais, quando estes pensavam que estudavam; ou de como falavam através de gestos inventados, quando não queriam que mais ninguém percebe-se o que diziam. Riram. E quiseram voltar àquele tempo. Depois, ambos trocaram mostras dessa saudade. A nostalgia deu lugar a passos que estreitaram mais o espaço, ficando muito perto um do outro, volúveis. “O que estamos a fazer?”, podia-se ler nos seus rostos. A voz de alguém que chamava interrompeu o regresso ao passado. Recuaram, acautelando a distância que teimava em desaparecer. Porque não podiam regressar ao passado. Não deviam. Embora o coração dissesse o contrário.



A voz que se fizera ouvir depressa chegou junto deles. Tratava-se do namorado dela, encontrando-se com a namorada dele quase ao mesmo tempo junto deles. Os dois procuravam os companheiros há horas no emaranhado de gente disperso pela praia.

Este regresso ao presente fê-los despedirem-se de novo. Desta vez, acompanhados, sem poder proferir o que ainda faltava dizer.

Ela simulou um sorriso com o adeus. Discreto, ele pousou a mão direita sobre o ombro esquerdo, como que abraçando-se a si mesmo. Na linguagem do passado, dizia: "gosto muito de ti". E mesmo antes de virar costas passou os dedos pelo queixo ao de leve: "a nossa conversa não termina aqui".

<https://m.facebook.com/AlexandraTorresAutora/>





O que levarei

GLRocha

Castelo/ES

Quando surgir diante de meu olhar
Uma foice negra e um par de asas brilhantes
Lembrar-me-ei de todos os instantes
Nos quais eu vivi e estive a sonhar.

Lembrar-me-ei de todas as amantes
Que amei em segredo e não pude beijar,
Dos amigos com que pude contar
E dos dias que me foram marcantes.

Porém quando minha alma for ceifada
E viajar Para um lugar sagrado,
Somente uma lembrança será Levada:

A da família por quem eu fui amado
Em todos os dias de minha vida,
A quem eu devo dizer obrigado.





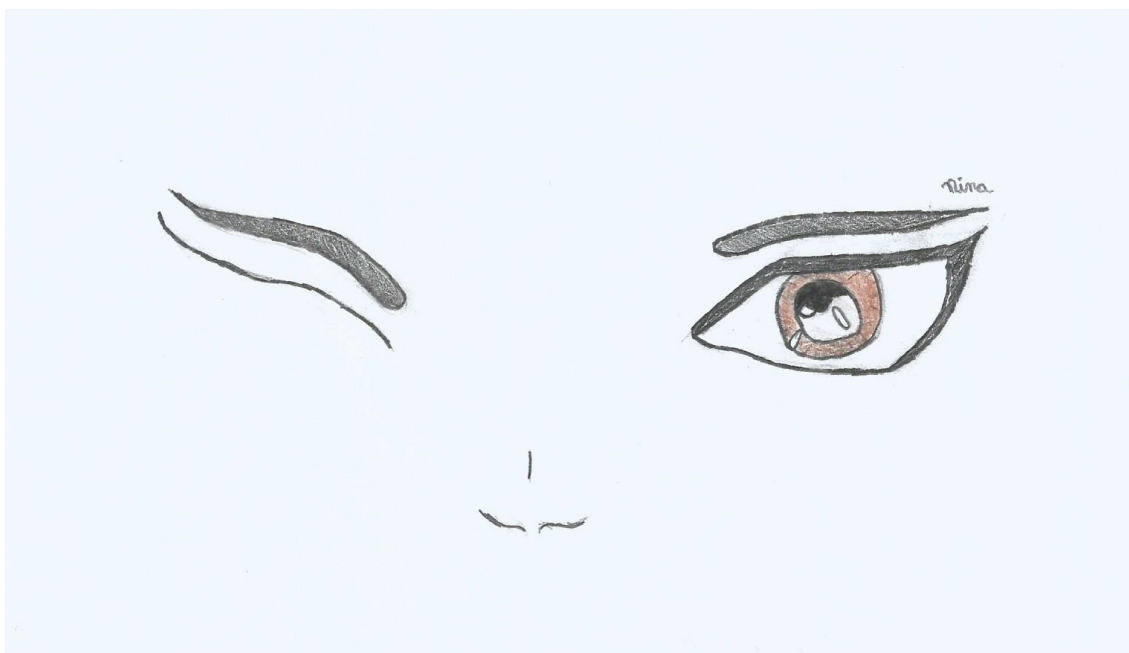
O Último Dia

César Manzolillo

Rio de Janeiro/RJ

Amanheceu um dia de sol fraco aquele que viria a ser o último da minha vida. À noite, por volta das sete e trinta, Fubá voltou sozinho e inquieto. Amália logo pensou no mau pressentimento sofrido pela manhã. Sentiu-se culpada, achou que deveria ter tentado me impedir. Denise e Isabel ainda dormiam. Eu me levantei às seis, tomei banho, dei um beijo em Amália, me servi do café preparado por ela, comi uma banana e um pedaço de pão e saí em companhia de Fubá. As últimas semanas estavam sendo desanimadoras. Dragas passariam a ser usadas na busca por ouro e diamantes nos trechos mais inacessíveis. Não vinha conseguindo achar nada realmente valioso, capaz de compensar o sacrifício de trabalhar em condições tão desfavoráveis. Alguns de meus colegas já haviam abandonado aquela parte do rio. Outros estavam prestes a fazer o mesmo. Consumido por dívidas, Ronaldo se matou, Salustiano se afundou na cachaça e vivia vagando pelas ruas sem propósito, enquanto Jorge e Pedro foram atrás da sorte numa cidade vizinha. Eu ainda insistia. Essa situação adversa está por terminar, acreditava. Por volta do meio-dia, resolvi parar para almoçar. Na bolsa, a marmita e também restos de carne e algo mais para o cachorro. Pus-me a repousar embaixo de uma árvore. O raciocínio remoía os acontecimentos, e o descanso não durou muito. Minhas costas doíam, a cabeça pesava. A certa distância, via Belmiro, peneira na mão, exercitando seu ofício enquanto cantarolava um samba antigo. *Deixe-me ir Preciso andar Vou por aí a procurar Rir pra não chorar.* Fubá começou a latir. Demorou ao menos uma semana para que os fatos se esclarecessem. Meu corpo foi encontrado encoberto pelo mato. Tinha sido atacado por um tamanduá. As garras do bicho golpearam-me o tórax, causando uma hemorragia fatal.





Desenho: Marina Genaro Aguiar dos Santos

Olhos

Daniela Genaro

São Paulo/SP

Gosto de olhos que embalam,
olhos que bailam,
olhos que se espalham
e então mergulham ao contrário.

Gosto de olhos que escalam
a parede da alma.

Gosto de olhos que falam.
Ai se esses olhos calam!



Paiguás. Verdadeiros Piracicabanos

Rogério Gonçalves

Piracicaba/SP

Vivemos os idos de 1760. Paiguás habitavam um pequeno aldeamento, feridos de morte em função de sua postura, admitindo alguns poucos posseiros como vizinhos. A união da etnia já não exista na tribo. Os Paiguás se dividiram, selando uma jornada. Eram poucos agora e Ypané escutava os antepassados, por sonho e visões, o quão tristes estavam face ao que foram.

Na margem do Rio Piracicaba, distantes pouco mais de 90 km da foz, estavam os resistentes. Lá, um grande índio curioso, buscava de seu avô, um conhecimento de quem era ele, sua origem, de onde vinha.

Ypané escolheu o dia perfeito, uma manhã de outono chuvosa, talvez castigo divino por aceitar os brancos que ontem, foram invasores e inimigos. A oca onde ele estava com seu avô, Mubua M'Boi, Filho do Deus Serpente, acolhia com carinho seus modestos e singelos moradores.

— Meu neto, Ypané. A nossa verdade precisa ser repetida e conhecida. Fico feliz que tenha procurado o saber de suas veias. Saiba que o que irei contar, não pertence somente às minhas memórias. A força do grupo está no fortalecimento de nossa cultura. Somos povo forte, muito mais no passado e precisamos viver da glória e tradição. Conhecer, relatar e fazer com que, um dia, mesmo um estrangeiro, saiba o que fizemos e a razão porque lutamos.

Nascemos água, lá na margem do rio. Somos água. Paiguá é povo nascido do peixe Pacu que fertilizado, lançou nas correntes dos rios os óvulos de nossa raça. Nascemos. Assim como nossos irmãos Guaicurus que nasceram do Gavião Cara-Cará, que sobrevoa e domina a terra e dos quais somos vertente. Contam os velhos, que ouviram dos mais velhos como chegamos nestas terras e porque adoramos e dominamos a água.

Vimos de terra distante, terra longínqua, onde nossos ancestrais demoraram muitas luas no volumoso e amplo rio salgado antes de chegar. A canoa nossa amiga, é e foi presente deles. Com bravura dominaram o azul imenso chegando por terras que não sabiam tamanho. Vieram do outro lado de Gaia, conhecedores de correntes e marés. M'bayas são nossa raiz. Muito antes dos castelhanos e da chegada do homem português. Naquele tempo a travessia foi feita em canoas similares às nossas, maiores na verdade. Dominavam a arte do fogo e esculpiam no Timbó, sulcando ao centro, transformando pau em objeto de transporte. Por isso, temos esta ciência e dominamos tanto a água. As



grandes que fazemos para 20/30 pessoas, de guerra. As pequenas de 7/8 ocupantes, de pesca. Eles passaram por muita terra e tempo desconhecido. Dividiram-se em grupos seja por desavença seja por conquista na terra nova.

— Verdade Ypané. Na origem fomos um só corpo. Os M'Bayas, dividiram quando aqui chegaram, perdendo um pouco de sua força. O grupo que nos criou, optou por viver em margem de rio, em região pantaneira, lugar que a água invade a terra e depois devolve fertilizada. O curso de água doce que adotamos era o rio Paraguai.

Sempre demoramos pouco em terra firme, nosso lar foi sempre a água. Deixamos ao irmão de sangue Guaicuru a terra sagrada. Na água nos defendemos e temos inúmeras glórias refutando o invasor branco. Nossa técnica inigualável de usar a canoa em movimento transversal, quase submergindo, transformando o fundo duro de nosso transporte em escudo contra o pau de fogo do homem branco. Conseguíamos lançar flechas e lanças mais rápido que eles, três vezes mais, no recarregar de suas armas pessoais.

Nosso povo é guerreiro pelo que acredita. Vemos o invasor como ameaça de nossa existência. Triste saber que estávamos corretos. Procuramos proteger o objeto amarelo reluzente que os brancos tanto procuravam, em função da destruição que praticam. O homem branco desbrava a mata com violência e sem respeito. Chamam a nós e aos irmãos de pele, de "selvagens". Defendemos o lugar que só nos acolhe e dá sentido. Eles se servem. Nunca demos perdão. Nossos deuses são de luta. Há entre nós o lema: nunca deixe um irmão para trás. Nunca fizemos isso e jamais o faremos. Jure por esta palavra meu neto. Jure por nossos e por toda a verdade daqueles que se foram. Viver é dar valor ao que nos mantém e serve. A floresta e o rio que a mantém viva, deve ser a seiva da planta pela existência.

— Avô amado. Esta promessa é compromisso. Venho além de requerer o saber, falar do homem branco português de nome Antonio Correa Barbosa que veio em sigilo me procurar. Sabe que perdi meu pai jovem, seu filho, nas andanças de nossa tribo pelos lados da fronteira tupi. A tarefa de conduzir nossa gente agora é minha. Sei que de onde vem um, virão vários. Em nossas lutas, bravos que fomos, sempre que destruíamos as monções do inimigo, outras tantas se formavam. Maiores e mais fortes. Vejo-me na dúvida, grande alma. Ou o ouço e firmo fileiras com ele, ou refuto conhecedor de uma tragédia anunciada.

— O líder não faz nada fácil. É julgado por quem só vê o imediato. Meus braços falam pela repulsa e pela morte do branco destruidor. Fomos aliados dos castelhanos contra os portugueses. Recebemos traição, escravagismo e submissão. O português é igual. Os pajés dos brancos disseminam língua doce e céu dourado, mas, forçam nosso povo e nossos irmãos em trabalhos de destruição da nossa cultura. Neto meu. Dura a sua batalha. Não serei eu quem



Ihe conferirá resposta. Vai à água de onde viemos. Evoca o deus de nossa proteção. Pede a ele luz em decisão.

Dessa forma agiu Ypané. Usando o cocar de respeito, nas margens do Piracicaba, clamou por clarividência. Naquele instante, fruto da chuva abundante que insistia em cair, jorrou do alto de uma encosta uma bela cachoeira que lá não havia. E, no cair da água ao rio, misturou a terra do fundo com sua limpidez. Ypané entendeu.

Recebeu ao português. Este trouxe presentes. Ypané percebeu que recebia em sua casa a víbora da demolição. Paiaguás e portugueses viveram em relativa harmonia. Até que em 01 de agosto de 1767, com pompa e galhardia, Ypané assistiu a entrada e fundação do que outrora fora somente sua aldeia, um povoamento que os anos iriam dar o nome de Piracicaba.

O povoador seguira as ordens do império português. De Ypané e dos seus pouco ou nada conhecemos. A história é cruel aos vencidos e dominados. Mesmo aos que se curvam sem se quebrar. A aldeia de Ypané foi ponto de apoio para as embarcações vindas do Tietê e que protegiam o Forte de Iguatemi na fronteira com o Paraguai. Os Paiaguás foram lanceiros de infinita ajuda ao Brasil na Guerra do Império, membro da Tríplice Aliança contra Solano Lopes.

Talvez Ypané tenha tombado por lá. Guiando a soldadesca pelos rios dos Pampas. Ypané é glória caipira, entendendo esta pelo espírito simples que norteia os que vivem da terra. Paiguás estão extintos. Pelas doenças dos brancos. Ou pelos brancos doentes.

<https://www.facebook.com/rogerio.ferreiragoncalves1>





Perda

Izabella Maddaleno
Juiz de Fora/MG

Ontem, na aula de história
o assunto era Roma antiga.
Os imperadores desfilaram com os seus trajes
cheios de pompa e poderio
e em meio a tantos nomes,
eu me perdi.

Eu me perdi e desolada,
eu fiquei.
O meu sentimento mudou-se
a aula terminou
e mesmo assim, perdida eu fiquei.

Eu me perdi,
diante da ignorância dos homens.
Ela se fez grande, cruel e insana
E foi nela, que eu refleti, perdida.

Tão antiga e velha
ela não se desgastou.
Não se findou.
Não morreu.
Está viva
vigilante,
esperando o oportuno momento
para manifestar-se
Tudo é dela.
E nada é do povo.



Permissões (bussolar)

Edison Gil
Sorocaba/SP

Permita-me
ser a bússola – da aventura,
que alude
o proceder.

Permita-me
que eu indique
o sol
do entardecer.

Permita-me
ser feliz
na função
de te fazer.

<http://fb.com/siredisongil>





Piloto Automático

Grazielle Pacini Segeti

São Paulo/SP

Olho pela janela e o que vejo?
Andantes, pedintes e carros – todos trafegam como que sem rumo
em uma vida vazia,
regida por um sistema, ordens, prazos e metas.
Tudo a se cumprir, a se realizar.

Não vejo mais flores, nem vejo o luar,
O brilho do sol, aves a cantar.
É tudo sem vida, sem graça no olhar.
Prazer, alegria e encanto não há.
Só um piloto automático a todos guiar.

Crianças não brincam,
Marias não fazem mais roda para conversar.
Não há cadeiras nas calçadas.
Vizinhos sorrindo, ninguém mais os vê,
uns saem cedo, outros voltam tarde.
E, quando se encontram, são apenas estranhos
e um simples “Bom dia, como vai você?”

Os tempos de outrora não voltam jamais.
Então, lá perdida, vejo uma criança
com ar de esperança perdido no olhar.
Consigo, um sorvete pingando no braço.
O dia está quente, merece esse alento e sai a pular.
Em sua pureza, me alegre e sorrio,
respiro e suspiro, nem tudo é perdido,
há vida pra amar.





Planeta dos Espíritos

Ricardo Ryo Goto

São Paulo/SP

Para Stephen Hawking

"Na essência somos iguais, na diferença nos respeitamos"-Santo Agostinho

Um colega havia comentado que o famoso filme de 1968 estrelado pelo ator Charlton Heston havia sido baseado num romance homônimo.

-Verdade?

-Sim, de um autor francês.

-Como se chama ?

-Pierre Boulle.

-Gostaria de ler. Assisti ao filme.

-O final é diferente.

-Melhor ainda.

-Vou providenciar.

Dias depois o colega passou a novidade ao interessado.

Sempre que podia, deitava os olhos sobre a história, que, como a película, era perfeitamente inteligível, apesar de seu tom de parábola.

- Ulisse, como o nome propositalmente indica, é um Odisseu moderno, retornando à ilha de Ítaca depois de anos de luta na sua "guerra de Tróia" – comentava com o amigo.

-Sim, apesar de não se dar conta de ter voltado a ela, viu o local e seu "reinado" usurpado por seres considerados inferiores, desprovidos de qualidades para governar o planeta.

-Mas o romance tem vários méritos. Sugere a possibilidade de que espírito e consciência podem animar outros seres da criação. O personagem fez apenas exercitar seu preconceito, sua visão antropocêntrica. Também os símios adotam postura semelhante.



-Sim, não vale a pena questionar os motivos porque o Criador tenha escolhido a espécie humana para sobressair entre as outras e dominá-las. O ente “supremo” da escala evolutiva sempre estagia pela fase de se considerar referência para todas os demais, até que, imbuído de humildade, reconhece a necessidade de conviver pacificamente com eles.

-Pois é, Deus fez o roteiro do filme e ele se cumpre inexoravelmente.

-Engraçado. Desde sempre era-nos possível saber que há vida inteligente em outros planetas sem ter que sair da Terra e visitar esses locais.

-Sim, a partir do momento em que o homem sistematizou a comunicação mediúnica, espíritos de outros orbes nos tem relatado essas existências. Só em nosso sistema solar conhecemos detalhes da organização social em Marte, Saturno e Júpiter. Fora dele é notória a informação de habitantes em Capela, da qual provieram seres que ajudaram a civilizar nosso planeta.

-De qualquer forma a Ciência precisa de provas materiais. Daí os voos interplanetários, sondas e satélites artificiais e todo o repertório de suposições elencado pela ficção científica que ajuda a formular hipóteses.

-Será que Pierre Boulle pressentia essas questões ? Ou, por outro lado, teria tido a missão de escrever esse trabalho para nos legar essas ideias, despertando-nos para esses aspectos tão importantes a uma convivência harmoniosa entre as espécies?

-No livro não há menção da ocorrência de uma catástrofe nuclear como no filme. E, apesar de finais distintos, ambos dão-nos a impressão de que o ser humano falhou em “administrar” o seu reino.

-Hoje sabemos da imortalidade do espírito, mas a possibilidade de destruir o planeta é real.

-Que tal elucidarmos com o próprio autor?

-Sim. Quem sabe vive hoje conosco nesta colônia espiritual ?





Poesia da Insônia Amorosa

May Jordan

Rio Verde/Goiás

Ao dormir, você me aparece.
Lágrima já não me vêm,
Você me fazia tão bem.

A vida é uma beleza,
Normal chorar por tristeza,
Porém, ninguém planeja amar,
Apenas vê o coração acelerar.

Não posso te culpar,
Por não conseguir me amar.
Quando está triste sou eu quem chama,
Infelizmente, até o mais feio ama.





Por Uma Deusa

Cleidirene Rosa Machado

Catalão/GO

Ela é guerreira, ela é brava, ela é forte e escultural.
Mas seus olhos lindos estão cobertos pelo justo imparcial e não podem ver a luz do dia.
Em uma mão: a balança tem dois lados.
Em outra mão: a espada tem dois gumes.
Entrega a mim o teu poder, ó deusa Têmis.
Entrega toda a certeza da justiça que abranda os delitos da vida.
Que por seus lábios as palavras sejam claras e benditas.
Que por minha boca, seu encanto me traga viagens, doce família, empresas e tudo o que me permitir.
Que o peso dos seus pés, jamais entregue a traiçoeira serpente.
Porque nossas leis seguirão sempre os artigos de seus mandamentos.
Porque o nosso suor, gota a gota se transformarão em brilhantes lhe caindo a fronte.
E porque o nosso destino sempre a ti serão entregues a vossa sabedoria e entregues também a sabedoria do grande livro que esconde junto ao teu caminho.





Pouco leite para tanta gente ruim

Roberto Luiz Brant Campos
Brasília/DF

*Por entre objetos confusos,
mal redimidos da noite,
duas cores se procuram,
suavemente se tocam,
amorosamente se enlaçam,
formando um terceiro tom
a que chamamos aurora.*

(Carlos Drummond de Andrade, Morte do leiteiro, in A Rosa do Povo, 1945)

A primeira das cabeças a ser atirada no pátio em chamas foi a dele. Mas não foi o primeiro a morrer porque já estava meio morto quando tudo começou. Alguém ainda gritou, olha aí o Leiteiro. Isso porque ele tinha uma mania de pedir aos carcereiros para trazer leite. Enquanto a galera fazia de tudo por um gole de cachaça, ele insistia naquela coisa branca e gosmenta, indigesta.

Certa vez, pedi que trouxessem uma lata com um pouco de um leitinho adocicado e macio. Conta-se que ele adorou e quis mais, lambendo os lábios. Vinha de uma maluca que cismou engravidar dentro da ala feminina, ali do lado. E nem por isso deixou de amamentar. Como a coisa esguichava dos seus peitões oceânicos, deram um jeito de recolher um pouco pra dar pro Leiteiro, só de onda. Isso na época das vacas gordas praquela turma. Afinal, ele era a querida do chefe e tinha que ser bem tratado. Na outra facção, dizíamos que mamava era de outro leite, de uma mamadeira preta bem especial. Agora não importava, porque a segunda cabeça que rolou no pátio foi exatamente a do dono da mamadeira, o Nego Cola, ao som da gritaria da turba ensandecida.

Foi espetacular. Saiu em tudo quanto é televisão, rádios, o escambau. O prefeito falou. O governador falou. Só o presidente que não abriu a boca; aquele bundão. Os corredores foram nossos por várias horas. Uma sangueira espantando para bem longe qualquer sentimento de pena ou solidão. Cortaram a luz e a água. Foi melhor. Eles não sabem, mas adoramos o escuro. Pois se é de onde viemos é



para onde iremos. No mais, tudo era de um fedor insuportável, mas não menos belo.

Antes de iniciarmos a partida de futebol com aquelas cabeças famosas, alguém teve a ideia de arrancar seu couro cabeludo, como faziam os índios norte-americanos. A do Leiteiro saiu fácil. Me deram de presente. Até hoje guardo como recordação. Aquela cabeleira farta ondulada que o Nego Cola gostava de agarrar e puxar com força enquanto entubava o dito sou eu que agora lambuzo quando louco de tesão e pó no mesmo puxadinho da cela.

E tudo começou por um acaso. Puseram um chegado nosso no ministério da justiça depois que tomaram o poder na marra, num golpe bem dado. Passada a surpresa e as comemorações, começamos a nos infiltrar. Claro que o nosso bróder não estava sozinho e foi assim que todas as portas começaram a se abrir de norte a sul do país.

Criamos um sistema complexo de comunicação; uma corrente elétrica de interesses secretos. Os outros continuaram achando que estavam com tudo. Até estimulamos que pensassem que detinham a maioria. E isso era verdade, tinham mesmo. Mas desfrutávamos dos gabinetes, gente importante. Eles contavam com a massa pra matar e morrer, enquanto nós possuíamos as chaves certas. E eles não sabiam; quase ninguém sabia.

Teve manifestações de estudantes nas principais cidades do país. Nos infiltramos e enchemos os caras de maconha, cachaça, *crack*, cocaína; o que quisessem. Essa meninada adora. Não deu outra. Na primeira dura da polícia, o pau comeu. Havia agentes nossos entre eles também, claro. A meganhada adora dar em estudantes, muitos feridos, sangue pra todo lado. O governador falou, o prefeito falou. Só o presidente não abriu a boca: o bundão. E o nosso povo, nos ministérios, foi ficando cada vez mais poderoso. Mais orçamento, mais armas, mais bombas. E nós calados, só infiltrando. Somos gente líquida. Não voamos, não andamos, não saltamos. Escorremos.

Explodiram outros protestos nas ruas. Maiores. Mais armas, mais orçamentos. Mais porrada, mais gente presa. De novo a televisão, as rádios, os jornais. Uma gritaria geral. Fomos entrando em outras paragens, depositando nossos



micróbios, transmitindo nossa febre maligna. Localizávamos onde estavam eles, nossos inimigos, e íamos chegando, nos misturando, fingindo ser como eles.

Aí veio o Natal. O presidente falou, finalmente. Orientado pelos nossos, cancelou o indulto natalino: ninguém sai, bradou aos quatro ventos, aquele asno pomposo. Excelente! Começamos a incitar a boiada. De repente, faltou o leite da mocinha do Nego Cola. Ela protestou e disse que daquele jeito não haveria mais mamada na rola de ninguém. Uma voz mais atrevida gritou que naquele natal tinha pouco leite pra tanta gente ruim. Nego Cola perguntou se aquilo era pra ele. Perguntou de novo. Sua voz de trovão ecoava pelos corredores aflitos. Eram três e dez da matina. As celas foram se abrindo, uma a uma, e a festa começou. Eu não vi, mas disseram que morreram abraçados, o Leiteiro e seu macho. Será que gostavam de verdade daquela coisa de viado? Vi, sim, foram uns quinze caras esportando no corpo dele, já sem cabeça, no meio da confusão do sangue, dos panos e demais objetos esquecidos em meio ao caos.

Mas o jogo terminou empatado. Não podia ser diferente se foi com duas bolas e nenhum juiz. Os de farda não entraram até que tivéssemos terminado o serviço. Então, veio a televisão, as rádios e o diabo, e eu falei; pena que ninguém me reconheceu. Mas ninguém quem? Sou um qualquer, um “ignaro”, como comentou a moça da TV. Ela chegou a me dar um panfleto no qual li algo a respeito de uns tais “impulsos de humana compreensão”. Não entendi, mas vi que amanhecia e que a cor do céu se refletia no corpo de Leiteiro, uma coisa nem branca nem vermelha; meio rosada, esquisita. Alguém observou, é a aurora, seu idiota, saia daqui.





Refúgio da Madrugada

Luiz Roberto da Costa Júnior
Campinas/SP

Perdi o último trem de metrô, mas não a esperança.
No silêncio da noite, madrugada sem carro e sem ônibus,
perseguido por um canivete na rua, recobro o ânimo
com passos apressados, arfando no meio da calçada.

Fugi do assalto, do frio e da solidão.
No refúgio da madrugada, encontrei
a luz no hall de entrada. Pensei que
não gostava dos livros ou se seriam
os livros que não gostavam de mim.

Entre prateleiras, encontrei várias mensagens.
Não há noite tão longa que não reencontre o dia.
Muitas coisas haviam roubado minha atenção,
meu tempo. Não podia ler. Sentia um vazio.
Um prédio, com energia de conhecimento
fluindo, atrai vaga-lumes sedentos por luz.
Encontrei a mim mesmo e a um mundo só meu.

<http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr>





Relíquias

Guilherme Hernandez Filho

Santos/SP

Quando entrei na grande casa branca, Manoir de Ban, em Corsier-sur-Vevey, senti imediatamente a alegre energia daquele que lá morou, com sua família, pelos últimos vinte e cinco anos de sua vida.

Linda construção do século XVIII, cercada por bosques, jardins e hortas, com grandes varandas abertas, telhados sustentados por finas colunas brancas, algumas recobertas por trepadeiras floridas.

Em seus salões, réplicas dos antigos estúdios, com cenas onde eram rodados seus filmes. Painéis e projeções digitais lembrando sua obra. Ao fundo suaves trilhas sonoras musicais.

Protegidos por vitrines, cúpulas e armários, objetos de sua caracterização pessoal.

Iluminados por um grande spot de luz, seus dois maiores símbolos, que tanto o marcaram, e que por si só já o identificam, expostos aos visitantes.

Aproximei-me com incontida emoção. Aquela bengala de cana-da-índia, com cabo retorcido, sua companheira permanente.

Junto dela o ruço chapéu coco, também típico da época, e com o que pretendia amenizar um pouco seu ar de vagabundo.

Parei em frente a eles contemplativo. Aquilo era história. Naquele momento, ouvi a voz que me perguntou *qual dos dois era mais importante*.

Pensei sobre a questão durante uns segundos antes de entender que ninguém falara comigo diretamente. Aquela pergunta surgira em meu cérebro, como que por transmissão de pensamento, telepatia.

E então? Voltei a ouvir. Eu estava só, ali em frente, em verdadeiro êxtase.

Olhei em minha volta e ninguém estava próximo. Ousei falar, bem baixinho, que ambos eram igualmente importantes e que tinham participado de quase toda criação do gênio. Me sentia meio idiota naquela situação.



Ao lado, de uma pequena vitrine, ouvi outra voz: *Não se deixe levar por estes arrogantes. Eles não estiveram presentes em todos os filmes, mas eu sim. Sempre estive calçado em seus pés, caindo fora uma ou outra vez, mas sempre presente. Lembro que até quase fui comido, no desespero da fome do Klondike. Eventualmente cheguei a ser substituído por patins, dadas às circunstâncias.*

Imediatamente houve o revide: *Este objeto rés-do-chão não tem nossa beleza e apresentação. Acho que a última vez em que viu graxa foi na loja de onde veio. Nós somos a nota aristocrática do nosso errático malandro. Participamos ativamente das mais importantes cenas.*

Voltei a falar baixo, para eles, sentindo-me um bobo: Mas vocês três foram da maior importância na obra dele. São conhecidos mundialmente. Qualquer pessoa do mundo ocidental que veja vocês três em conjunto identificará de quem estamos falando.

Meu pensamento foi longe, lembrando o incontável número de vezes que assisti a seus filmes todos. Quando eu era garoto, seus curtas já passavam na televisão e eventualmente também os longas.

Artistas geralmente são vaidosos e individualistas, mas nunca me ocorreu que objetos, embora inanimados, pudessem ter sentimentos. Talvez seja a contaminação pelo contato e convivência.

Se aquela discussão surgisse entre três artistas estrelados ainda seria compreensível, mas acho que minha imaginação anda muito fértil, ouvindo vozes e, o pior, responder a eles: uma bengala, um chapéu e um par de sapatos.

Fechei os olhos e visualizei em minha mente os três objetos interagindo com ele, interpretando, criando, dançando, alegrando o público. Podia ouvir ao fundo Luzes da Ribalta.

Abri os olhos e eles continuavam lá, estáticos, se exibindo orgulhosamente aos visitantes.





Roleta

Vinícius Coelho

Como penso em você a cada meio segundo
Decidi declará-lo dono do meu mundo
Este parque de paixão não é nada especial
Só seve para distração, distrai-lo do próprio mal.
Tome tudo que tenho, é para tua diversão
Talvez consiga tapar o vazio coração.





Rosas de Honra

Wagner Trindade
Poeta Arara Azul/MS

Sim, Dama de Ferro, até quando...
explora o seio materno
aceito... e meus dons...
esquecidos em pensamentos

As jóias de minh'alma
pulsam em tormentos
pedem a liberdade
da força do talento

Força e escudo protetor
sim, sempre foi assim
a fonte pura e singela
o pilar da família

Não peço grandes mudanças
quero amor e carinho
pulsar meu destino
resgatar meu brilho

colorir a esperança
sentir – me mais puljante
ter mais amizades
abrir um pouco as asas

Sou uma rosa
regada desde semente
sinto suave os voos rasantes
de teus olhos me vendo sorrir

Não vou muito longe
é logo ali na sutileza dos campos
na humildade de sinceras amigas
Calma, navegarei em mares de teus sonhos!!!



Rua das Pedras

Vini Willyan
Campo Grande/MS

Amor eu tenho saudades.
Meu guri,
que dia minha falta te fará visita?
Que dia, em que bar, com que melodia?

O sol se põe, nossos corpos se arrepiam.
Estamos caminhando sob as pedras.
Meu corpo atíça o seu,
surgem faíscas e fagulham.

(Passamos do lado cinema, você queria tanto aquele cartaz...)
Que dia a saudade te pega?

Sabe amor,
se a saudade for de bicicleta
eu posso ir na garupa,
Carregando um cesto,
um cesto de girassóis amarelos.
Amarelos e cromados.

“Se as estrelas fossem meios de transportes eu também iria numa calda.”

Até você ou a morte.
Até você ou Van Gogh.

(Lembra quando viu aquele quadro você chorou? Comigo foi diferente, chorei
quando não vi...)

Acordei, virei pa-
-ra o lado e não te vi.

Não te vejo
faz horas.
Dias.
Eras.

Em cada segundo eu vejo sumir todo o tempo do mundo.



O tempo acaba, o mundo não.
O mundo abriu-se
numa cratera.
Eu quis sair
você gritou:

— Não me deixe com os leões!

Eu estendi a mão e você recusou.
Sabe amor, na selva existem os que comem.
Nós viemos de lá.
De lá também vieram os que serão comidos.

— Os leões não têm culpa. — respondi.

(Mas se essa voz for só minha você é capaz de ouvir? Se essa dor for só minha,
você é capaz de sentir?).

Enquanto a saudade pedala
os felizes cantadores andam de carro.
Em bando,
cheios do mal.
Pra fazer amor.

(Estou com saudades e é quase carnaval. Fevereiro chegou. De saudade eu não
morro mais.)

Sabe amor,
enquanto pedalava a corrente caiu...
Enverguei para arruma-la
Veio um carro e me matou.
De saudades não morri, de destinos sim.

facebook.com/vini.willyan





Saída de Garagem

David Ehrlich

Curitiba/PR

Quando se mora em prédio, uma das piores coisas que podem acontecer no dia a dia é entrar na garagem ao mesmo tempo em que alguém está saindo. Pronto. É o que basta para começar uma discussão. “Quem sai tem prioridade!”. “Não, quem entra é que tem prioridade!”. Isso pode durar bastante tempo ou até um terceiro chegar para resolver a briga. E nem sempre ele chega logo.

Enfim. Lá estava eu, voltando da faculdade. Eram umas dez da noite, coisa assim. Minha mãe, que foi quem me buscou – “Não vou deixar você andar por aí há essa hora!” –, estava descendo para entrar na garagem, quando de repente um carro preto quase bate no nosso, na pressa de sair de lá.

Pronto! É o que basta para começarem os julgamentos! Afinal, não há nada melhor do que julgar os outros: Onde será que ele vai tão apressadinho há essa hora?! Precisava mesmo? Parece que vai tirar o pai da força!

Mas e se ele estivesse? Ok, ninguém é mandado à força oficialmente no Brasil há uns duzentos anos, mas e se ele estivesse, sei lá, indo para o hospital? Todo mundo pode algum dia ter apendicite! Ou então talvez a mulher dele estivesse parindo. Também pode acontecer! A qualquer momento a esposa dele poderia estar em casa e de repente:

- Estourou a bolsa!



Aí é correria pra todo lado: O marido pegando a chave do carro, documento – pra que documento? – e tudo o mais e sai correndo para pegar o elevador, descer até a garagem e levar a mulher para o hospital. Na saída da garagem, quase bate em uma mulher que descia trazendo o filho adolescente – “Sai da frente, mulher!”. E sai. E corre. E derrapa. E passa no sinal vermelho. E é buzinado e buzina de volta. Ai, meu deus, meu filho vai nascer! Enfim chega ao hospital! Quase atropela a catraca e a enfermeira que levava uma velhinha em uma cadeira de rodas. Estaciona de mau jeito, ocupando três vagas.

- Aguenta firme querida! – O homem grita ao sair para abrir a porta traseira – Já, já estamos lá dentro e... Querida?

Não há ninguém no banco traseiro. Pensa em todas as possibilidades do que pode ter acontecido, até se lembrar de que ao sair pegou chave, documento e quase tudo o mais – Quase, porque na pressa esqueceu justamente da mulher parindo.

Bom, pelo menos não bateu no nosso carro.

<https://www.facebook.com/david.ehrlich.52>





Sangue da Rocha

Tiago Crisostomo Guerra

São Paulo/SP

A roupa toda estava ensanguentada. Anselmo corria como se soubesse exatamente o seu destino. Era justamente o contrário: era uma zebra espavorida fugindo de uma fera. O seu refúgio era a velocidade dos seus passos. De longe parecia um borrão vermelho veloz. Sede e tensão pressionavam o corpo debilitado. Seus pensamentos pareciam acompanhar a velocidade do corpo, e como num terremoto um se chocava no outro. A imagem de uma rosa se impôs na sua mente, mas um homem com um capuz negro se aproximava e pressionava a flor como se fosse um cacho de uvas bendito de Canaã. Saía um suco vermelho, vermelho de sangue, que ia crescendo até virar um rio carmesim no qual Anselmo se afogaria.

Embebido no sangue real e mental, não percebia o toldo negro que se formava nos céus anunciando que logo cairia uma pesada chuva. As janelas dos céus se abriam como um novo dilúvio determinado a extirpar a raça humana? Ele pereceria enfim e seria apagado da face da terra e ninguém mais faria menção de seu nome? Ele que tanto se gabava: “Aqui em Serra Velha quem não conhece Anselmo?” Num conúbio imprevisto sangue e água se uniam no corpo estreito de Anselmo. O fluido misto escorria pelo seu corpo e parecia querer fecundar o chão. O vermelho ralo era semeado entre pedras e folhas. A chuva vergastava o homem como se os céus tivessem uma cólera reprimida contra ele. Tentou emitir uma petição a qualquer divindade desconhecida como se quisesse aplacar a ira crescente. Porém, num impulso reteve o clamor como se pudesse extrair força de si mesmo e proclamar sua autorredenção.

Ele cada vez mais ofegante. Os céus se convulsionavam. Corria como se a cada momento a terra fosse se abrir e engoli-lo como um anátema das histórias bíblicas. Mantinha ainda seu luxo de passar as mãos pelos cabelos, que agora



eram uma pasta grosseira. Queria com esse gesto acalmar a si mesmo e afirmar que ainda mantinha o controle total da situação. Não! Não iria chegar ao ponto de dizer que tudo estava para sempre perdido e que agora ele estava nos domínios dedáleos do destino. Num instante viu uma rocha.

Parou.

A contemplação de uma fenda da rocha. Deveria se refugiar ali? O som da chuva dava interferências nos seus pensamentos. Ainda conservava traços de orgulho, como se estivesse a imaginar uma futura biografia: numa terrível tempestade, o poderoso Anselmo recusa-se a se refugiar numa fenda da rocha e constrói por contra própria o seu refúgio. Queria o papel heroico e não a imagem acoitada de uma besta encurralada e ofegosa. Num gesto um corisco reverberou em sua mente: uma imagem velha e feminina. De onde vinha essa imagem? De que canto escuro vinha para se assenhorear de suas volições? Parecia uma matriarca soberana. Por alguma associação obscura o valente sentiu-se compelido imediatamente a aceitar o refúgio rochoso.

Confiante de sua agilidade, de corredor que compete com cavaleiros, supunha que já não estava mais nos limites de Serra Velha, assim não temeria se alguém o visse naquela posição. Ele tinha chegado aos limites do mundo. Entretanto, o que era Anselmo agora? Um qualquer encharcado pressionado por duas colunas imemoriais de rocha. Talvez chegasse a um ponto em que perdera para sempre sua identidade. Seria apenas uma criatura pré-humana que respirava. Uma massa informe.

Olhou para suas roupas. Era como um sacerdote primitivo que tivesse realizado uma hecatombe, como um Elias que tivesse matado os profetas de Baal. Sangue e água unidos no seu corpo testemunhavam que ele ainda estava ali. As vozes desses elementos queriam dizer algo a ele? Os paredões de rocha abraçavam-no ou sufocavam-no? Eram mãos amigas ou inimigas? De que lado eles estavam? Havia o rabisco de um homem na rocha. Era sua imagem. A imagem do horror traçada com violência. Teria retrocedido ao tempo zero?

Num delírio ele via o rabisco se deslocando da parede dando seu filamentinho de mão para a imagem da matriarca soberana e para o homem



aterrorizante de capuz. Formavam uma roda. No meio estava ele feito uma criança ao desamparo. E a roda crescia e se multiplicava. Até que num torvelinho infernal apareceu a imagem de uma faca. Faca sangrenta que cortava a todos. Faca de imolação.

Afinal onde estava? Era-lhe oferecido de bandeja a era primeva. O momento primordial. A faca desbastava os excessos dos séculos e o fazia regressar aos primeiros impulsos do mundo. Sua respiração tinha de acompanhar os primeiros fôlegos do universo. Ele estava próximo da coisa. Coisa-essência. O mundo exalava a novidade. Era um banquete de sensações. Não tinha ideia do que fazer com a potência da vastidão. A treva agora cobria todo aquele lugar. Esfregava violentamente as mãos como se fosse um gesto necessário antes de iniciar um grande ritual mágico. Tinha em suas mãos a alavanca do mundo e do tempo. A seu bel-prazer poderia colocar a enorme engrenagem em funcionamento. Dormiu vigiado pelos paredões eternos, como se fossem anjos do paraíso.

No dia seguinte levantou os olhos. Eram os primeiros dias da humanidade. Levanta-te e toma a terra. Tudo parecia à espera dele para iniciar a grande marcha. Saiu da rocha como se fosse expelido do ventre materno. Tinha renascido. Estava ainda manchado de sangue. E se naquelas paragens alguém lhe perguntasse daquelas manchas rubras, ele diria que era sangue de nascimento. Sangue da rocha. Puro e vital.





Senhora

R. Sandrini
São Paulo/SP

És apenas tu
Quem tudo vê
Calada confessional
Não julgas nem esconde
Atenta espectadora
Deitas sobre todos
Mãe dos apaixonados
Oferece-lhes, de bom grado,
Um teto para confessar
Sob tua manta

Somos	Para
Todos	ti
Poetas	meu luar

Pois esta senhora,
Estrelada e lunar,
Nunca se esquece
De a todos inspirar.





Suicídio Assistido Sobre Trilhos

Gabriel Cassar

Rio de Janeiro/RJ

A velha descamba a reclamar, de forma ininterrupta.

— Se eu soubesse que demoraria tanto assim para chegar em casa, teria pego um uber.

— Quanto dá de Botafogo até a sua casa? - questiona a outra velhinha, essa mais contida, sentada à frente da primeira.

— Costuma dar uns R\$45. Eu já pego uber ou táxi mesmo de qualquer jeito, o metrô me deixa numa estação muito perigosa, não dá para eu ir sozinha.

A conversa seguia aos berros, com a voz esganiçada da senhora irrompendo naqueles poucos metros quadrados de vagão. A moça do meu lado dava aquela bufada discreta e reposicionava os fones no ouvido. Quem não tinha música para escapar, desesperava-se, franzindo o rosto, coçando os olhos. Um desespero.

O metrô ia bem devagar, depois de ter ficado cerca de 40 minutos parado em Botafogo. Nós estávamos em Ipanema e não sabíamos a razão de toda aquela espera. O segurança me garantiu que o problema logo seria resolvido e eu tive que acreditar. Ir embora, jamais. R\$4,30 é muito dinheiro.

De repente, a voz aveludada do piloto aparece nos alto- falantes.

— Atenção, passageiros: tivemos um pequeno problema de presença indevida nos trilhos. Em breve, retomaremos nossa viagem.

E as conjecturas explodiram. Todos cochichando e supondo o óbvio: suicídio. Era o terceiro naquele mês e eu estive presente nas duas anteriores, tendo ficado preso em ambas.

O espanto pela morte alheia logo foi substituído pela impaciência de outrora. A velha continuou a reclamar, a menina a bufar e os trabalhadores, que só queriam voltar para casa depois de um dia exaustivo, a se desesperar.

— Pelo que me contaram, um senhor se jogou nos trilhos na estação de Botafogo — conversavam duas meninas do meu lado esquerdo. Mensagens pipocavam no grupo de whatsapp. Eu conhecia uma menina, que tinha uma amiga, que era irmã do tio do moço que se tacou. Todos pareciam querer fazer parte daquela triste história, porque aquela triste história era o fato mais relevante do dia de



todos. Em vez de bufar, reclamar ou se desesperar, alguém tinha decidido pôr fim à própria vida.

— Minha amiga presenciou tudo, disse que foi um velhinho e que pegou todos de surpresa. - a versão do idoso começava a ganhar tons de veracidade. Bom, estávamos indo em direção a Botafogo. A prova poderia ser tirada algumas estações depois.

Um impulso sádico me fez sair do vagão e procurar, por todos os cantos, vestígios do famigerado suicídio. Os bombeiros, cabisbaixos, passavam, em fila indiana, com a escada de incêndio no ombro e com os rostos fechados e sem graça. Perto da saída da Voluntários, ví algumas pessoas ainda atônitas, outras paradas na escada e outras no celular, contando aos parentes e amigos sobre aquela situação nefasta que haviam presenciado.

— Ele tava bem na minha frente, viado. E vi quando ele pulou. Muito doido. - dizia o rapaz, enquanto falava ao telefone.

Dei uma olhada para os trilhos. Nenhum vestígio de sangue ou membros, mas ainda era possível ver o aço deslocado, muita sujeira e algumas manchas no chão. Tentei reconstituir a tragédia na minha cabeça, mas não deu muito certo. Era hora de seguir em frente.

O metrô voltou a funcionar normalmente e eu fui tomar uma cerveja no Baixo Botafogo. O assunto do suicídio do velhinho ainda rendeu no início da conversa, mas nada mais do que isso. Eu precisava beber, a velha precisava reclamar, a moça precisava bufar e os trabalhadores precisavam se desesperar. A vida continuou. Será?

<https://medium.com/@gabrielcassar>





Um poema para a vida

Beth Fallahi

Poços de Caldas/MG

Hoje vemos todas aquelas crianças morrerem
Morrem nos braços da mãe, do pai, de um conhecido, um vizinho
Abandonados ao chão, ao relento, ao tormento
Apenas morrem
São milhares
Sem dó, nem piedade
Apenas morrem
São mortas, apenas morrem
Abandonadas a sorte
São anjos massacrados, não cometeram crime algum
Não opinaram, não escolheram
É tempo de caça
É tempo de eliminação
Eliminaram a dignidade, a fé, o amor, a piedade, a alma, o ser
É como se eles tivessem um alvo nas costas
Agora é hora de ajustar a mira
Não se pode errar
O mundo chora, ora
O mundo pede clemência, parece tarde demais
A tarde se põe, um rastro de sangue
A alma está marcada
Há poucos ali, agora respiram
O vermelho reflete o anoitecer
É a cor preferida da lua
A lua é sangue, é vermelha
As estrelas fugiram



Se esconderam de vergonha
Não voltam mais, assim como a nossa fé
A vida, a fé, a esperança
Se esvaire entre os dedos
Só há dor, fome, frio, sofrimento
As casas assim com a esperança estão em ruínas
Tudo está arruinado, e não tem prazo para acaba
Nunca mais saberemos amar
Não saberemos mais perdoar
A alma, o coração, o corpo
O meu ser grita em silêncio
Ao Deus, qualquer Deus
De joelhos vamos clamar.
Quem vai nos socorrer?
Quem vais nos ajudar
Quando nossa hora chegar.





Uma Cidade Chamada Inspiração

Luis Carlos Lucafe

Guaratinguetá/SP

Vou me apresentar: Me chamo Anfitrião da Silva e moro em uma cidade pequena mas muito aconchegante chamada Inspiração. Fica localizada em uma área encantadora onde os pássaros têm a incumbência de acordar os habitantes com sinfonias maravilhosas. Tudo funciona muito bem, como se Deus regesse os acontecimentos com sua batuta divinal.

Em minha cidade tudo acontece de uma maneira muito especial pois privilegiados que somos, temos o tempo inteiro para a criação. Poetas, pintores, escritores colhem as ideias como frutas em um farto pomar. Por isso, o nome da cidade não é mera coincidência. Todos são beneficiados por este dom. Mas hoje vou falar da música e de seus representantes. Artistas que são, não deixam de absorver o que lhes é oferecido: Muita Inspiração.

O fato que vou contar se deu há algum tempo atrás e nem me lembro bem a data exata. Numa bela tarde de domingo, os jovens moradores de Inspiração se deram com uma linda jovem, recém-chegada à cidade. O ponto de encontro da juventude local é a praça principal, onde a paquera e os namoros acontecem. E foi exatamente lá que a moça resolveu passear. Os olhares imediatamente se voltaram para ela. Seu andar, lento e compassado vinha acompanhado de um balanço dos quadris e um charme especial. Sua simpatia se espalhava pelo local e era sentida como se um perfume encantador irradiando magia atingisse a todos. Os rapazes estavam maravilhados. Suspiravam e imaginavam ter a honra de também encantar a linda moça.

Neste dia, a praça estava praticamente lotada. Lá estavam o filho do prefeito, rapaz de linhagem familiar chamado Rima, os sobrinhos do Juiz de Direito, o Bolero e o Maracatu, e também o despojado Rock, cujas vestimentas se destacavam por serem de couro negro. Braceletes pontiagudos brilhavam quando expostos ao sol. Bolero, elegantemente vestido, passava a mão pelos cabelos como se a todo momento um mísero fio saísse do lugar adequado. Maracatu estava mais à vontade pois não era assim tão ligado à sua aparência, embora procurasse também se mostrar disposto a flertar com a dama. Ali também desfilavam o Forró, primo de primeiro grau do Padre Baião, pároco local que, como já havia terminado a missa, passeava também pela praça carregando aos braços o gato de estimação chamado carinhosamente de Xóte. O jovem Frevo,



com sua sombrinha colorida, exibiu-se com uma agilidade ímpar quando passou pela moça, além do irreverente Xaxado que boquiaberto também admirava tal beleza.

Nesse momento, quando o silêncio, era assustador e só podia se ouvir suspiros e sussurros, eis que o irreverente Menestrel aproxima-se da jovem e lhe diz:

— Preciso saber seu nome, para que meu dia seja mais feliz.

A jovem após um breve silêncio respondeu:

— Me chamo Poesia. Vim visitar sua cidade pois meu primo, que se chama Carnaval, me incumbiu de uma missão: Preciso encontrar uma pessoa, que me transforme em música.

Nesse momento, o silêncio que já era de impressionar tornou-se ainda mais notório. Também pode-se ouvir uma breve exclamação. Menestrel voltou-se para os presentes e indagou:

— Quem poderia ajudar a jovem donzela?

Todos os rapazes se prontificaram. O Forró, o Frevo, o Maracatu e Baião e outros falaram em uníssono:

- Eu posso!

- Calma! Deixem a moça explicar melhor.

Nesse momento, alguém que ainda não tinha se deixado ver, aproxima-se, com passos gingados levemente trançados, em direção da jovem e bela Poesia.

Permita-me apresentar-me. Eu sou o Samba.

Agora, o silêncio abandonou a Praça e o burburinho assumiu seu lugar. Todos estavam impressionados com a audácia daquele moreno alto, de terno branco engomado que tinha o gingado como marca principal. Tirou o chapéu da cabeça e seguiu em direção à moça.

A jovem ficou impressionada. Não foi difícil perceber que Poesia se encantou com o Samba. Os olhares se fixaram um ao outro e por um período não se desviaram. O universo usou de toda sua perspicácia e os envolveu em seus braços fortes e tornou impossível que reagissem em sentido contrário. Cupido, que sobrevoava o local pousou sobre o galho de uma árvore e dali foi impossível errar o alvo. Flechou-os e o amor irradiou-se e seu efeito foi logo sentido por Samba e Poesia.

Logo ouviu-se um grito do fundo do peito vindo do indignado Rock, que não entendera a decisão mas rapidamente voltou atrás e, com sua voz rouca, proferiu também umas palavras de incentivo ao casal e ao final mostrou os dedos polegar e mínimo colocados de forma que os demais ficassem dobrados junto a palma da mão, urrando novamente. Daí o Frevo pegou sua sombrinha, colocou-a embaixo



do braço e se retirou. Assim também fizeram os demais. Com a elegância que lhe é peculiar, o Samba pediu a palavra.

- Calma gente. Sei que fui atrevido ao me colocar à frente de tão bela jovem e pretensioso em realizar a missão dada a ela. Esta jovem, chamada Poesia pertence a todos nós. Cada qual com sua maravilhosa arte. Só que eu fui mais rápido. Enquanto vocês estavam apenas observando eu tive a coragem de me apresentar. Agora cabe a ela decidir quem irá musicá-la. Eu apenas deixo aqui registrado a minha intenção de torná-la uma linda canção, que possa alegrar multidões, que ecoe por todos os cantos, levando essa sagrada missão que é a dada a todas as músicas, de todos os gêneros.

E Poesia respondeu ao Samba. Falando suavemente, com palavras rimadas e envolventes, demonstrou o interesse de tê-lo como gênero a ser usado para musicá-la.

- Sim, quero ser um Samba.

O primo de Poesia, Sr. Carnaval, quando soube da notícia ficou muito feliz e fez votos de felicidade eterna ao casal. Comunicou a todos os seus parentes. Avisou o samba enredo, o Partido Alto, o Pagode, o Samba Canção e o Samba Exaltação. Contou para o Samba de Gafieira e o Samba Carnavalesco. Todos responderam ao convite de participarem, cada qual na sua modalidade musical e se dispuseram a segui-los por onde fossem.

Em um bar, comumente frequentado por algumas pessoas como o Sr. Violão, apreciador de uma cerveja gelada acompanhada de um bom papo, usou seus bordões para executar um magistral elogio ao casal, um tal de pandeiro, que de tão feliz fez rufar suas platinelas como se estivesse aplaudindo a notícia, o Surdo, cidadão de corpo avantajado, dono de um sorriso bonito que, empolgado repicou o couro de seu instrumento. E Cavaquinho, moreninho alto e de sorriso aberto, solou uma canção tão linda que todos pararam para aplaudir. Chacoalho, também apelidado de Ganzá também se fez notar perante os outros.

E assim, todos os demais frequentadores como o Sr. Tamborim, D. Cuíca e D. Timba, imediatamente deixaram as cervejas e caipirinhas sobre o balcão e se dirigiram ao encontro de Samba e Poesia. Eufóricos, gritavam:

- Estamos com vocês. Estaremos prontos para atendê-los quando precisarem de nós. Seremos seus amigos e parceiros para sempre.

Não pensem que os outros moradores da cidade se entristeceram com o fato. Poesia, em seu discurso de aprovação ao Samba, fez questão de mencioná-los e se colocar à disposição para quaisquer eventualidades. Não poderia deixá-los sós, sem as letras maravilhosas que saíam de dentro dela. Imaginem o que seria do Cordel, senhor de uma simpatia peculiar se não fosse a sua Poesia. Até o Rock, rapaz de rebeldia pacífica, que profere palavras certas na hora exata se sentiria desfalcado se dela fosse tirado. O Forró, nas festas de São João, e assim



sucessivamente. Com a sabedoria de uma diva, Poesia conquistou não só o Samba mas a todos os outros.

E foi assim que Samba e Poesia se conheceram, se apaixonaram e de sua descendência nasceram muitos filhos. Muitos mesmo. Cada um mais bonito que o outro. E vieram netos, bisnetos, sobrinhos e afilhados. Intérpretes com vozes aveludadas, ritmistas, com brilhantes apresentações, assistas dignos de honrarias, dotados de habilidades fantásticas e magníficas evoluções. Compositores que dignificaram a escolha de Poesia pelo Samba. E daí em diante o destino se incumbiu de perpetuar esta linda união.

E eu, Anfitrião da Silva, que tive o prazer de recepcionar a linda Poesia posso dizer que gostei muito da escolha. Não que eu não goste de outros ritmos. Não é isso. Mas me parece que os dois nasceram um para o outro. E hoje me delicio com este casal que não só é a cara de minha cidade mas sim de todo meu país.

FIM





Uma Trova Pela Paz

Edweine Loureiro da Silva

Saitama - Japão

Tão bom seria o planeta,
livre de toda amargura,
se, num tiro de escopeta,
disparassem a ternura.



<https://www.facebook.com/edweine.loureiro>



Via-Crúcis

Jordão Pablo de Pão

Niterói/RJ

José atravessa correndo o asfalto.

No meio do caminho,

a ferida exposta clariceana.

O guri nem olha,

quer colocar seu bloco na rua,

travestir-se de Carmen,

assumir sua pele, assumir-se.

Não sabia o menino

dos perigos de viver por ali

de ser quem se é

de querer assinar sua existência.

Olha ainda confuso, ansioso, aflito

o maravilhoso clamor das ruas

no farfalhar de árvores humanas

que sussurram notórias inverdades

e criam narrativas paralelas



prementes do pulsar da arte
verdades inauditas pelo conforto
de serem questões do outro,
dramas que testemunham as emergências
e as urgências de estar vivo.

José, mergulhado no dispendioso mundo de quimeras, escolhe a dedo o tecido, o corte e a feição que o fará mais ele mesmo - será que não somos quando nua em pelo? José brincava de ser e estabelecia com a generosidade de quem se entende único uma nova forma de vida. Revelar o oculto o revelava, portanto ele era o próprio oculto, o insondável, a pertencença latente em um mundo de descuidos. José queria se cuidar, pagando o ônus e recebendo o bônus que isso guarda. Só não se permita ser café frio, menino José. A vida é de quem dá a cara a tapa.

jordaopablo.wordpress.com





Vida de Lixo

Marione Cristina Richter

Venâncio Aires/RS

Olá leitores, sou um velho cartaz colado num poste, há muito tempo esquecido, e vou lhes contar o que venho presenciando.

Um dia vi uma garrafa *long neck* num meio-fio, deprimida, com um resquício de álcool, sentindo-se abandonada, esquecida, lembrando-se de suas irmãs ainda na “vida *loka*” das prateleiras com álcool até o gargalo. Lembrava-se quando ainda estava junto delas, se questionando sobre as outras garrafas serem retornáveis e pensando “de que valia trabalhar a vida toda”? Pois é, esta é a questão, elas têm a vida toda pela frente e não serão jogadas na sarjeta depois de usadas.

Próximo ao *long neck* jazia amassada uma latinha de refrigerante, agonizando depois que um carro passou por cima dela. Tantas outras foram recolhidas para viverem outra história, outra oportunidade de mostrar o seu valor. Como puderam esquecê-la ali, daquela maneira tão descuidada. Ela tinha tanto a oferecer!

Alguns tocos de cigarro, descansando inertes na calçada, alheios ao charme dos papéis de balas coloridos, se assustaram com uma sombra que passou sobre eles, mas logo perceberam se tratar de uma sacolinha plástica que, livre de seu fardo de carregar o mundo dentro de si, se deixou levar ao sabor do vento, se deliciando com a liberdade e a leveza, enquanto que no chão muitas latas, garrafas, papéis, plásticos e alguns metais se faziam perdidos à tristeza e ao abandono. De repente, um rodopio no céu e a percepção de uma virada no tempo.

Caiu a chuva e por causa do grande volume de água criou-se ondas que arrastaram aqueles mendicantes de meio-fio, quando surgiu a ameaça de um profundo precipício chamado bueiro.

Com o medo do afogamento e de serem engolidos por aquela boca sedenta



e insaciável, uniram-se em busca da sobrevivência, dando-se as mãos para evitar que fossem levados para o mundo submerso. Alguns sucumbiram ao cansaço e a desesperança. Muitos, porém foram fortes e juntos fecharam aquele precipício, impedindo até mesmo da água entrar. Nem a sacolinha voadora, com o peso d'água da chuva, suportou e caiu desmaiada no grande riacho, e por causa de sua inconsciência não conseguiu se segurar em nada e foi levada pelas correntezas para longe dali.

Após a tempestade veio a calmaria e o silêncio mórbido daqueles entulhos afogados. Então, surgiram os humanos, reclamando daqueles invasores que sujavam o pátio da casa, a calçada da loja, ou por terem impedido o fluir das águas e finalmente os recolhem às suas tumbas, para então terem uma nova história, numa outra vida ou o eterno descanso do aterro.

Sei que sou só um velho cartaz, vendo esta cena dia após dia, mas penso que se esses pobres objetos fossem encaminhados logo para um novo destino, a vida de "todos" seria mais fácil e feliz e não esse lixo.





Voos Marginais

Paulo Ras
Paranaguá/PR

Claustrofobemos nossa paixão em um recato emudecido, este sexo tântrico vazando prazeres pela nossa imaginação de oito terabytes, em full HD. Alise minhas coxas com tua língua afiada de sussurrar sulcos na minha pele, e você, sedenta, sorrirá rouge sanguíneo pelo canto da boca. E teu sorriso no espelho, tuas taras devotadas em meu altar de luxo e torpor, cale minha boca com teu púbis em chamas, fujo ainda que seja amanhã, pois o hoje nos assombrará sempre com essa certeza de ser permanente. O hoje é sempre o nosso agora, então divirtamo-nos em nossa mesa de delícias, teus seios macios, tuas carnes frementes, teus delírios extáticos. Veja, meu bem, queimei o livro de Maiakovski, a nossa luta é sem bandeira, nossa nudez é sem ideologia, apenas somos costurados na pele dos nossos prazeres diletos. Feito tanto, moldarei minha mão no formato dos teus seios em riste para cheirar teu perfume de perda nua, nas horas em que o vício apertar meu peito, corroer meus pulmões, pedir tuas notas mais lisérgicas para meus voos marginais. Veja muito, vejo pouco. E nada do que tenho pode ter algo que não seja gerado do teu nome em impropérios em minha boca de te vadiar em segredos.

<https://www.facebook.com/paulo.ras.9>





Votar em prol de um país pior

Ricardo Nunes Simões

Loures - Portugal

Fui votar pela primeira vez e, assim que coloquei o voto na urna, arrependi-me. O que me vale é que só votei para as Autárquicas, porque se fosse para as Legislativas a minha consciência teria ficado bem mais pesada. Não me interessa muito a opinião de pessoas sobre o facto de o voto ser um direito ou um dever do cidadão. Eu sei que o meu voto é considerado um direito porque eu tenho o direito de tê-lo, logo tenho o direito de considerá-lo. E decidi considerá-lo um direito.

Sem dúvida que não há pior sensação do que quando nos consideramos ultra intelectuais e conhecedores de matéria, em que, de facto, somos autênticos eruditos, e um paspalho qualquer decide atirar bitaites retardados para o meio da atmosfera, fazendo com que nós acabemos por respirar aquilo. Eu senti-me o atirador de bitaites quando fui votar. Contaminei o ar, mas foi sem querer. Se eu percebo menos de política do que o Trump, para quê votar? Se calhar deveria estudar o assunto, para poder votar e sentir-me um verdadeiro cidadão – dirão alguns. Isso seria tornar o meu direito num dever, porque o meu interesse em estudar política é muito mais pequeno do que um anão que sofreu um aborto. Podem dizer-me que se trata de falta de opinião e eu agradecer-vos-ei, porque, até então, não tinha ainda descortinado o termo que mais se apropriasse à privação das minhas crenças. Sou uma pessoa com falta de opinião política e, como tal, não devo votar para não estragar isto ainda mais, se é que dá. Cada vez que toco na política, vou apalpando terreno, como que lhe fazendo cócegas, para perceber até que ponto ela se queixa das barbaridades que eu digo e até onde pode ir a minha penúria. Geralmente estico-me e acabo por ir bastante longe e, depois disso, sinto remorso.



É certo que inúmeras vidas se perderam na luta contra a ditadura para que hoje pudéssemos viver numa democracia, mas não creio que o objetivo principal do revolucionário era adquirir o direito ao voto, mas sim adquirir o direito a não ser escravizado. Ou mutilado. Parece-me razoável. No entanto, defender que todos deveriam votar e que quem não o fizer é antipatriota parece-me um argumento muito pouco justo. Neste momento, metade do mundo sacrifica-se para que, quando esteja a chover, se possa ir votar acompanhado do chapéu de chuva. Metade do mundo sacrifica-se para que, quando esteja sol, se possa ir votar em grande estilo, de *Ray-Ban*. Metade do mundo sacrifica-se para que múltiplas experiências em sistemas de votação *online* sejam feitas. A metade pobre do mundo dá todos os utensílios de que a metade rica precisará na hora do sufrágio. Estou certo de que a metade pobre é bem mais antipatriota do que eu, até porque receber dois dólares por semana enquanto se trabalha 12 horas por dia é capaz de ser um bocadinho chato, e acaba por não nos fazer sentir o apreço devido pelo nosso país. Peço, desde já, desculpa a todas as crianças escravizadas por ser contra o voto e não ter intenção de voltar a exercê-lo. Realmente, vocês dão-me tudo e eu, como monstro que sou, recuso-me a retribuir-vos.





Zepelins Imaginários

Marven Junius Franklin

Oiapoque/AP

I

O meu sonho?
Ah! Ele segue o trilho
de coloridos zepelins imaginários
que zanzam capengas rumo ao fim do mundo
(ele é embarcadço
em naus portuguesas
que navegam desnorteadas
em busca de aleatórias índias acidentais)

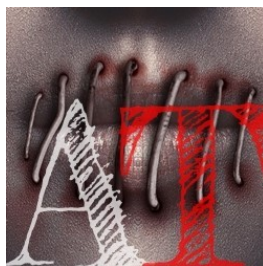
II

O meu sonho?
Ah! Ele espreita
janelas adormecidas
a tatear ilusões em covas rasas de anfibologias
(ele é delicado
como frágeis lepidópteros
a esvoaçar em meu quintal de sombras)

III

Ah, o meu sonho?
É rio que corre aperiódico
sobre enfadonhos mares fenecidos
(engole vidas e anseios
aparta alfobres de girassóis
e cobreja em calvários e vales da morte
até soçobrar entorpecido
na plataforma de embarque
de minhas incertezas)

www.facebook.com/Marvenpoeta/



Convocatória: A Arte do Terror – Volume 5 - “A Arte da Guerra”

O projeto "A Arte do Terror", juntamente com a Elemental Editoração convoca escritores de todos os lugares para sua mais nova coletânea *A Arte do Terror – Volume 5 - "A Arte da Guerra"*, que fará uma homenagem ao fim da 1ª Guerra Mundial, que este ano completa 100 anos.

O projeto é totalmente gratuito e digital. Em cada volume o autor pode disponibilizar seu conto de Terror que irá para o volume criado e será publicado pelo selo independente Elemental Editoração.

Não deixem de participar!! (Não Percam!! Ainda dá tempo!!)

Acessem o site para ler o edital com o regulamento completo e também para conhecer as edições anteriores:

<https://aartedoterror.weebly.com/edital>





Lançamento E-book Olhos Apagados

O autor paulista Carlos H. F. Gomes, nos traz a oportunidade de ler um e-book com uma história fascinante, que ele escreveu em homenagem a seu pai; numa linguagem dinâmica, “Olhos Apagados” é um conto fantástico à moda brasileira, onde fantasia e realidade se misturam e o amor entre pai e filho fala mais alto. Não deixem de ler e/ou baixar essa obra emocionante!

Olhos Apagados

Autor: Carlos H. F. Gomes

Sinopse: Sonhei que meu pai enfrentava uma presença sombria para me proteger. O sonho me levou em uma viagem pela linha do tempo da minha vida, fazendo-me reviver momentos de nossa relação próxima de pai e filho, momentos em que quase morri e havia aquela presença sombria de capuz e olhos vermelhos por perto. Entre ficção e realidade, o conto mostra parte do poder do coração da criatura fantástica que conheci como meu pai. E quando chegou o dia que ele deixaria de me proteger, aquela presença sombria também esteve presente, com seu capuz amarrotado e os OLHOS APAGADOS.

Baixe GRÁTIS:

Amazon:

<https://www.amazon.com.br/dp/B07641F4B7>

GooglePlay:

https://play.google.com/store/books/details/Carlos_H_F_Gomes_Olhos_Apagados?id=45swDwAAQBAJ...

Smashwords:

<https://www.smashwords.com/books/view/741960>

Recanto das Letras:

<http://www.recantodasletras.com.br/e-livros/6082563>



ISSUU:

<https://goo.gl/ppnrRu>

Ciando:

<http://www.ciando.com/ebook/bid-2335948-olhos-apagados.html>

Gardners:

<https://www.gardners.com/Search/KeywordAnonymous/eBook?Keyword=9781370029891&fq=14123>

Kobo:

<https://www.kobo.com/ww/en/ebook/olhos-apagados>

Scribd:

<https://pt.scribd.com/book/356262111/Olhos-Apagados>





10º Festival de Sonetos da Ajletras

Participem do *10º Festival de Sonetos "CHAVE DE OURO"*, Concurso Internacional promovido pela *Academia Jacarehyense de Letras*.

Participação gratuita e prêmios em dinheiro, não percam!!



Regulamento e informações neste site:

http://www.ajletras.com.br/page_6.html





Conto um conto – vamos “ouvir” literatura

Todos sabem que apoiamos projetos e/ou iniciativas que promovem inclusão e facilitam o acesso livre a arte, em especial a literatura, por isso, apresentamos o canal do youtube “Conto um Conto”, onde textos clássicos e populares são narrados e interpretados pelo locutor Marcelo Fávoro.

Criado para facilitar o acesso à literatura por meio de contos narrados para os deficientes visuais, o canal proporciona entretenimento de qualidade para todos os amantes da boa literatura; Tem Guimarães Rosa, Stephen King, Edgar Allan Poe, Machado de Assis e muito mais

Conheçam, se inscrevam e aproveitem.

Ouvir histórias é relaxante e instrutivo!!

<https://www.youtube.com/channel/UCsqheVzvPGoI6S3pP3MBIhg/featured>

The screenshot shows the YouTube channel page for 'Conto um conto', which has 2,730 subscribers. The 'VÍDEOS' tab is selected. The 'Uploads' section displays a grid of featured videos:

Thumbnail	Title	Duration	Views	Time
	A Terceira Sou Eu - F. P. Santos - Conto um Conto	7:14	144 visualizações	23 horas atrás
	Microcontos de Terror 2 - Conto um Conto	6:44	299 visualizações	5 dias atrás
	Allan Poe, Lovecraft, Machado e Rosa - Bate pap...	7:50	406 visualizações	6 dias atrás
	Curiosos Contos de Terror - Conto um Conto	7:35	363 visualizações	6 dias atrás
	As Ruínas Circulares - Jorge L. Borges - Conto um Conto	16:55		
	Angústia - Anton Tchekhov - Conto um Conto	18:15		
	O Cão de Caça - Lovecraft - Conto um Conto	29:59		
	Nunca aposte sua cabeça com o diabo - Edgar A. Poe ...	29:48		



LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

"Blog Concursos Literários" - Blog criado em 2011, com o objetivo de divulgar editais e resultados de concursos literários e prêmios literários.

É considerado por muitos autores como uma fonte completa e acessível de editais e resultados de premiações realizadas no Brasil e em todo o mundo. O projeto também é elogiado por não incluir em suas postagens os concursos que cobram quaisquer taxas de inscrição ou publicação dos autores. Além disso, muitos organizadores de concursos literários reconhecem este espaço como uma referência no apoio à divulgação.

Acessem o site e conheçam os Concursos do mês, do ano e as seleções permanentes:

<https://concursos-literarios.blogspot.com.br/>

CONCURSOS



LITERÁRIOS



"Casa Brasil Liechtenstein" - uma organização cultural criada para promover eventos e cursos para brasileiros na Europa.

<https://www.facebook.com/casabrasil.li/>



"Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portfólio e participe:

<http://mulheresaudiovisual.com.br/>



Elemental Editoração”



Elemental Editoração é um selo editorial independente do qual edita e publica livros nos formatos impressos e digitais sem qualquer vínculo com editoras.

<https://seloee.weebly.com/>



**Leia e baixe gratuitamente
e-books com coletâneas de vários autores.**

<https://www.rosimeiremotta.com.br/e-books-gratuitos.htm>



**As inscrições para a próxima edição vão até
05/06.**

Envie seu(s) texto(s) o quanto antes.

Também aceitamos, fotos, desenhos, tirinhas, etc...

Leia as edições anteriores em nosso site!

Assine a revista e não perca nenhuma edição.

Antes de enviar, leia nosso regulamento no site.

**Os textos enviados fora do prazo serão reservados
para edições futuras.**



**Vamos mudar o mundo
através
das palavras!!**

<http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralive>

<https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre/>